

**Os valores semânticos das preposições *a*, *até* e *para* em
Português Europeu
Trajetórias, fronteiras, telicidade e topologia**

Manuel Luís Costa

Tese de Doutoramento em Linguística

Abril, 2014

Declaro que esta tese é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

O candidato,

Lisboa, de de

Declaro que esta tese se encontra em condições de ser apreciado pelo júri a designar.

O(A) orientador(a),

Lisboa, de de

Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Linguística, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Clara Nunes Correia

À memória do meu pai

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero expressar a minha profunda gratidão à Professora Doutora Clara Nunes Correia pela orientação desta dissertação. A atenção que dispensou à construção e elaboração desta dissertação foi preciosa. Pelas leituras atentas e pela exigência permanente de rigor e clareza, pela disponibilidade, pelo entusiasmo, pelo sentido de humor, manifesto o meu profundo reconhecimento.

Aos meus colegas do Grupo de Gramática & Texto do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa, quero expressar o meu reconhecimento pelas palavras de incentivo e pelo contributo que, de forma direta ou indireta, em diferentes sessões de trabalho, tiveram na discussão dos dados estudados nesta dissertação.

A Equiparação a Bolseiro concedida pelo Ministério da Educação, concedida ao abrigo do Regulamento anexo ao Despacho Normativo ° 23/98 de 11 de março, publicado no Diário da república I Série, nº 77 de 1 de abril de 1998, foi decisiva num primeiro momento de redação desta dissertação.

À minha família e amigos, agradeço a compreensão por algumas ausências.

Por último, agradeço à Zé e ao Manel a inteligência da proximidade distante que souberam conservar, a compreensão pelos instantes subtraídos à família e o apoio incondicional.

OS VALORES SEMÂNTICOS DAS PREPOSIÇÕES *A*, *ATÉ* E *PARA* EM
PORTUGUÊS EUROPEU
TRAJETÓRIAS, FRONTEIRAS, TELICIDADE E TOPOLOGIA

MANUEL LUÍS COSTA

RESUMO

O objetivo principal desta tese consiste na proposta de uma análise semântica das preposições *a*, *até* e *para* em português europeu (PE), tendo em conta as categorias linguísticas tempo, aspeto e determinação.

Partindo da observação de contextos de coocorrência entre verbos de deslocação (VVD) / verbos de maneira de movimento (VVMM) e SP direcionais, em que estão presentes as preposições *a*, *até* e *para*, procede-se ao estudo das propriedades das eventualidades associadas a estas construções.

Tendo em conta os efeitos produzidos por estas construções em termos de telicidade, delimitação temporal de fronteiras e das trajetórias construídas é possível resumir os seguintes factos:

- (i) as construções VVD+SP direcional denotam situações télicas e delimitadas temporalmente. Também as trajetórias construídas são delimitadas. As propriedades das construções não são sensíveis à preposição selecionada.
- (ii) as construções VVMM+SP direcional são sensíveis à preposição selecionada para preencher o núcleo do SP. Assim, quando estes verbos coocorrem com a preposição *até*, as construções denotam situações télicas e delimitadas temporalmente e as trajetórias são delimitadas. Em coocorrência com a preposição *para*, a interpretação das situações é ambígua, podendo denotar situações télicas e (não)delimitadas, assim como trajetórias (não)delimitadas.
- (iii) só a combinatória dos SP direcionais com verbos de maneira de movimento, tipicamente interpretados como processos, permite observar efeitos de transicionalidade aspetual.

Face ao exposto, o estudo das construções do tipo *directed motion* permite retirar algumas implicações importantes para a semântica das preposições.

No presente trabalho, esta perspetiva de investigação articula-se com uma outra em que as preposições são tratadas como marcadores de noções de natureza híbrida (lexicais e gramaticais), o que permite uma análise integrada de propostas desenvolvidas no âmbito de diferentes quadros teóricos, tais como a semântica cognitiva e a teoria das operações predicativas e enunciativas.

Assim, defende-se como uma das ideias centrais desta tese que as preposições são marcadores relacionais. Na relação X R(PREP) Y ativada pela preposição, os dados estudados permitem concluir que as preposições *a*, *até* e *para* funcionam como preposições de tipo divisão, localizando o termo X em relação a uma determinada zona do domínio associado a Y.

Globalmente, com esta dissertação, propõe-se uma descrição e explicação do funcionamento das preposições *a*, *até* e *para* em PE, suportada pela análise das construções em que ocorrem, em contraste com uma perspetiva de análise tradicional em que os valores das preposições são definidos pelas propriedades do nome que ocorre à sua direita.

PALAVRAS-CHAVE: preposição, relação, *directed motion*, verbos de deslocação, verbos de maneira de movimento, trajetória, fronteira temporal, telicidade, topologia, teleonomia, aspeto.

THE SEMANTIC VALUES OF THE PREPOSITIONS *A*, *ATÉ* AND *PARA* IN
EUROPEAN PORTUGUESE
PATH, BOUNDEDNESS, TELICITY AND TOPOLOGY

MANUEL LUÍS COSTA

ABSTRACT

The main goal of this thesis is to present the semantic analysis of the prepositions *a*, *até* and *para* in European Portuguese, regarding temporal boundaries, aspect and determination.

This study examines how the properties of eventualities are denoted by the directed-motion constructions containing goal of motion verbs (GMV) / manner of motion verbs (MMV)+directional PPs, headed by the prepositions *a*, *até* and *para*.

Regarding the potential shifts these constructions produce, as far as telicity, boundedness and path properties are concerned, it is possible to list the following findings:

- (i) GMV+directional PP constructions denote telic and bounded situations. Paths are also bounded. Regardless of the preposition one selects, the meaning of the directed-motion construction doesn't shift.
- (ii) MMV+directional PP constructions may shift its meaning depending on the preposition one selects. If the head of the directional PP is *até*, the directed motion construction will be interpreted as telic and bounded. The path is also bounded. If the head of the directional PP is *para*, the sentences are ambiguous. Two possible interpretations are available: although in both cases sentences denote telic situations, both situations and paths can be classified as (un)bounded.
- (iii) If combined with directional PPs, MMV, denoting processes, are subjected to aspect shifts.

Dealing with the directed-motion constructions, allows this study to set the ground for some important assumptions regarding the semantics of prepositions.

After studying the aspectual role played by the directional PPs, the research approach addresses the classification of prepositions as hybrid markers (both lexical and grammatical). In order to proceed with this task, cognitive semantics and predicative and enunciative theoretical frameworks will be called into play.

One of the basic assumptions of this thesis is prepositions are relation markers. Hence, the relation X R (PREP) Y is activated by the preposition. The data presented provide evidence to treat *a*, *até* and *para* as division type prepositions, locating the term X to a certain zone of the domain associated with Y.

To summarize, the thesis aims at the semantic description of Portuguese prepositions *a*, *até* and *para*, in the context of constructions. This perspective contrasts with some more traditional approaches, in which preposition values are defined by the semantic properties of the noun to its right.

KEYWORDS: preposition, relation, directed motion, goal of motion verbs, manner of motion verbs, path, boundedness, telicity, topology, teleonomy, aspect.

ÍNDICE

1. Introdução	1
1.1. Enquadramento metodológico	3
2. Para a definição do conceito de preposição	7
2.1. Critérios de classificação.....	7
2.2. O estatuto de relator	8
2.2.1. A proposta de V. Brøndal [1940] (1950) – o critério funcional	9
2.2.2. Os termos da relação e a noção de subordinação – o critério sintático.....	14
2.2.3. Predicações relacionais: o conceito de relação no quadro da Linguística Cognitiva.....	17
2.2.4. Problemática da identificação dos termos da relação	19
2.3. Dos valores da preposição: o primado do espacial	21
2.4. Hibridismo nocional das preposições: entre a “noção lexical” e a “noção gramatical”	24
2.4.1. O conceito de noção.....	25
2.4.2. Dicotomia lexical-gramatical.....	26
2.4.3. Estudos sobre a gramaticalização – critérios para a distinção lexical-gramatical.....	27
2.5. Identidade semântica e variação das preposições	30
3. Os SP direcionais enquanto marcadores de natureza aspetual	35
3.1. Introdução	35
3.2. Classificação semântica dos Verbos de Movimento.....	38
3.3. Modelos de lexicalização	45
3.4. Integração dos SP locativo-direcionais na análise da categoria aspeto.....	48
3.4.1. Síntese	62
4. Os SP direcionais e a categoria aspeto em português Europeu	65

4.1. As preposições <i>a</i> , <i>até</i> e <i>para</i> – nótulas sobre a sua etimologia.....	65
4.2. A expressão do movimento.....	66
4.2.1. Construções com VVD.....	68
4.2.2. Síntese.....	84
4.2.3. Construções com VVMM.....	85
4.2.4. Identificação de X na relação X R Y.....	90
4.2.5. Combinatória com os tempos gramaticais.....	93
4.3. Limites da proposta explicativa.....	124
5. Preposições de tipo divisão.....	127
5.1. O conceito de topologia.....	127
5.2. Divisão e discernimento.....	130
5.2.1. As preposições <i>a</i> , <i>até</i> e <i>para</i> e a estruturação do domínio em zonas.....	136
5.2.2. Variação e invariância: o caso de <i>para</i>	142
6. Conclusões finais.....	157
Índice remissivo.....	163
Referências bibliográficas.....	165

Símbolos e abreviaturas

[±del] – ± delimitado

[±ft] – ± fronteira temporal

C₀ – argumento externo

C₁ – argumento interno

ca – centro atrator

co – centro organizador

E – exterior

F - fronteira

I – interior

IE – E reforçado; fora do domínio

P – noção

p, p' – domínio nocional

PPC – pretérito perfeito composto

PPS – pretérito perfeito simples

SN – sintagma nominal

SP – sintagma preposicional

T₀ – tempo da enunciação

T₂ – tempo do enunciado

TOPE – teoria das operações enunciativas e predicativas

VVD – verbos de deslocação

VVMM – verbos de maneira de movimento

1. Introdução

O objetivo da presente dissertação consiste na caracterização dos valores semânticos das preposições *a*, *até* e *para* em português europeu. Com este trabalho, visa-se a construção de um fragmento de gramática que permita descrever e explicar o funcionamento da semântica dos SP direcionais em combinação com VVD (verbos de deslocação) e com VVMM (verbos de maneira de movimento). Deste modo, e partindo da análise dos contextos em que é representado um evento de movimento, são retiradas implicações para a semântica das preposições. A caracterização dos valores ditos espaciais e temporais-aspetuais das construções de tipo *directed motion* é complementada pela análise das preposições enquanto marcadores de relações topológicas.

O quadro teórico em que me situo para a elaboração desta dissertação é de natureza plural. Tendo em vista o estudo dos efeitos aspetuais dos SP direcionais e da problemática associada à construção do evento de movimento, benefício dos contributos da Semântica Cognitiva (Talmy 1985; Vandeloise [1986] 1991, 1987), da Semântica Conceptual de Jackendoff (1996) e dos dispositivos teóricos utilizados por Krifka (1992), Verkuyl & Zwarts (1992) e Tenny (1994, 1995a, 1995b).

Assumindo o estatuto relacional das preposições, considero vantajoso o recurso às propostas desenvolvidas no âmbito da TOPE (Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas), as quais favorecem o tratamento das relações entre variação e invariância. Neste sentido, e visando a descrição das operações invariantes suscitadas pelas preposições *a*, *até* e *para* na constituição das relações X R Y, recorro às propostas de Culioli (1990, 1999a, 1999b), de Franckel & Paillard (1997, 2007), de Vogüé & Paillard (1997), e de Paillard (2002).

No âmbito deste quadro teórico, assumo ainda que os termos lexicais são construídos, opondo-me à noção de primitivos semânticos (sejam eles definidos através de uma combinatória de semas ou através de características/propriedades como a agentividade, a incoação ou a intencionalidade, por exemplo).

A dissertação está dividida em três partes.

À primeira parte, correspondem os capítulos 2. e 3..

No capítulo 2., são discutidos os critérios que contribuem para a definição do conceito de preposição. No âmbito desta discussão, assume-se a preferência pelo critério funcional, o que permite tratar a preposição como marcador relacional ou relator. Neste capítulo, procede-se ainda ao estudo do hibridismo nocional das preposições, defendendo-se que estas funcionam simultaneamente como noções lexicais e gramaticais.

O capítulo 3. permite introduzir uma classificação semântica dos verbos de movimento. Procede-se também à descrição das funções semânticas (Jackendoff 1996) associadas ao evento de movimento e do impacto aspetual dos SP locativo-direcionais. Seguindo as propostas de Dowty (1991), Krifka (1992), Polard & Sag (1987, 1994) e Filip (1999), considera-se que o verbo e o SP direcional impõem restrições semânticas mútuas, as quais contribuem para a interpretação de *directed motion* do enunciado.

Na segunda parte desta tese, correspondente ao capítulo 4., procede-se ao estudo das construções VVD+SP direcional e VVMM+SP direcional.

Os dados do português Europeu permitirão demonstrar que, no caso do combinatória das três preposições em estudo com os VVD, as Situações serão interpretadas como télicas e [+ft] – *bounded*. As Trajetórias associadas ao evento de movimento irão caracterizar-se pela propriedade [+del].

A combinatória das preposições *até* e *para* com os VVMM, e à semelhança do que sucede noutras línguas como o inglês, o francês e o espanhol, dá origem a efeitos de transicionalidade aspetual. Como veremos, as Situações podem ser interpretadas como [+ft] ou [-ft]. Também as Trajetórias podem caracterizar-se pela propriedade [+del] ou [-del]. Considerar-se-á que, embora estas propriedades ou valores sejam marcados pelas construções, elas são sensíveis à preposição que preenche o núcleo do SP. Assim, o estudo destes contextos revelar-se-á produtivo para a semântica das preposições, na medida em que a ocorrência das construções VVMM+SP direcional com as preposições *até* e *para* marca, respetivamente, as propriedades [+ft], [+ del] e [±ft], [±del].

O estudo da combinatória das construções VVD+SP direcional e VVMM+SP direcional com outros tempos verbais que não o PPS permitirá sustentar a tese do estatuto relacional das preposições. De facto, quer as eventualidades denotadas quer as propriedades das Situações e Trajetórias resultam da convergência de diferentes

marcadores que incidem sobre a relação predicativa afetando-a com valores referenciais.

Neste capítulo, é ainda descrita a identidade variável do termo X, na relação X R Y.

Na última parte da dissertação (capítulo 5), recorre-se ao conceito de domínio nocional nos termos da TOPE para sustentar a hipótese de que as preposições em estudo correspondem ao tipo divisão (cf. Franckel & Paillard 2007, e.o.). Neste sentido, considera-se que a preposição, enquanto marcador relacional, associa o termo X a uma zona do domínio representada pelo termo Y. Assim, em X R Y, a preposição (R) opera um trabalho específico sobre a relação, definindo e redefinindo a identidade de um dos termos no quadro da relação. Como veremos, esta assunção é importante para explicar algumas diferenças de sentido intuídas pelos falantes no que respeita ao uso das preposições *a*, *até* e *para*.

Neste capítulo, é ainda ilustrada a pertinência de uma análise transcategorial no que diz respeito ao estudo das preposições. Tomando como exemplo o caso de *para*, sustenta-se que, independentemente dos contextos verbais ou nominais, proposicionais ou interproposicionais, e da categoria sintática da palavra (preposição ou conjunção), o marcador está associado a uma operação invariante. Esta perspetiva permite descrever os valores das preposições no que respeita à construção de ocorrências de noções complexas – as relações predicativas <r> – e de ocorrências nominais. Permite igualmente propor uma descrição dos valores temporais, aspetuais e modais associados por construção às preposições.

1.1. Enquadramento metodológico

Nas palavras de Berthonneau e Cadiot (1991:3), “[la] difficulté essentielle de l’étude des prépositions est qu’elles ne se laissent appréhender qu’au travers de leurs contextes d’emploi, qui démultiplient les interprétations.”

Tal dificuldade não é, de modo algum, exclusiva do estudo das preposições, manifestando-se qualquer que seja o objeto de estudo em linguística. No entanto, é inequívoco que o estatuto de noção gramatical das preposições exige uma atenção particular às suas propriedades distribucionais, isto é, ao cotexto e/ou contexto, o que

poderá conduzir à identificação de toda uma multiplicidade de valores empíricos e intuitivos.

Tendo em vista a identificação de regras de boa formação, adota-se um procedimento metodológico habitual nos estudos linguísticos, que consiste na manipulação de sequências linguísticas.

Assim, de entre a totalidade dos fenómenos linguísticos, irei isolar agenciamentos de marcadores – *a*, *até (a)* e *para*. Através de transformações morfológicas e sintáticas controladas, incidindo sobre as categorias gramaticais tempo, aspeto e determinação (nominal e verbal), procede-se à construção de classes de fenómenos possíveis/impossíveis, constituindo, deste modo, um problema.

Os objetivos subjacentes à manipulação não se esgotam, no entanto, na linearidade das ocorrências empíricas e no estudo da latitude de coocorrências das unidades numa sequência (análise distribucional). Deste modo, para a explicação da boa ou má-formação das sequências, torna-se necessária a passagem à abstração, através de um sistema de representações metalinguísticas, que permita distinguir o estável do contingente.

No que respeita às manipulações linguísticas, é importante referir que estas foram testadas junto de falantes adultos de português europeu, com idades compreendidas entre os trinta e os sessenta anos.

A par da manipulação de sequências textuais, recorro igualmente a exemplos atestados no *corpus* CETEMPúblico.¹

O corpus consultado permitiu o acesso a enunciados do português europeu contemporâneo² produzidos por um número considerável de falantes em registo escrito (notícia, reportagem, crónica, artigos de opinião) e em registo oral controlado (citações e entrevistas).

¹ Corpus de Extractos de Textos Electrónicos MCT/Público). Este *corpus* foi criado em 2000 através de um protocolo entre o Ministério da Ciência e Tecnologia e o jornal *Público*. Trata-se de um corpus de grandes dimensões (cerca de 180 milhões de palavras), formado por fragmentos textuais de extensão variável extraídos de 1500 edições diárias do jornal *Público*.

² Apesar da existência de alguns textos escritos por autores brasileiros e africanos, estes representam uma parte diminuta do *corpus* (0,2%) (cf. Rocha & Santos 2000: 2).

Apesar de o *corpus* CETEMPúblico ser constituído por extratos textuais, não permitindo o acesso a contextos alargados – ou ao texto não sua integridade –, não se considerou pertinente para o estudo das preposições o recurso a *corpora* diferentes.

A consulta de exemplos do *corpus* CETEMPúblico visou a validação ou controle das sequências linguísticas manipuladas. Para este efeito, não se considerou necessária o recurso à quantificação estatística.

Para além dos exemplos extraídos do CETEMPúblico, procedeu-se, pontualmente, à seleção de exemplos a partir de outras fontes, como sejam obras literárias e dicionários.

2. Para a definição do conceito de preposição

2.1. Critérios de classificação

Na literatura da especialidade, diferentes critérios têm sido utilizados para definir o estatuto teórico da preposição. Desde o criador do conceito³, o filósofo Dionísio, o Trácio (170 a.C.-90 a.C.), com o termo grego *πρόθεσις*, traduzido para latim como *praepositio*, os autores têm optado por assumir critérios etimológicos ou posicionais, funcionais, morfológicos, sintáticos e/ou sintático-semânticos.

Em Cadiot (1997), discute-se o estatuto teórico do conceito de preposição, sendo analisada a validade destes diferentes critérios. Apresenta-se, seguidamente, uma síntese da discussão levada a cabo por este autor. Nas secções seguintes do presente capítulo, proceder-se-á ao estudo das implicações teóricas e metodológicas de alguns dos critérios aqui referenciados.

Assim, e no que respeita ao critério etimológico, considera-se que a expressão *prae positio* significa literalmente «Acção de pôr diante ou à frente de»⁴. Este critério é, evidentemente, muito impreciso uma vez que a preposição em diferentes línguas pode muito bem ser uma posposição – em latim, por exemplo, *mecum* (comigo) – ou uma circumposição – em alemão, *von mir aus* (por mim) e *über die Brücke durch* (literalmente, *sur le pont à travers*). O critério posicional pode ainda ser criticado na medida em que também outras unidades da língua podem ocupar uma “pré-posição” ou uma “pós-posição”. É o caso, por exemplo, das conjunções coordenativas em latim, em que é possível identificar *et* e *vel* pré-posicionais e *-que* pós-posicional.

O critério funcional tem sido outro dos critérios utilizados para definir o estatuto de preposição. Como veremos abaixo (cf. secção 2.2. do presente trabalho), o critério funcional assenta nos conceitos de relação ou de relator. Apesar da crítica dirigida a este critério por Cadiot (1997: 18), segundo a qual a noção de relação é válida para qualquer morfema gramatical, não sendo portanto específica da preposição, assumirei, na sequência de autores como Brøndal (1950), Pottier (1962) e de Hagège (1997), o estatuto relacional das preposições.

³ Cf. Brea (1985: 149).

⁴ Cf. Ferreira (1983: 916).

Alguma da literatura clássica sobre o tema debateu também a opção por critérios morfológicos e sintáticos. No que respeita a este debate, importa referir que o critério morfológico para a classificação das preposições não é o mais indicado. De facto, e como é apontado por diferentes autores (cf. Cadiot 1997: 18), as preposições ou as unidades morfológicas identificadas com elas são frequentemente prefixos, advérbios ou conjunções.⁵

Colocando de parte o critério posicional e o da invariabilidade morfológica, é possível a alguns autores assumir critérios de natureza sintática e/ou semântica para classificar os marcadores.

Nas secções seguintes do presente capítulo, irei proceder ao estudo dos critérios funcional, sintático e semântico.

2.2. O estatuto de relator

O estatuto relacional da preposição tem sido assumido, na literatura, por diferentes autores – Brøndal [1940] (1950), Pottier (1962, 1997), Hagège (1997) e Paillard (2002), entre outros⁶. O conceito tem nestes estudos um alcance variável, sendo definido com base em critérios de natureza diferente (funcionais, lógicos, sintáticos e semânticos). É possível, no entanto, generalizar a significação do termo **relator** nos seguintes termos: através do **relator** é construída uma relação entre dois termos, X e Y; sem a intervenção do **relator**, os termos X e Y permaneceriam disjuntos do ponto de vista sintático e semântico.

Embora já na Antiguidade⁷ e mais tarde na Idade Média se oponha a preposição às palavras concretas como o nome e o pronome, só com a gramática filosófica de Port Royal se utiliza pela primeira vez a expressão geral de **relação** (“rapport”) para caracterizar as preposições:

⁵ Ocorrendo como prefixo, veja-se o caso de *correr* e *acorrer*. No que respeita aos advérbios, podemos considerar o seguinte exemplo tomado de Campos (1997: 131-133):

- (i) A: gostaste do Filipe?
B: se gostei! Ele *até* toca piano!

No que respeita às conjunções, observe-se o exemplo de Fonseca:

- (ii) O Zé é suficientemente inteligente *para* resolver esse problema.

⁶ Weinrich (*apud* Cadiot 1997: 18) propõe o termo *joncteur* para designar o mesmo conceito.

⁷ Aristóteles considera a **relação** (πρὸς τι) um dos predicados fundamentais do pensamento. Os exemplos apresentados são os seguintes: igualdade/desigualdade; causa/efeito; o conhecimento/o seu objecto (*apud* Brøndal 1950: 29-30).

“Nous avons dit ci-dessus, *chap. 6*, que les cas et les prépositions avoient été inventés pour le même usage, qui est de marquer les rapports que les choses ont les unes aux autres.” (Arnaud & Lancelot 1810: 320)

Este termo engloba todas as circunstâncias, causas, formas físicas e geométricas, assumindo contornos espaciais, temporais e nocionais – ou abstratos, nos termos de Cadiot (1997). Em linha com esta definição geral, surgem em diferentes países europeus (Alemanha, Dinamarca) traduções literais para designar as preposições. Assim, encontramos, por exemplo, em Alemão a palavra *Verhältniswort* (palavra de relação) – Brøndal (1950: 5) e Cadiot (1997: 17).

Esta perspetiva continuará a ser assumida pelos gramáticos ao longo do séc. XVIII. Ainda em 1827, por exemplo, August Friedrich Pott propõe-se tratar “as relações que as línguas exprimem através das preposições” (*apud* Brøndal 1950: 5). Com a linguística histórica do séc. XIX, no entanto, a perspetiva geral que subjaz ao seu tratamento como termos de relação irá ser negligenciada.

2.2.1. A proposta de V. Brøndal [1940] (1950) – o critério funcional

A proposta do dinamarquês V. Brøndal [1940] (1950) merece seguramente uma leitura atenta, no que respeita à teorização do conceito de **relator**. De facto, neste trabalho dedicado à semântica das preposições, assumindo uma perspetiva enformada pela Lógica e, em particular, pelos escritos de Bertrand Russel, o autor defende o carácter eminentemente relacional das preposições:

“[les prépositions] ont un caractère relationnel particulièrement accusé” (id., *ibid.*, p. 8) ;

“Pour ce qui est de la classe comme telle, elle semble suffisamment définie si on dit qu’elle exprime la relation en général ” (id., *ibid.*, p. 11).

O autor assume a definição do conceito de relação independentemente de fenómenos físicos, em particular das noções de “repouso” ou de “direção”, excluindo assim qualquer forma de intuição (id., *ibid.*, p. 33). A independência das relações face à sintaxe, aos casos e à classe de palavras é outra das condições postuladas para a definição do conceito (id., *ibid.*, p. 33).

De acordo com a proposta de Brøndal, são três as categorias principais de relação:

- (i) **simetria** – uma relação particular R é **simétrica** se, para todos os valores de x e y, $x R y \equiv y R x$ (ilustram este caso expressões linguísticas contendo preposições como, por exemplo, *igual a* e *casado com*); uma relação será **assimétrica** se, para todos os valores de x e y, x R y implicar a negação de y R x (por exemplo, *pai de* e *filho de*); uma relação será **não-simétrica** se, para alguns valores de x e y (mas não necessariamente todos), x R y for verdadeiro, mas não y R x (por exemplo, *amigo/inimigo de*);
- (ii) **transitividade** – uma relação é **transitiva** se, para todos os valores de x, y e z, x R y e y R z implicam x R z (como exemplos, temos: *mais alto do que* e *contemporâneo de*); a relação será **intransitiva** se tivermos *pai de* e *casado com*; poderá ainda ser **não-transitiva** se tivermos *diferente de* e *amigo de*.
- (iii) **conexidade** – uma relação é **conexa** se a existência de dois dos seus objectos x e y implica sempre quer x R y, quer y R x.

No que respeita aos usos, a primeira categoria – **simetria** – pode exprimir os valores de bilateralidade, reversibilidade e reflexibilidade. Em inglês⁸, por exemplo, a simetria surge associada a preposições como *of* e *by*, exprimindo, entre outros valores, o ponto de partida de um movimento no espaço ou no tempo, a base de uma tendência, equilíbrio ou harmonia (id., ibid., p 73).

A relação **assimétrica**, por sua vez, representa uma orientação, direção ou irreversibilidade. Pode designar um movimento no espaço, uma relação no tempo ou uma série matemática ou lógica irreversível. Como exemplos de preposições que exprimem este valor, temos *to* e *on* do inglês ou *per* do italiano (id., ibid., p. 72).

No âmbito da categoria **simetria**, o autor analisa ainda o caso das relações **assimétricas-simétricas**, dando como exemplo, entre outros, a preposição alemã *hinter*. De acordo com a proposta do autor dinamarquês, a relação **assimétrica-simétrica** representa uma direção e a direção contrária, o regresso ao ponto de partida no espaço, no tempo ou numa série, para referir apenas alguns valores possíveis (id., ibid., p 73).

⁸ Para ilustrar os diversos tipos de relação, o autor faz referência a preposições de diferentes línguas da Europa (dinamarquês, sueco, norueguês, islandês, inglês, neerlandês, alemão, francês, antigo e moderno, italiano, provençal, catalão, espanhol, português, sardo, romeno, albanês, latim, irlandês, grego, russo, checo), do Médio Oriente (persa antigo, hebreu) e de África (egípcio). Os valores descritos e as preposições que os representam não são, no entanto, sistematicamente acompanhados de exemplificação com frases ou enunciados.

Relativamente à segunda categoria mencionada – **transitividade** –, consideremos em primeiro lugar as relações transitivas. Assim, e segundo Brøndal, a relação **transitiva** representa uma “linha percorrida”, podendo assumir natureza espacial, temporal ou outra (matemática – conjunto de pontos). Recorrendo a preposições do inglês (*by* e *on*), bem como a outras do francês (*en*), o autor defende que através das relações transitivas se constrói a “atualidade”, a “imperfetividade” e a “duração”. É o que sucede em construções como *by working*, *work on* ou *en chantant* (id., *ibid.*, p. 73).

A relação **intransitiva**, pelo contrário, designa de forma definitiva um ponto não ultrapassado (no espaço, no tempo, numa série; a propósito de uma possibilidade, potencialidade ou perfectividade). Como exemplo, o autor avança as seguintes construções com valor de futuro: *time to come* e *le temp à venir* (id., *ibid.*, p. 73).

A relação **intransitiva-transitiva** reúne as características das relações transitivas e intransitivas, ou seja, diz respeito simultaneamente ao “ponto” e à “linha”, à perfectividade e à imperfetividade, à possibilidade e à realização. Noutros termos, a relação **intransitiva-transitiva** exprime a repetição, ou seja, a iteratividade, podendo ser marcada em línguas como o italiano pela preposição *per* (id., *ibid.*, p. 73).

Por fim, e no que respeita à terceira categoria postulada – a **conexidade** –, o autor defende que as relações **conexas** exprimem “a ligação ou a dependência, a incorporação num domínio, a exposição a uma influência” (id., *ibid.*, p. 73). Como exemplo de marcadores deste tipo de relação, o autor faz referência às preposições *après* e *selon* do francês. Em termos espaciais, pode significar a noção de “perto”. Em termos temporais, pode significar o presente.

A relação **não-conexa**, pelo contrário, designa a independência, a libertação de um domínio ou de uma influência. Em termos espaciais pode designar tanto o afastamento como “o lugar mais alto”. Como exemplos deste tipo de relação, podemos ter as preposições *devant* e *avant* em francês.

A relação **não-conexa-conexa** reúne as noções de isolamento e dependência. Pode representar, por exemplo, o objeto do qual nos separámos, mas ao qual continuamos ligados pelo pensamento. Segundo o autor (*ibid.*, p. 74), a preposição *ur* (sueco; traduzida pela preposição portuguesa *de*) é a que ilustra este último tipo.

O trabalho de Brøndal não se esgota, evidentemente, na síntese que acaba de ser apresentada. Por uma questão de economia da exposição, limito-me a sublinhar talvez a ideia-chave da proposta deste autor, segundo a qual cada preposição particular deverá ser definida como a soma de relações especiais. Para ilustrar esta ideia, apresenta-se o quadro de síntese proposto em apêndice para o português (*id.*, *ibid.*, p. 137)⁹:

(1)

	intransitividade		intransitividade- transitividade	transitividade	
assimetria	a		para	sobre	
	invariabilidade <i>ante</i>	variabilidade <i>por</i>		traz	sob
assimetria- simetria	contra		descontinuidade- continuidade <i>CADA</i>	em	
			limite-integralidade <i>FASTA</i>		
simetria	de		segundo	com	
	<i>sem</i>	<i>desde</i>		entre	até

Os limites da proposta acima esquematizada são bem evidentes, bastando para o demonstrar uma análise mais cuidada dos dados. No caso da preposição *com*, por exemplo, verificamos que o seu tratamento como preposição simétrica é rigoroso apenas nos casos em que coocorre com um número restrito de verbos simétricos ou semi-simétricos (N_1 *casar-se com* N_2 , N_1 *dormir com* N_2 e N_1 *viver com* N_2), ao passo que no chamado valor Instrumental, por exemplo, tal análise é manifestamente desajustada. É o que podemos observar nos seguintes exemplos¹⁰:

- (2) a. O Luís casou *com* a Ana.
 b. A Ana casou *com* o Luís.
 c. O Luís e a Ana casaram.

⁹ O quadro de síntese proposto para o Português não surge acompanhado de qualquer comentário ou apontamento explicativo. Deste modo, podemos apenas conjecturar quanto ao fundamento da análise particular de cada termo.

Independentemente desse facto, pelo menos três dos termos tratados podem causar alguma perplexidade. Assim, por exemplo a análise de *CADA* como preposição só se poderá entender se tiver sido adotado um critério etimológico: *cada* < *cata*, do Latim vulgar, derivado do Grego *katá*; significado: de alto abaixo, em baixo, no fundo. Quanto à preposição *FASTA* (ou *fata*), apresentada como estando em desuso, os autores são unânimes em considerar a sua origem árabe: *HATTA* > *fasta/fata* > *atá* (cf., entre outros, Huber 1986: 35, Castro 1991: 223 e Nunes 1989⁹: 175). Curiosamente, tendo esta preposição coexistido com *até*, supostamente com os mesmos valores, as duas formas *FASTA* e *até* são analisadas de modo diferente. Finalmente, e quanto à forma *TRAZ*, podemos ter uma grafia arcaica de *trás*.

¹⁰ Cf. Cadiot (1997: 142-143, 146).

- (3) a. A Ana abriu a porta *com* a chave.
b. *A chave abriu a porta *com* a Ana.
c. ?? A Ana e a chave abriram a porta.

A este respeito importa sublinhar particularmente o facto de se reconhecer, apesar de tudo, os limites das categorias da lógica no que toca à análise linguística:

“A côté des catégories de relations simples auxquelles se sont bornés les logiciens, l’analyse linguistique constate cependant des catégories plus complexes.” (*id.*, *ibid.*, pp. 35-36)

A insuficiência da proposta de Brøndal pode igualmente ser comprovada com a análise das preposições *para* e *até*, entre outras. No caso da primeira, a sua classificação como assimétrica visa representar a direção ou o alvo de um movimento (*id.*, *ibid.*, p. 65). Não se compreende, portanto, a análise de *até* como preposição simétrica se ela pode ocorrer exatamente nos mesmos contextos de *para*:

- (4) a. A Ana foi *para* o Porto.
b. A Ana foi *até* ao Porto.

Sintetizando, e apesar de ter sido alvo de inúmeras críticas – muito justas aquelas que apontam os limites das categorias da Lógica para a descrição das línguas naturais –, a proposta de Brøndal merece ser louvada por aquela que é simultaneamente a sua maior virtude e o seu maior defeito. Porque contorna as dificuldades associadas à diversidade de usos e consequente multiplicação de valores intuitivos/empíricos¹¹, afastando a ideia do primado do espacial, o linguista dinamarquês é bem sucedido na apresentação de uma resposta global e teoricamente coerente para a descrição das preposições.

A exiguidade dos dados linguísticos em análise e a sua determinação em definir o conceito de relação independentemente da sintaxe (*id.*, *ibid.*, 33) funcionam, por seu turno, como o reverso da medalha.¹²

¹¹ O ensinamento a reter é o de que, do ponto de vista teórico e metodológico, importa proceder por abstração: “Le point décisif pour la théorie de la langue est ici qu’à l’intérieur des emplois (*à* ou *pour* au sujet de l’espace, du temps, du but, du moyen etc.) il faut partout faire abstraction de tous les éléments intuitifs, formels, idéels aussi bien que réels.” (Brøndal 1950: 26)

¹² Para uma crítica veemente da proposta de V. Brøndal (1950), por assentar em categorias apriorísticas, na tradição filosófica de Aristóteles, continuada pelos lógicos modernos, sugere-se a leitura de B. Pottier (1962: 251-252).

2.2.2. Os termos da relação e a noção de subordinação – o critério sintático

A problemática da relação marcada pela preposição ocupou igualmente outros autores (Pottier 1962; Hagège 1982, 1999, entre outros), os quais, embora não rejeitando o critério funcional subjacente à proposta de Brøndal, definatório da noção de **relator**, recorreram a outro tipo de critérios, em particular o sintático.

Assim, Pottier (1999: 29), na sua definição de **relator**, sustenta que o termo serve para:

“designer l’ensemble des signes établissant une relation (ayant une double incidence) entre deux termes (du simple lexème aux propositions).”

Dado que, desde o início da década de 60, o autor tem publicado sucessivos estudos dedicados ao estatuto relacional da preposição (a par de outros marcadores linguísticos), justifica-se uma análise mais detalhada das suas propostas.

Assim, em Pottier (1962), não encontramos ainda o termo **relator**, optando o autor pela expressão “elemento de relação”. Entre os elementos relacionais descritos, podemos encontrar quer os chamados morfemas livres (preposições e conjunções), quer os morfemas presos (desinências casuais, prefixos, infixos e sufixos ditos “aspetivos”). A **relação** faz parte do chamado “semantismo da língua”, o qual se situa no nível III do seu modelo de cinco níveis (*id.*, *ibid.*, p. 17).¹³

No entendimento deste autor (*ibid.*, p. 107), os elementos de relação são de natureza não predicativa. Todos possuem significação¹⁴, mas esta é distinta da do lexema. A noção de **relação** exprime, por conseguinte, a tomada de posição relativamente à substância predicativa de um ou mais lexemas (*ibid.*, p. 113). Deste modo, podemos ter como exemplos de relatores uma grande variedade de elementos

¹³ O modelo proposto por Pottier (1962: 17) para a representação do significado é composto por cinco níveis. A saber: o nível I. – “La matière première: la substance sémantique” – faz parte do domínio do extralinguístico, correspondendo à chamada “ideação nocional” (*hommes qui courent*); o nível II. – “Sélection de la substance dans les formes de langue” – traduz-se na categorização em nome ou verbo, por exemplo, o que é classificado pelo autor como a “ideação de estrutura”; o nível III. – “Application d’une sémiologie issue du signifiant, et porteuse des indications de substance sémantique et de fonction” – é, como foi referido acima, o nível no qual actua o “semantismo da língua” (*cour-eur-*), em articulação com a “morfologia da língua” (*-s*, para a marcação de plural); o nível IV. – “Combinaison de ces signes en vue de la constitution de l’énoncé” – é aquele no qual funcionam os mecanismos sintáticos; por último, o nível V. – “Réalizations diverses de la substance” – diz respeito à atuação do “semantismo do discurso” (*coureurs de femmes, coureurs à pied*) e produz os chamados “efeitos de sentido”.

¹⁴ Neste sentido, não adere à tese segundo a qual as preposições seriam vazias de sentido, isto é, dessemantizadas.

linguísticos: *très grand*, dormir *sur* la table, Pierre *ou* Paul, *cinq* chaises, *plusieurs* oranges, marcher *devant*, *défaire*, *maigrichon*, *admirable*.

O conceito de relação implicado pelas preposições é, pois, do domínio da subordinação. Segundo o autor (ibid., pp.115-116), os critérios formais que permitem associar a relação marcada pelas preposições ao conceito de subordinação são os seguintes: a natureza binária dos sintagmas; o carácter não-reversível da relação (A→ B). Em oposição a este tipo de relação, segundo Pottier, temos as relações de coordenação, as quais constituem sintagmas não-binários e reversíveis.

Como exemplo representativo das relações subordinadas, considere-se a frase seguinte (ibid., p. 128):

(5) Pierre dort *dans* le jardin

Recorrendo a testes empíricos, o autor defende que na relação A – R – B a ligação R – B é mais estreita do que a ligação A – R. Assim, podemos ter *dans le jardin*, *Pierre dort* mas não **le jardin*, *Pierre dort dans*.

Num trabalho posterior, Pottier (1974) promove a revisão do conceito de **relação**, propondo que esta tem lugar a um nível mais geral, ou seja, tem uma natureza semântico-lógica – nível “conceptual” da linguagem. Neste contexto, defende que o conceito se define fundamentalmente pela relação entre uma “entidade” e um “comportamento”.

A preposição é apenas um dos procedimentos de que a língua dispõe para exprimir os designados “casos conceptuais”.

A definição de Hagège (1999: 7), por sua vez, parece assumir contornos mais restritivos, aproximando-se da noção de regência:

“le relateur (ou élément de relation) est un élément de langue qui a pour fonction subordonner un élément nominal – lexème ou syntagme – à un prédicat.”

Neste quadro sintático explícito, a função sintática de base de uma preposição é a de introduzir um membro de nível inferior, com estatuto “nominal”, no interior de um outro membro. Deste modo, a forma de base seria X – (R Y) e não X – R – Y.¹⁵

¹⁵ Para uma maior comodidade de leitura, optou-se aqui por uma notação única: X para o primeiro termo da relação; R para a preposição e Y para o segundo termo. Outros autores, como é o caso de Pottier (1962) ou Cervoni (1991), optam pela notação A PREP B ou ainda A R B.

Como sucedia com Brøndal, o conceito de relator é também assumido por estes linguistas num sentido muito abrangente, incluindo morfemas presos, classes de palavras e lexias. Para além das preposições (e/ou posposições), são também considerados relatores os advérbios (Brøndal), os prefixos (Brøndal e Pottier), as desinências casuais (Pottier e Hagège), as conjunções (Brøndal e Pottier), entre outros.¹⁶

O ponto de vista partilhado por estes autores suscitou a crítica de outros, entre os quais Cervoni (1991: 125) e Cadiot (1997: 18), justamente porque a definição da preposição com base na ideia de que exprime uma relação constitui uma propriedade não definitiva, uma vez que é partilhada por outros elementos da língua.¹⁷ É o que podemos ler no seguinte passo da obra de Cadiot (1997: 18):

Les notions de rapport ou de relation sont à leur tour manifestement insuffisantes. Elles valent traditionnellement pour tout morphème... (ou encore «mot grammatical», «mot-outil», «mot accessoire»).

Não partilho da perspetiva crítica assumida por estes autores, por recusar, nos termos de Culioli [1986] (1991: 128), um trabalho que visa as propriedades classificatórias dos fenómenos linguísticos, isto é, propriedades estáveis e rígidas, definidas em termos absolutos (tudo ou nada). No caso em concreto, considero frouxo o argumento segundo o qual a noção de relação não é adequada às preposições, porque essa é uma propriedade que estas unidades partilham com outras unidades da língua. Deste modo, parte-se da etiquetagem em classes de palavras para excluir o funcionamento de determinados marcadores linguísticos como operadores de relação.

O critério funcional aqui adotado, é também vantajoso na medida em que permite descartar a multiplicação de unidades lexicais homónimas, sem qualquer fundamento do ponto de vista diacrónico. Assim, por exemplo, nos casos em que um

¹⁶ A noção de relator é central, por exemplo, na atenção dispensada por alguns autores ao chinês (cf., e. o., Brøndal 1950 e Hagège 1975). Assim, em Brøndal (1950: 124), podemos ler que o exemplo do chinês é “particulièrement instructif. Comme on l’a vu (§ 21) cette langue n’a ni verbes ni conjonctions au sens européen du mot (et par conséquent manque aussi de noms et de pronoms définis comme les nôtres), mais elle possède une classe de *relateurs*, c.-à-d. de mots de liaison définis comme de vrais prépositions et qui, par suite du caractère et de la perspective généraux du système peuvent aussi faire fonction de remplaçants des conjonctions et des verbes(...) des autres langues. On a ainsi *cháng* et *hiá*, mots ‘vivants’, que le père jésuite français COUVREUR traduit: 1° ‘sur’/ ‘sous’, 2° ‘avant’/ ‘après’, 3° ‘au-dessus’/ ‘au-dessous’, 4° ‘monter’/ ‘descendre’, 5° ‘supérieur’/ ‘inférieur’, ‘le meilleur’/ ‘le plus vil’, 6° ‘le plus ancien’/ ‘le moins ancien’(...). Rien ne peut mieux montrer l’emploi effectif des mêmes notions et des mêmes corrélations indépendamment de nos classes de mots et par là la possibilité d’une synonymique générale.”

¹⁷ Não discuto a classificação de outras unidades da língua como termos relatores, uma vez que esse não é nem objeto de estudo, nem objetivo deste trabalho.

dado marcador pode ter um funcionamento preposicional ou conjuncional¹⁸, a assunção do conceito de relator é vantajosa na medida em que torna possível uma abordagem unificada dos fenómenos linguísticos em estudo.

2.2.3. Predicações relacionais: o conceito de relação no quadro da Linguística Cognitiva

Noutros quadros teóricos, como, por exemplo, o da Linguística Cognitiva (cf., entre outros, Herskovits 1986; Zelinsky-Wibbelt 1993), assume-se que as preposições, particularmente as espaciais, são predicações de natureza relacional, isto é, definem uma relação tendo por referência uma certa base (o domínio sob escopo da predicação). Enquanto predicações relacionais, as preposições definem as interconexões entre as partes da “scene” salientes na situação discursiva, podendo essas partes ser “coisas” ou uma outra relação. As interconexões podem representar a posição relativa, a orientação ou o movimento das partes no seu domínio de predicação.

No trabalho seminal de Herskovits (1986), a noção de relação, como foi dito, também marca presença, tendo em vista a caracterização da significação das preposições. Nos termos da autora (*ibid.*, p. 39), a significação “ideal”¹⁹ de uma preposição corresponde, geralmente, à relação entre dois ou três objetos geométricos ideais (pontos, linhas, superfícies, volumes, vetores). Ainda segundo a autora, os objetos sujeitos a uma relação são identificados²⁰ a objetos ideais através de processos de imaginação geométrica, idealização e seleção (*ibid.*, p. 40).²¹

Assim, e tomando o exemplo da preposição *in* (inglês), Herskovits (1986: 41-42) mostra que a ideia de “inclusão” ou “envolvimento” (*surrounding*) está subjacente a

¹⁸ Os exemplos seguintes ilustram o contraste de funcionamento dos marcadores *para* e *com*, ora como preposição, ora como conjunção: (i) Ana foi *para* o Porto vs. (ii) *para* estrangeiro, ele fala muito bem português; (iii) pão *com* manteiga vs. (iv) *com* a guerra, muitos estrangeiros abandonaram o Líbano. Para uma análise destes exemplos cf. *infra* (capítulo 5. deste trabalho).

¹⁹ “The ideal meaning of a preposition is a geometric idea, from which all uses of that preposition derive by means of various adaptations and shifts.” (Herskovits 1986: 39). A autora opta pela expressão “significação ideal” em detrimento da de **protótipo** (cf. *infra*), defendendo que o consenso em torno da natureza e o papel dos protótipos é reduzido. Argumenta ainda que um protótipo corresponde ao “melhor exemplo”, o que tem um caráter concreto. O “melhor exemplo” de uso das preposições, por seu turno, na medida em que estas funcionam como relações geométricas abstractas, não desempenha o papel adequado à definição da categoria (*ibid.*, p. 41).

²⁰ Herskovits (1986: 40) usa o termo “*mapped*”.

²¹ O conceito de **metonímia** entra aqui em jogo, estando associado à reformatação dos objectos em “objectos geométricos” (Herskovits 1986: 40, 57-72).

todos os casos, mas aplica-se a objetos geométricos relacionados com os objetos reais de diferentes maneiras. Os exemplos seguintes ilustram o que acaba de ser dito:

- (6) a. the water *in* the vase
- b. the crack *in* the vase
- c. the crack *in* the surface
- d. the bird *in* the tree
- e. the chair *in* the corner
- f. the nail *in* the box
- g. the muscles *in* his leg
- h. the pear *in* the bowl
- i. the block *in* the box
- j. the block *in* the rectangular area
- k. the gap *in* the border
- l. the bird *in* the field

Segundo Herskovits, os exemplos em (6 a-e) permitem demonstrar o uso da “imaginação geométrica” e a identificação entre as conceptualizações geométricas e os objetos reais. O exemplo (6 f) é ambíguo, podendo ser interpretado como «o prego espetado na caixa» ou «o prego depositado no interior da caixa». Em (6 g-h), por seu turno, são ilustrados os efeitos de sentido explicados através de mecanismos particulares a que a autora dá o nome de *sense shifts* e *tolerance shifts* (*ibid.*, p. 40-ss). Assim, a relação entre *músculos* e *perna* não é a de inclusão, mas a de parte/todo. No que respeita ao exemplo (6 h), a *pera* pode estar contida no volume representado pela *taça/fruteira*, parcialmente contida, ou ainda, simplesmente não contida – se a fruteira estiver cheia até ao topo e uma das peras ocupar o topo do conjunto de peças de fruta. Por fim, os exemplos (6 i-l) destinam-se a representar a inclusão em objetos bi- e uni-dimensionais e em objetos bi e tri-dimensionais.

Em suma, é apresentada uma proposta na qual o valor da preposição *in* é conceptualizado como uma relação: a “inclusão de um constructo geométrico num constructo uni, bi ou tri-dimensional” (*ibid.*, p. 48).

Outros autores identificados com as propostas cognitivistas, como Vandeloise (1987) ou Cuyckens (1993), nos estudos que levam a cabo sobre as preposições

espaciais, descrevem a existência de uma relação entre “termos preposicionais” – o primeiro – ou entre “argumentos” – o segundo.

Em Cuyckens (1993: 27), por exemplo, as preposições espaciais são definidas como relações (espaciais) entre dois “argumentos” X e Y, indicando o modo como esses argumentos se relacionam no espaço. De acordo com a terminologia usada no âmbito dos estudos da linguística cognitiva, o termo X identifica-se com a **Figura** e o termo Y com o **Fundo**.²² Para Cuyckens, as preposições espaciais descrevem, na maior parte dos casos, o lugar ou localização de X. Ou, noutros termos, a preposição serve para localizar X em relação a Y, isto é, X é associado a um lugar particular, usando Y como referência.

Para ilustrar esta proposta, observemos os exemplos seguintes (*id.*, *ibid.*, pp.27-28):

(7) He washed his car *in* the garage.

(8) the sign *to* Brussels

No primeiro caso, o autor defende que a preposição *in* estipula a localização da situação representada pela frase *He washed his car* em relação ao interior da garagem. De acordo com esta posição, a identificação de Y não é problemática: corresponde ao termo situado à direita da preposição. Já o termo X corresponde à situação representada pela frase *He washed his car*.

No segundo exemplo, o que está em causa não é a atribuição de uma localização particular do painel de sinalização, mas a direção que este apresenta.

2.2.4. Problemática da identificação dos termos da relação

A literatura tem privilegiado a descrição do termo Y, dada a sua visibilidade. Em línguas como o português (também o francês ou o inglês, entre outras), ocupa uma posição imediatamente à direita da preposição. Por este motivo, frequentemente a

²² Sobre as correspondências terminológicas em inglês e em francês destes conceitos, cf. Vandeloise (1987: 77). Este autor faz corresponder aos termos Figura e Fundo de Talmy (1985), respetivamente, os termos *target*, *trajectory* (ing.) e *landmark* (ing), em inglês. Em francês, temos, respetivamente, *cible* e *site*.

análise de uma preposição como marcador de valor espacial ou temporal assenta na projeção das propriedades semânticas do N sobre a preposição.²³

Se excluirmos os casos privilegiados pela literatura, em que a preposição marca uma relação entre um localizado e um localizador, como por exemplo em:

(9) o livro está sobre a mesa

a identificação do termo X é bem mais problemática, como o reconhecem, de resto, Cervoni (1991: 107) e Franckel & Paillard (1997: 279-280).

Embora com algumas *nuanças*, uma das teses mais difundidas é a de que o termo X se identifica com o verbo. Assim, Pottier (1962: 128) defende que, num exemplo como:

(10) Pierre dort dans le jardin

o sujeito sintático não desempenha um papel diferenciador, postulando que o termo X é de natureza verbal. Também Cervoni (1991: 107-108) parece afinar pelo mesmo diapasão ao sustentar que o termo X é o “conteúdo do verbo”.

Os estudos levados a cabo por Paillard e Franckel (1999) e por Paillard (2002) demonstram, no entanto, a insustentabilidade desta proposta. No decurso deste trabalho, com a análise dos dados do português, será inevitável voltarmos a esta problemática. Por agora, e na sequência dos autores acima citados, limitar-me-ei a pôr em evidência a complexidade subjacente à identificação do termo X.

Tomando como exemplo a preposição *sur*, Paillard (2002) demonstra que o termo X pode identificar-se ou com a totalidade da relação predicativa, ou com um só dos seus termos. Pode igualmente ter realização lexical ou não²⁴.

Assim, nos casos em que o SP corresponde a um adjunto circunstancial e que, por conseguinte, se caracteriza pela exterioridade máxima da preposição em relação ao verbo, como sucede por exemplo com *sur la terrasse* em:

²³ O termo Y pode em determinados contextos estar implícito (Cervoni 1991: 103-104): *Il est parti après [la vengeance]*. Nestes casos, em que a preposição ocorre sem o seu regime, há autores (Moignet 1981, entre outros) que defendem uma alteração de estatuto, declarando que estas se tornam advérbios. Esta posição é, no entanto, criticada por outros autores, como por exemplo, Brøndal (1950: 6) e Pottier (1962: 195-197), defendendo este último que, se o contexto permite recuperar o termo Y, então não se justifica tal análise.

²⁴ Em rigor, a ideia de que o termo X pode estar implícito não é, em absoluto, uma originalidade de Paillard. Em Cervoni (1991: 103), também podemos encontrar a mesma ideia.

(11) Paul a lit le livre sur la terrasse

o termo X corresponde à totalidade da relação predicativa <lire, Paul, livre> (*id.*, *ibid.*, p. 56).

Nos casos em que se verifica a anteposição e tematização de um SP, Franckel e Paillard (1999: 284) defendem a mesma hipótese. Deste modo, em:

(12) Avec Paul, les portes s'ouvrent

o SP (= a Y), que designa um evento – glosa: «quando alguém está com o Paulo» –, gozando por essa razão de uma relativa autonomia, serve de localizador ao termo X, identificado com a sequência *les portes s'ouvrent* (*id.*, *ibid.*, pp. 280-281).

Nos casos em que, de acordo com a proposta de Gawron (1986), o SP tem o estatuto de copredicador²⁵, X pode corresponder a um dos termos de uma relação predicativa. É o que podemos observar em:

(13) Les pêcheurs ont tiré le bateau sur la plage

Neste exemplo, a interpretação visada é a de que o objetivo é o de «pôr o barco a seco, isto é, ao abrigo das tempestades» (Paillard 2002: 57). No exemplo em apreço, seria a expressão *le bateau* a identificar-se com o termo X.

Noutras situações ainda, X não tem realização lexical, como sucede, por exemplo, em:

(14) Le chasseur a tiré sur un lapin (*id.*, *ibid.*, p.56)

Neste caso, X é interpretado como «o projétil» que irá descrever uma trajetória até ao impacto no alvo (*un lapin=Y*).

Em jeito de síntese parcial, poderemos afirmar que existem condições sintáticas e semânticas relevantes que determinam o estatuto variável do termo X. Determinar os contornos precisos dessas configurações será pois um dos objetivos principais do presente trabalho.

2.3. Dos valores da preposição: o primado do espacial

A tese segundo a qual a significação dos casos e das preposições diz respeito a uma mesma categoria conceptual, de natureza espacial, não é recente na literatura.

²⁵ Tal sucede nos casos em que a P e o V têm um argumento comum.

Segundo Hjelmslev [1935] (1978: 63), este pressuposto, que está na base da **teoria localista**, aparece pela primeira vez nos escritos dos gramáticos bizantinos Maximus Planudes (séc. XIII-XIV) e Theodorus Gaza (séc. XV).

Ainda segundo Hjelmslev (*ibid.*, p. 61), a ideia de que os casos são expressões primitivas de ordem espacial, podendo ajustar-se às necessidades do pensamento para exprimir tempo e causalidade, reaparece com os chamados *localisten* – Bopp e, em particular, o seu discípulo Wüllner.

Partindo da análise de dados do grego, latim e alemão, a teoria desenvolvida por Wüllner identifica-se com as propostas dos gramáticos bizantinos. Assim, e à semelhança daqueles, defende que o genitivo exprime o afastamento, o dativo o repouso e o acusativo a aproximação (*apud* Hjelmslev [1935] 1978: 63).

Resumindo, para Wüllner, toda a operação intelectual repousa em última instância em propriedades espaciais e temporais. As ocorrências fenomenológicas, ou seja, os factos observados no mundo objetivo, são vinculadas àquelas propriedades (espaciais e temporais).²⁶

Para a Linguística Cognitiva, a ideia do primado do espacial é igualmente central. Assim, e de acordo com as teses defendidas no âmbito da Linguística Cognitiva, as preposições, funcionando como expressões espaciais, são altamente representativas da natureza da significação linguística.

Deste ponto de vista, toda a conceptualização, enquanto experiência mental, assenta na experiência física resultante da interacção do homem com o espaço. Por outras palavras, as expressões abstratas são apreendidas indiretamente através dos modelos pré-conceptuais constituídos a partir da perceção das relações espaciais.

Esta tese aparece, por exemplo, consubstanciada em Lakoff [1987] (1992: 267 ss.), ao defender a **estratégia experiencialista** para aceder à significação. Para este autor, existem dois tipos de estrutura que modelam as nossas experiências pré-conceptuais. A saber:

²⁶ Para outras propostas localistas ou semilocalistas, cf. Hjelmslev [1935] (1978), com a sua proposta de três dimensões semânticas para representar os “sistemas do caso”. A saber: **direção** (afastamento, repouso e aproximação); **coerência/incoerência** e **subjatividade/objetividade**.

- (i) estrutura de **nível-básico** – a percepção (*Gestalt*), o movimento do corpo (*bodily movement*) e a habilidade para formar imagens mentais ricas convergem para definir as categorias de nível-básico;
- (ii) estrutura **esquemático-imagética cinestésica** – corresponde a esquemas imagéticos de estrutura relativamente simples, presentes na nossa experiência corporal cotidiana. Por exemplo: CONTENTORES (*containers*), TRAJETÓRIAS (*Paths*), FORÇAS (*forces*), EQUILÍBRIO (*balance*) e orientações e relações diversas – BAIXO-CIMA, À FRENTE-ATRÁS, CENTRO-PERIFERIA.

Estas estruturas são diretamente significativas, permitindo o aparecimento de estruturas abstratas através de projeções metafóricas (do domínio físico para o abstrato) e da projeção de categorias de nível-básico para categorias superordenadas ou subordinadas (Lakof [1987] 1992: 268).²⁷

A centralidade do estudo das preposições enquanto predicções espaciais pode ser ainda atestada a propósito da problemática da **expressão da orientação espacial**.

O conceito de orientação espacial é determinado pela superfície da Terra, pela gravidade e pela nossa postura vertical. Deste modo, os seres humanos perspetivam as **cenais espaciais** (*spatial scenes*) de acordo com o seu ponto de vista.²⁸ Nos termos de Vandeloise (1984: 97), verifica-se uma espécie de **antropomorfização** dos objetos, na medida em que os objetos são categorizados tendo a experiência de orientação espacial humana como modelo.

Os falantes conceptualizam os objetos no espaço tendo em conta os seus próprios eixos e a relação desses objetos com outros objetos vizinhos.

Por conseguinte, e como refere Silva (1999: 56), para a Semântica Cognitiva, os esquemas imagéticos e as suas transformações no conhecimento, no pensamento e na imaginação, têm uma importância fundamental “na estruturação dos domínios cognitivos, na projeção metafórica (...), na significação lexical, na extensão semântica das categorias lexicais e na motivação semântica de formas e construções gramaticais.”

²⁷ Noutras propostas os conceitos abstratos são tratados como metonímias de predicções espaciais semanticamente concretas.

²⁸ Cf. Vandeloise (1984: 71ss) e Langacker (1987: 122 ss).

2.4. Hibridismo nocional das preposições: entre a “noção lexical” e a “noção gramatical”

Na discussão clássica em torno da dicotomia **preposição incolor/preposição plena**, esteve direta ou indiretamente envolvida a distinção entre o estatuto lexical e gramatical das preposições.

Segundo Vandeloise (1993: 5), Vendryes (1921) terá sido o primeiro a postular a existência de **palavras vazias**. Segundo este autor, o termo aplicar-se-ia a palavras cuja tradução para uma língua estrangeira não é possível recorrendo a uma única expressão. A uma palavra “vazia” corresponderá pois um elevado valor abstrato.

Em Brunot & Bruneau (1933), defende-se que as preposições vazias são aquelas que permitem exprimir relações muito variadas. Neste sentido, são assimiladas a preposições “mortas”, isto é, que se viram esvaziadas do seu sentido original. O sistema proposto para o francês é tripartido, incluindo preposições vazias (*de, à*), preposições plenas e preposições semi-vazias (*avec, en, par, pour, sur*).

Wartburg & Zumthor (1958) reduzem o sistema preposicional a um sistema dual, distinguindo **preposições incolores**²⁹ (*de, à, avec, en, par, pour, sur*) e **preposições plenas**.

Um ano mais tarde Gougenheim (1959) revê os critérios propostos por estes autores, defendendo que apenas a preposição *de* tem o estatuto de preposição vazia em francês. Para este autor (*ibid.*, p.6), uma preposição vazia é definida nos seguintes termos:

Que sera, dans cette perspective, la préposition vide? Ce sera une préposition dont la valeur intrinsèque est tellement diluée qu'on peut dire qu'elle ne se laisse plus percevoir.

De acordo com Vandeloise (1993: 7), poder-se-á dizer que, para estes autores, a distinção de uma preposição incolor ou vazia assenta em três critérios:

- (i) o seu uso gramatical;
- (ii) o facto de autorizar múltiplos usos;
- (iii) o nível de abstração associado ao seu sentido é elevado.

²⁹ São os primeiros a utilizar esta designação, embora a celebridade da expressão surja fundamentalmente após a publicação do trabalho de Spang-Hansen (1963).

Na tradição filológica e distribucionalista, Spang-Hansen (1963) opta pela designação de preposição incolor, rejeitando as designações “preposição vazia” e preposição abstrata”. A justificação da escolha do autor (*ibid*, p. 13) é feita nos seguintes termos:

Parmi les etiquetes: prépositions vides, prépositions abstraites, prépositions incolores, nous préférons la dernière pour son imprécision même.

Para este autor, a distinção entre as preposições incolores (*à, de, en*) e as preposições progressivamente mais “coloridas” (começando em *pour, avec* e chegando às preposições espaciais como *devant* e *derrière*) está associada à oposição coesão/decomposição do grupo preposicional. Deste modo, na origem da distinção preposição colorida/preposição incolor estarão dois fatores: a noção tradicional de regência verbal e a natureza da associação entre os dois termos da preposição (habitual/insólita).

Como faz notar Vandeloise (1993: 7), os filólogos assimilam frequentemente as noções de “sentido vazio” e de “gramatical”. Para este autor, porém, por mínimo que seja o contributo semântico destas preposições, nunca se poderá falar numa ausência total de sentido (dessemantização). Neste sentido, e embora admitindo falar de preposições incolores ou vazias devido à multiplicidade de sentidos associada a este tipo de preposições, prefere falar em usos vazios das preposições. Reivindicando uma nova conceção das categorias lexicais, Vandeloise defende que esta questão pode ser analisada à luz da teoria dos protótipos, distinguindo usos mais e menos salientes.

A par desta discussão clássica em que a etiqueta **gramatical** é associada às preposições ditas incolores, propõe-se, em seguida, um estudo da dicotomia lexical/gramatical tendo em conta as propostas da Teoria Formal Enunciativa e as desenvolvidas no âmbito dos trabalhos sobre a gramaticalização.

2.4.1. O conceito de noção

De acordo com Culioli (1990), as noções correspondem a representações de natureza cognitiva. Podem ser definidas como um feixe estruturado de propriedades físico-culturais.³⁰

³⁰ Tendo em vista uma apresentação não sumária do conceito, reenvio o leitor para uma leitura dos textos coligidos no Tomo 1 da coletânea de A. Culioli (1990).

No contexto dos três níveis de representação distinguidos pelo autor (**nível 1** – representações mentais; **nível 2** – representações linguísticas; e **nível 3** – representações metalinguísticas), as noções situam-se no primeiro.

Para efeitos da distinção lexical-gramatical, justifica-se que consideremos a proposta culioliana, na medida em que o autor postula uma tripartição da noção em noções de tipo α (**lexicais ou predicativas**), de tipo β (**gramaticais**) e, finalmente, de tipo γ (**complexas**).

Como exemplos do primeiro tipo, podemos ter as noções /gato/, /cão/ ou /ir/. As noções de tipo β (tempo, aspeto, número, definitude, modalidade, diátese, determinação em geral) fazem parte das propriedades constitutivas das noções lexicais. Assim, a noção /gato/ caracteriza-se pela propriedade **discreto** – tipologia DDC³¹. A noção /ir/ corresponde a um **processo** ou **processo culminado**. Ou seja, as noções gramaticais concretizam-se através de operações que incidem sobre as noções lexicais, podendo ser marcadores dessas operações, por exemplo, os artigos. As relações complexas, por sua vez, são constituídas a partir da relação entre noções de tipo α .

2.4.2. Dicotomia lexical-gramatical

Embora não tenha dedicado qualquer estudo de maior fôlego às preposições, Culioli (1971: 37), num trabalho de constituição de um glossário de termos linguísticos, atribui um estatuto híbrido³² à preposição:

“La description des systèmes prépositionnels (inventaire, valeurs) est particulièrement ardue: en effet, les prepositions sont des unités à statut hybride, grammaticales en tant que marqueurs de relations, mais aussi lexicales, d’où des problèmes de référence sémantique, d’emplois phraséologiques et de contraintes syntaxiques qui s’enchevêtrent.”

Dado que se trata de um verbete, e na ausência da explicitação dos critérios que determinem o tratamento de uma unidade linguística como lexical, bem como a não inventariação do tipo de relações que conferem o estatuto gramatical às preposições, podemos apenas especular sobre o alcance desta definição.

³¹ Discreto, denso e compacto.

³² P. Cadiot (1997: 253) é outro dos autores a sustentar uma tese semelhante: “Nous aurons aussi l’occasion de montrer que les prépositions sont finalement autant des mots lexicaux que des mots grammaticaux.”

Ainda assim, é inegável a compatibilidade entre a intuição manifestada no verbete sobre a preposição e o edifício teórico posteriormente construído. Na verdade, ao descartar a classificação dos fenómenos linguísticos em termos aristotélicos, ou seja, de acordo com propriedades estáveis, invariáveis, discretas (em tudo ou nada) e ao assumir, pelo contrário, a plasticidade e complexidade dos fenómenos linguísticos (e. o. Culioli 1990: 128), o autor deixa a porta aberta para a existência de categorias híbridas.

2.4.3. Estudos sobre a gramaticalização – critérios para a distinção lexical-gramatical

Na literatura da especialidade são abundantes as definições de gramaticalização. Por não ser esse o objecto de estudo do presente trabalho, remeto para os autores de referência, Hopper & Traugott (1993) e Heine & Kuteva (2002), entre outros. Independentemente das diferentes concepções de gramaticalização, podemos apontar um aspeto unificador: todos os termos gramaticais resultam de um processo. Neste sentido, esses termos são encarados como “descendentes” dos termos lexicais.

As mudanças ocorridas no decurso do processo de gramaticalização podem explicar-se em função de três mecanismos distintos (Heine & Kuteva (2002: 378): **dessemantização** (*bleaching*) – perda de conteúdo semântico; **descategorização** (*downgrading*) – perda de propriedades categoriais; **erosão** (*phonetic reduction*) – perda de substância fonética. Em Keizer (2007: 39), reivindica-se a existência de um quarto mecanismo para compreender a mudança de função pragmática ou discursiva de um elemento.

Outro dos conceitos-chave apresentados no âmbito dos estudos sobre a gramaticalização diz respeito à noção de *cline*. Assim, por exemplo, em Hopper & Traugott (1993: 6), o conceito de *cline* visa representar a ideia de que as formas não mudam abruptamente de uma categoria para outra, mas são sujeitas a um processo gradual de mudança (*continuum*). Num dos extremos da escala, encontraremos itens prototipicamente lexicais (nomes, verbos, adjetivos) e, no outro extremo, os itens funcionais – *function words* – ou gramaticais (os afixos flexionais). Entre estas duas categorias, encontraremos categorias ditas transicionais. A representação proposta pelos autores (*op. cit.*, p. 7) é a seguinte:

(15) *content item > grammatical word > clitic > inflexional affix*

Embora os autores nem sempre coincidam na correspondência das classes de palavras às diferentes categorias, é possível concluir que é relativamente consensual a análise das preposições como itens gramaticais. É essa a posição de Hopper & Traugott (1993: 4), ao sustentarem que palavras como as preposições, os conectores, os pronomes e os demonstrativos, por exemplo, são palavras funcionais. No que importa para o estudo em curso, destaque, em particular, a referência às preposições:

“They serve to indicate relationships of nominals to each other” (Hopper & Traugott 1993: 4)

Baseando-se em observações sobre a mudança linguística, tendo em vista a reunião de dados empíricos que sustentem a hipótese da **unidirecionalidade** – as formas gramaticais têm origem em formas lexicais, não se verificando o inverso –, estes autores (*ibid.*, p. 110) apresentam as “adposições”³³ como etapas numa escala, como podemos observar seguidamente:

(16) *relational noun > secondary adposition > primary adposition > agglunative case affix > fusional case affix*

A tese subjacente à *noun-to-affix cline*³⁴ é sustentada por observações em diferentes línguas segundo as quais as “adposições” derivam de nomes relacionais.³⁵ Em inglês, as “adposições” secundárias podem corresponder a palavras ou a expressões – *short frases*, na formulação destes autores – que definem relações concretas. Como exemplos, é possível encontrar os seguintes derivados de nomes relacionais: *beside the sofa* e *ahead of the column*. Contrariamente às “adposições” secundárias, as primárias (*to, of, by*) constituem uma classe fechada, são monossilábicas e indicam relações puramente gramaticais (*ibid.*, p. 110).

Embora assumindo a dificuldade em distinguir sentido concreto de sentido gramatical, Hopper & Traugott (1993) tendem a associar os primeiros aos chamados valores espaciais das preposições. Assim, e embora admitam que as “adposições”

³³ O termo *adposition* é utilizado por estes autores para designar tanto as preposições como as posposições (Hopper & Traugott 1993: 110).

³⁴ No que respeita aos cinco pontos da escala, sera útil reproduzir aqui o seguinte esclarecimento apresentado por Hopper & Traugott (1993: 110): “These five points should not be taken as strictly discrete categories, but as marking, somewhat arbitrarily, cluster points on a continuous trajectory.”

³⁵ Nomes cujo sentido é uma localização ou direção potencialmente em relação com outros nomes. É o caso de palavras como *top, way, side* ou ainda de palavras cujo significado diz respeito a partes do corpo, como, por exemplo, *foot, head, back*.

primárias possam em alguns casos conservar um sentido concreto, sustentam que o significado espacial destas é muito geral. Considerando o caso da preposição *by*, é possível encontrar um sentido mais concreto – *a hotel by the railway station* – e outro mais gramatical – *arrested by a plain clother policeman* (*ibid.*, p. 110).

Ainda de acordo com os mesmos autores (*ibid*, p. 111), as preposições primárias podem ser facilmente cliticizadas, podendo ainda avançar uma posição na escala de modo a tornar-se afixos. Assim, por exemplo o sufixo do húngaro *-ban*, em *házban* ‘casa-inessivo/em casa, foi inicialmente o caso locativo de um nome relacional com o significado de ‘interior’.

Tendo em vista a apresentação dos critérios subjacentes à distinção entre itens lexicais e itens gramaticais, recorro à revisão dos estudos sobre a gramaticalização levada a cabo por Keizer (2007). De acordo com esta autora, podem ser aplicados critérios de natureza **pragmática, semântica, morfossintática e fonológica/fonética**.³⁶

Começando pelo **critério pragmático**, a autora justifica a emergência de itens gramaticais tendo em conta dois fatores: a perda da função discursiva/pragmática e a alta frequência de uso.

No que respeita ao **critério semântico**, a autora, seguindo as propostas de Bybee, Perkins & Pagliuca (1994: 6-7) e de Bybee (2003: 147; 152), refere dois argumentos cruciais para ajudar à distinção. Assim, e em primeiro lugar, a gramaticalização de um termo sucede quando se verifica uma **generalização semântica/redução**. Desta forma, um termo poderá perder parte ou a totalidade das propriedades do significado lexical, desenvolver um significado relacional ou ver alargado o domínio de aplicabilidade. Em segundo lugar, observa-se uma crescente **dependência em relação aos outros elementos do contexto**³⁷, ou seja, a interpretação de um termo depende da significação presente no contexto.

O recurso ao **critério morfossintático** para identificar a ocorrência de itens gramaticais é sustentado pelos seguintes factos: a) os itens gramaticais são membros de **classes fechadas** (Bybee, Perkins & Pagliuca (1994: 2, 8, 19)); b) os itens gramaticais “exibem um comportamento sintático específico” (Keizer 2007: 41), isto é, ocorrem em

³⁶ Limito-me a sumariar os critérios inventariados. Para uma discussão dos problemas e limites de cada um, veja-se Keizer (2007: 42-43).

³⁷ Para uma desambiguação do conceito, sugiro a equivalência do termo **cotexto**.

posições fixas, estão sujeitos a restrições de coocorrência (não podem ser modificados por itens lexicais) e não podem coocorrer com outras unidades pertencentes à mesma classe; c) tendência para se tornarem obrigatórios, mesmo quando redundantes.

Finalmente, e no que respeita ao **critério fonológico/fonético**, são referidas a redução fonética ou a fusão com outros fonemas. Tomando como exemplo o crioulo português do Sri Lanca, uma língua em que se verifica a ordem OV (cf. Hopper & Traugott 1993: 230), é possível observar a redução fonológica *p'* da preposição *para*:

(17) Ew diñeru jon-*pə* jaã-dã tiña
 Eu dinheiro John-DAT dar-COMPL ter-PASS

Em português europeu, também poderá ser suscitada a hipótese da redução fonológica da preposição *para* em registos orais informais em que a velocidade de elocução é elevada:

(18)a. Ele foi *pa'* praia.

2.5. Identidade semântica e variação das preposições

De acordo com Culioli [1986] (1990:129), a Atividade da Linguagem, enquanto representação ou regulação, tem como elemento fundamental o ajustamento. Este implica simultaneamente a estabilidade e a deformabilidade de objetos integrados em relações dinâmicas e a construção de domínios nos quais os enunciadores projetam a sua atividade.

Neste quadro, as noções são apreendidas a partir da regulação e da organização das relações que se estabelecem entre os termos e as noções, isto é, através das variações que incidem sobre a construção de ocorrências nocionais. Deste modo, uma ocorrência – entendida como relação termo-noção – constitui uma «incarnação» singular de um domínio nocional e, simultaneamente, o acesso a esse domínio.

Por conseguinte, a identidade de um termo não se define autonomamente, mas sim relacionalmente. Neste sentido, essa identidade é estabilizada através de uma **forma esquemática**³⁸ a partir de um feixe de interações estruturadas.

³⁸ No quadro da TOPE, o conceito de forma esquemática é definido de modo distinto por Culioli [1986] (1990) e por Franckel & Paillard (1997). Para o primeiro (*ibid*, pp. 129-130), a forma esquemática corresponde à construção metalinguística de uma configuração abstrata, a partir de formas empíricas e das suas propriedades distribucionais: “Nous appellerons (...) *forme schématique* la représentation

No que respeita às preposições, Franckel e Paillard (1997: 112), embora não ponham em causa a sua função fundamentalmente relacional, argumentam que estas não correspondem a simples operadores de relação entre termos. Assim, em $X R Y$, a preposição (R) opera um trabalho específico sobre a relação, definindo a identidade de um dos termos no quadro da relação.

Propondo-se demonstrar que a distinção entre argumentos e adjuntos não é pertinente, Paillard (2001: 51) assume o estatuto de relator da preposição: “une préposition est un mot relateur mettant en rapport deux termes X e Y.”³⁹

Tendo em vista a definição dos valores das preposições, e sustentando que mesmo no caso dos complementos argumentais não há perda de semantismo, propõe a seguinte representação (*ibid.*, p. 55):

$$(19) \quad \begin{array}{cc} \text{FE V} & \text{FE Prep} \\ \langle (\text{) fonte } \pi (\text{) alvo} \rangle & \underline{\in} \langle (\text{)}_x R (\text{)}_y \rangle \end{array}$$

Esta representação complexa combina duas representações distintas, a do verbo e a da preposição, relacionadas através do operador de localização $\underline{\in}$. Desta forma, associa-se ao verbo uma forma esquemática (FE), um esquema de lexis — notação $\langle (\text{) fonte } \pi (\text{) alvo} \rangle$ — e um esquema sintático — notação $C_0 V C_1 \dots C_n$, em que C_0 , C_1 e C_n podem ser tanto argumentos do verbo como adjuntos.

O esquema preposicional possui dois lugares preenchidos por X e por Y, cuja relação é assegurada por R.

Defende, por fim, que no quadro da combinatória V – PREP, pode distinguir-se diferentes graus de intricação, correspondendo a três configurações distintas (*ibid.*, pp. 56-57): A) exterioridade máxima da PREP em relação ao V; B) imbricação máxima da PREP em relação ao V; C) imbricação parcial.

métalinguistique associée, par construction, à une forme empirique. Cette forme schématique nous fournit donc une configuration abstraite qui, selon les transformations qu'on lui fait subir (translation; décrochage; plongement dans un domaine centré, dans un champ de forces intersujets, etc.), va modifier sa forme (marqueur), sa valeur, sa latitude de co-occurrence.”

Para Franckel & Paillard (1997: 111), a forma esquemática constitui um pólo regulador das interações de uma unidade com o seu contexto. Neste sentido, a forma esquemática articula, por um lado, a variação enquanto constituinte da identidade e, por outro lado, a invariância enquanto pólo regulador da variação.

³⁹ Na linha de Gawron (1986), também Bonami (1999) sustenta esta tese.

Por exterioridade máxima, deverá entender-se que os termos colocados em relação não fazem parte da forma esquemática do verbo. A configuração A pode ser ilustrada através do seguinte exemplo:

(20) O Luís leu um livro *no* terraço.

Neste caso, o evento *O Luís leu um livro* é localizado em relação a *o terraço*. De acordo com a proposta de Paillard (2001), a classe de eventos suscetível de se relacionar com *no terraço* não é delimitada *a priori*.

A configuração B pode ser exemplificada pelo seguinte enunciado:

(21) O caçador disparou *sobre* um coelho.

Neste caso, considera-se que os termos X e Y relacionados pela preposição *sobre* correspondem também a elementos da forma esquemática do verbo. X não tem realização lexical, identificando-se com o projétil, e Y identifica-se com o alvo (*um coelho*).

Por fim, de modo a ilustrar a configuração C, observemos o seguinte exemplo:

(22) Os pescadores empurraram o barco *para* praia.

Em (22), considera-se a existência de uma imbricação parcial, na medida em que o termo o barco tem estatutos diferentes, enquanto membro da forma esquemática do verbo e enquanto termo X da relação predicativa.

Enunciados alguns dos pressupostos teóricos que enquadram o estudo das preposições no quadro da TOPE, importa referir que nesta dissertação não se adota exatamente o mesmo caminho em termos de investigação. Assim, e embora seja assumido o estatuto relacional das preposições e a hipótese de que estas trabalham a identidade de um dos termos da relação, não me proponho definir formas esquemáticas de verbos. Um trabalho desta natureza implicaria a inevitável redução do número de verbos a estudar. Não escamoteando as eventuais vantagens da procura de soluções locais, considero que o estudo da coocorrência de preposições com suclasses de verbos permite encontrar soluções passíveis de generalização que, de outro modo, estariam comprometidas.

Assumindo que os fenómenos linguísticos se caracterizam, simultaneamente, pela estabilidade e pela plasticidade, procurar-se-á, recorrendo ao conceito de forma

esquemática proposto por Culioli [1986] (1990), construir as configurações abstratas associadas às preposições em estudo.

3. Os SP direcionais enquanto marcadores de natureza aspetual

3.1. Introdução

Na literatura⁴⁰ sobre a categoria aspeto é relativamente consensual que as localizações espaciais associadas a expressões locativas-direcionais⁴¹ podem marcar igualmente valores temporais e aspetuais.

Neste capítulo proceder-se-á à descrição do impacto aspetual dos SP locativos-direcionais em contextos de coocorrência com Verbos de Movimento. O enfoque de semelhante estudo é dirigido fundamentalmente à capacidade delimitadora dos argumentos e adjuntos com interpretação de Trajetória e não tanto aos problemas de representação da posição relativa, da orientação e do movimento dos objetos no seu domínio de predicação, opção privilegiada, de resto, pelos estudos no âmbito do(s) quadro(s) teórico(s) da Linguística Cognitiva⁴².

O interesse do presente estudo incide, portanto, nos processos de referência a fronteiras espaciais e sua importância para a representação e compreensão das fronteiras temporais de um evento de movimento.

A observação de base pode ser sintetizada nos seguintes termos: um SP locativo-direcional tem influência no modo como conceptualizamos o desenvolvimento temporal de um evento de movimento. Dito de outro modo, este tipo de SP com um sentido espacial pode ser usado para representar igualmente noções de natureza temporal e aspetual. Assim, verbos que exprimem lexicalmente processos⁴³, representando situações atélicas, como podemos observar em (1), em coocorrência com SP cujo núcleo é preenchido pelas preposições *para* e *até (a)*, funcionam como processos culminados em (2)⁴⁴ e (3), representando situações téticas:

⁴⁰ Cf., e. o., Jackendoff (1983, 1996), Tenny (1987, 1994), Verkuyl & Zwarts (1992) e Kriffka (1992).

⁴¹ Seguindo a proposta de Bonami (1999), irei designar os SP em estudo como SP locativos-direcionais. A opção por esta designação, menos comprometida do ponto de vista teórico, tem a vantagem de não sobrecarregar a exposição *ab initio*.

⁴² Cf., e. o., Herskovits (1986) e Vandeloise [1986] (1991).

⁴³ Recorro à ontologia proposta por Möens (1987), por permitir uma visão mais dinâmica dos fenómenos aspetuais.

⁴⁴ Para ser mais rigoroso, (2 a) é ambíguo, podendo significar que a entidade móvel sujeita a uma Trajetória atingiu o seu último ponto ou não. A distinção entre (a)telicidade e (*un*)*boundedness* defendida em alguma literatura da especialidade – veja-se, e. o., Depraetere (1995) – será importante para a descrição da dupla possibilidade de interpretação associada a (2 a). Para já, considero prematuro o tratamento desta questão, remetendo-o para um momento posterior deste trabalho (cf. capítulo 4).

- (1) a. o Luís empurrou o carro.
b. o Luís empurrou o carro durante dez minutos.
c. o Luís empurrou o carro *em cinco minutos.
- (2) a. o Luís empurrou o carro *para* a oficina.
b. o Luís empurrou o carro *para* a oficina durante dez minutos.
c. o Luís empurrou o carro *para* a oficina em dez minutos.
- (3) a. o Luís empurrou o carro *até à* oficina.
b. o Luís empurrou o carro *até à* oficina *durante dez minutos.
c. o Luís empurrou o carro *até à* oficina em dez minutos.

Mas, se é verdade que o reconhecimento das mudanças aspetuais nos contextos apresentados é relativamente consensual na literatura, atestando de certo modo a validade (local) das propostas explicativas, também é inquestionável que a “popularidade” deste fenómeno junto da comunidade científica, em diferentes línguas – principalmente em inglês, mas também em francês e em espanhol – tem sido relativamente pernicioso ao iludir ou omitir, em muitos casos, o funcionamento dos SP locativos-direcionais em coocorrência com verbos de movimento de tipo distinto de *empurrar*.

Assim, iremos observar que, em português europeu, com alguns verbos de movimento, os SP locativos-direcionais não manifestam a propriedade de alterar a natureza aspetual do predicado, embora tal não signifique que sejam indiferentes à representação temporal da situação associada ao enunciado.

Observando os exemplos seguintes:

- (4) o Luís foi a Sintra/até Sintra/para Sintra.
- (5) a. o Luís foi a Sintra durante uma hora.
b. o Luís foi a Sintra em uma hora.
- (6) a. o Luís foi até Sintra durante uma hora.
b. o Luís foi até Sintra em uma hora.

Acrescentarei, em todo o caso, que a coocorrência com advérbios durativos ou de realização permite desambiguar a sequência, pondo em evidência as duas interpretações apontadas.

(7) a. ?o Luís foi para Sintra durante uma hora.⁴⁵

b. o Luís foi para Sintra em uma hora.

verificamos que a coocorrência de eventualidades do tipo processo culminado, quando combinadas com adverbiais do tipo **durante Q N de T**, não são recategorizadas em processos. Dito por outras palavras, nos exemplos (4) a (7), não observamos uma alteração da natureza aspetual do enunciado, como sucedia em (1) a (3).

A análise comparativa dos dois conjuntos de exemplos, permite identificar uma outra diferença importante. A saber: com verbos do tipo *empurrar* os adverbiais delimitam um intervalo de tempo isomórfico (coextensional) em relação ao evento representado pelo enunciado. Já no que respeita a verbos como *ir* verificamos que com adverbiais de realização pode ser efetuada a mesma análise em alguns casos – cf. exemplos (5b) e (6b) –, mas tal não sucede necessariamente em (7b). Neste último caso, o adverbial *em uma hora* pode delimitar implicitamente um intervalo de tempo anterior ao intervalo representado pelo evento associado ao enunciado ou não. Neste sentido, (7b) pode ser analisada como uma sequência ambígua.

No último paradigma – exemplos (5) a (7) –, para além da diferença acima identificada, e contrariamente ao comportamento evidenciado pelos adverbiais durativos nos exemplos (1) a (3), verificamos que, independentemente das preposições selecionadas, o adverbial *durante uma hora* delimita um intervalo de tempo posterior ao intervalo correspondente ao evento representado pelo enunciado.

Face ao exposto, considero pertinente passar em revista as propostas de classificação semântica dos verbos de movimento, procurando, desta forma, criar condições para a identificação das propriedades que condicionam as coocorrências com os SP locativos-direcionais.

Esta abordagem não pode dispensar uma outra linha de investigação cujos trabalhos consistem numa análise tipológica das expressões de movimento, tendo em vista dois objetivos principais:

- (i) determinar quais as propriedades semânticas de base que constituem o evento de movimento:

⁴⁵ Os juízos dos informantes são sensíveis à natureza da quantificação associada ao adverbial. Assim, um enunciado como *o Luís foi para Sintra durante duas semanas* não parece suscitar dúvidas quanto à gramaticalidade da sequência.

- (ii) identificar os elementos sintáticos – verbo, preposição ou outros – que exprimem essas propriedades.

Concluídas estas duas tarefas iniciais, será possível passar a uma outra fase do trabalho. Esta consiste na revisão da literatura que integra os SP locativos-direcionais na análise da categoria aspeto.

A esta última tarefa seguir-se-á, finalmente, a descrição dos dados do português.

3.2. Classificação semântica dos Verbos de Movimento

A distinção entre verbos de deslocação (VVD) e verbos de maneira de movimento (VVMM) foi objeto de diferentes trabalhos da autoria de Tesnière [1959] (1969), Vandeloise (1987), Lamiroy (1991) e Morimoto (2001), entre outros.

Tesnière [1959] (1969: 307-310) terá sido o primeiro a lançar o debate, defendendo a pertinência da distinção entre verbos que exprimem o **movimento** (*mouvement*) e verbos que denotam a **deslocação** (*déplacement*).

De acordo com este autor, o movimento tem natureza intrínseca, isto é, está ligado às características somáticas da entidade que o produz. Dito por outras palavras, o movimento depende da estrutura dos corpos envolvidos na sua execução. Para percorrer uma determinada distância, um homem caminha, uma ave voa, um peixe nada, etc. Assim, na expressão do movimento teremos verbos “estritamente especializados” (id., *ibid.*, p. 308): *marcher, courir, galoper, trotter, voler, nager*, etc.

A deslocação, pelo contrário, é extrínseca, o que significa que tem uma dimensão espacial. Caracteriza-se pela perseguição de um alvo (*but*). Como exemplos de verbos que exprimem a deslocação, são referidos os pares *monter/descendre, aller/venir, entrer/sortir*.

A proposta de Tesnière é, contudo, problemática, na medida em que, na base da sua argumentação, estão critérios de natureza extralinguística. Tal sucede, por exemplo, quando, para diferenciar o movimento da deslocação, descreve o primeiro como “bonito” e “gracioso”, a propósito do salto de um felino, e considera inapropriada essa apreciação no caso da deslocação.

Partindo de algumas das observações de Tesnière, Vandeloise (1987) procura dar um estatuto linguístico ao movimento e à deslocação.⁴⁶ De acordo com este autor, os VVD constituem uma classe particular de verbos de movimento⁴⁷, para os quais “le système de reference par rapport auquel le mouvement est évalué doit être extrinsèque à l’entité mobile.” (*id.*, *ibid.*, p. 85)

Como elementos fundamentais da deslocação refere a sua origem, o seu termo e a Trajetória que os liga.

Embora o estudo levado a cabo por este autor (*ibid.* p. 85), incida particularmente sobre os VVD, não deixa de caracterizar os VVMM, defendendo que estes descrevem “un mouvement du corps évalué par rapport à un système de référence qui lui est lié.”

Podemos ainda assim notar uma certa dificuldade relativamente à forma de lidar com VVMM como *marcher*, *courir* e *ramper*, etc., na medida em que implicam uma deslocação, embora o autor considere que a função essencial destes verbos consista em dar a conhecer a maneira como o movimento se efetua.

A proposta de Lamiroy (1991: 65-66) permite dar uma resposta a este problema, na medida em que se defende que os VVD exprimem deslocação com uma determinada orientação ou direção, ao passo que os VVMM se limitam a assinalar a existência de uma deslocação sem que, no entanto, especifiquem a nível lexical o tipo de Trajetória que está implicada.

Seguindo a proposta de Lamiroy, Morimoto (2001: 47-ss), no seu estudo do espanhol, defende a existência de três critérios semânticos para a classificação dos Verbos de Movimento:

- (i) presença / ausência de deslocação;
- (ii) determinação / indeterminação na Trajetória;
- (iii) referência a uma determinada maneira de movimento.

⁴⁶ Na sua terminologia (1987: 85), os verbos que exprimem o movimento são designados como verbos de maneira de deslocação (“*verbes de manière de déplacement*”). Procurando defender a legibilidade da tese, assumo, para designar este tipo de verbos, a terminologia seguida por Tenny (1995a) e Morimoto (2001), e. o.: verbos de maneira de movimento (VVMM).

⁴⁷ Ao contrário de Tesnière, Vandeloise não encontra nenhuma razão para que se não designe quer os VVD quer os VVMM através da expressão mais geral de verbos de movimento, apontada como inexistente pelo primeiro autor.

Assim, e de acordo com os critérios enunciados, declara insuficiente a distinção entre VVD e VVMM descrita na literatura.

No caso dos primeiros, tendo em conta diferentes propriedades da Trajetória associada ao verbo, distingue três grupos de VVD (id., *ibid.*, 166). A saber:

- (i) VVD com Trajetória baseada na função HACIA – *avanzar, aproximarse, bajar, caer, subir, ir* (avançar, aproximar-se, descer, cair, subir, ir);
- (ii) VVD com Trajetória baseada na função DE e/ou A. Dentro deste grupo, propõe a subdivisão em verbos que exprimem a superação de um limite e verbos sem superação de limite. Entre os primeiros contam-se verbos como *entrar, penetrar* (entrar, penetrar). Dos segundos fazem parte verbos do tipo de *venir, llegar, alcanzar* (vir, chegar, atingir).
- (iii) VVD com Trajetória de trânsito – *pasar, cruzar, atravesar* (passar, cruzar, atravessar).⁴⁸

Como podemos verificar, o critério fundamental para a classificação semântica dos VVD corresponde ao tipo de Trajetória inerente ao significado destes verbos. Por outras palavras, a tipologia proposta assenta numa outra: a tipologia da Trajetória.

Assim, e seguindo a proposta de Jackendoff (1996), decompõe a Trajetória numa função de Trajetória e num argumento pertencendo à categoria conceptual de Objeto ou Lugar.⁴⁹ A Trajetória é considerada uma categoria espacial e as suas principais modalidades conceptuais são as seguintes: HACIA, A, DE, HASTA, DESDE, VIA, POR.⁵⁰

⁴⁸ A propósito deste tipo de verbos, o autor faz referência a casos de ambiguidade dada a possibilidade de ocorrência em enunciados com um valor delimitado ou não delimitado, consoante a sua coocorrência com um argumento interno objeto direto ou um lugar.

⁴⁹ Ainda na linha de Jackendoff (1996), defende ainda que as trajetórias incluem uma categoria conceptual quantitativa, definida pela Distância. É o que sucede, por exemplo, no caso de *subir cinco kilómetros hacia el cumbre*.

⁵⁰ Outro autor a interessar-se por este tipo de verbos é Boons (1987). Para este autor, os verbos de movimento podem ser categorizados de acordo com a sua **polaridade aspetual**. Assim, e tendo em conta que um objeto móvel (*cible*) pode ocupar diferentes porções de espaço correspondentes à delimitação de três fases ou etapas espaço-temporais, Boons defende a existência de verbos de polaridade inicial, média e final. Os primeiros estão associados ao “início”, à “partida”, podendo corresponder às Trajetórias baseadas na função DE em Morimoto. Os verbos de polaridade média exprimem o “curso da deslocação”, identificando-se com o terceiro tipo proposto por Morimoto (VVD com Trajetórias de trânsito). Por fim, os verbos de polaridade final, na medida em que exprimem o “fim” ou a “fase final” de uma deslocação podem ser associados ao primeiro dos tipos de Morimoto – VVD com Trajetória baseada na função HACIA.

No que respeita aos VVMM, o autor defende ainda ser necessário distinguir dois grupos com comportamentos diferenciados. Identifica, deste modo, um subgrupo de verbos do tipo de *caminar* ou *correr*, cuja característica principal é a indeterminação da Trajetória, e um segundo grupo de verbos do tipo de *balancearse*, marcados pela ausência de Trajetória. Na medida em que, no caso dos primeiros, o movimento tem uma referência espacial externa ao objeto que se move e, no dos segundos, um movimento que é estritamente interno a um objeto, designa aqueles de VVMM-E e estes de VVMM-I. Os primeiros são representativos da classe dos verbos inergativos, ao passo que os segundos o são dos verbos inacusativos.

Sistematizando, e sem tomar em linha de conta a distinção no interior dos VVD, é possível apresentar o seguinte quadro de síntese (Morimoto 2001: 50):

(8)

	Presença de deslocação	Trajetória	Maneira de movimento
VVD	•	determinada	–
VVMM-E	•	indeterminada	•
VVMM-I	–	ausente	•

A proposta de Morimoto não é, no entanto, suficientemente prudente, de modo a acautelar, a possibilidade de um determinado verbo poder exprimir Trajetórias baseadas em funções diferentes.⁵¹

Assim, e considerando o caso do português, verificamos que a verbos como *avançar*, por exemplo, não corresponde exclusivamente a função PARA. O exemplo seguinte demonstra o que acaba de ser dito:

(9) a. As tropas avançaram *de* Lisboa para conter a revolta.

b. As tropas avançaram *para* Lisboa para conter a revolta.

No que respeita à distinção entre movimento e deslocação, alguns autores como Boons (1987) e Borillo (1998) têm seguido uma linha de argumentação diferente, defendendo que o movimento de um determinado objeto pode apenas ser visto como a mudança de postura ou de posição. Esta mudança não chega ao ponto de implicar uma

⁵¹ Boons (1987: 10), por exemplo, aceita a possibilidade de um verbo ser compatível com relações locativas de mais do que um valor: “La valeur aspectuelle des relations locatives apparaissant à titre d’exemples au tableau S est «canonique», i.e. correspond à la polarité du verbe.”

deslocação do lugar onde o objecto se encontra. Como exemplos, podemos ter verbos como *agenouiller* (ajoelhar-se), *appuyer* (apoiar-se), *tourner* (virar-se), etc.:

(10) Il s'agenouilla sur le sol.⁵²

Para estes autores, a deslocação é considerada um acontecimento de natureza espaço-temporal que implica a mudança das relações espaciais de um objeto em instantes temporais sucessivos. A deslocação pode ser de dois tipos: a deslocação efetua-se, mas o objeto permanece num mesmo lugar; a deslocação do objeto implica a mudança da relação espacial com o lugar. No primeiro caso os autores falam em **mudança de posição** (*changement d'emplacement*) e, no segundo, em **mudança de lugar** (*changement de lieu*). Os exemplos seguintes ilustram, respetivamente, cada um dos tipos distinguidos:

(11) Paul court dans le jardin.⁵³

(12) Paul sort dans la rue.⁵⁴

Deste modo, poder-se-á concluir que os verbos de mudança de posição correspondem, na proposta de Morimoto, aos chamados VVMM, enquanto os verbos de mudança de lugar correspondem *grosso modo* aos VVD.

No seu estudo da problemática da expressão do movimento pelos verbos em coocorrência com SP argumentais, em francês, Bonami (1999), ao contrário dos autores acima citados, prescinde da oposição deslocação/movimento. A tipologia proposta por este autor funciona em termos de relações de movimento. Assim, podemos ter verbos de **movimento não-orientável** e verbos de **movimento orientável**.⁵⁵

O primeiro tipo diz respeito aos verbos que descrevem um movimento, mas não podem ter uma direção. Deste grupo fazem parte verbos como *errer* (errar/deambular),

⁵² Cf. Borillo (1998: 38).

⁵³ *Id.*, *ibid.*, 39.

⁵⁴ *Id.*, *ibid.*

⁵⁵ De referir que já em Boons (1987: 11, 15) são adotados critérios cognitivos e semânticos para distinguir maioritariamente os verbos aqui designados de VVD. De facto, o autor distingue verbos para os quais o movimento é intrinsecamente não orientável (*antiorientation intrinsèque*) – por exemplo, *errer* em *Max a erré dans le desert* – de verbos de orientação livre – e. o., *ramer*, *nager* ou *cavalcader* como em *Max a cavalcadé à travers champs* – e intrínseca – *monter*, por exemplo, em *Max monte vers le rocher*. Para além destes, distingue ainda verbos considerados inerentemente télicos. O autor apresenta como exemplo deste tipo de verbos *muter* e *migrer*, apresentando os seguintes exemplos: *On a muté Max d'un poste civil sur un poste militaire* e *Ces hirondelles migrent d'Europe en Afrique le long du Méridien d'Alger*.

graviter (gravitar), *se promener* (passear), etc., os quais poderiam figurar entre os chamados VVMM-E no trabalho de Morimoto.

O segundo tipo pode subdividir-se em verbos de **porção de movimento** e verbos de **movimento completo**. De acordo com o autor, no caso dos verbos de porção de movimento, “le mobile est nécessairement encore en mouvement après la fin de l’intervalle décrit par le verbe.” (*id.*, *ibid.*, p.185). Esta característica – válida apenas se o verbo estiver num tempo terminativo – pode ser ilustrada por verbos como *dévier*, *se diriger* ou *tourner*, como podemos verificar pela observação dos seguintes exemplos:

(13) a. Jean a tourné *vers* Paris.

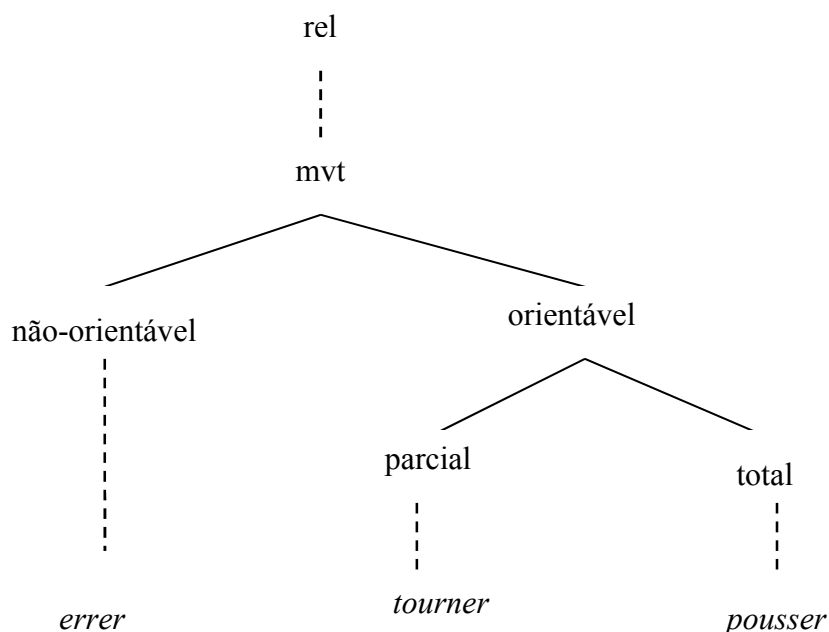
b. Jean a tourné à 10h03. → Jean était encore en mouvement immédiatement après 10h03.

A lista dos verbos de movimento completo apresentada por Bonami (1999: 184-ss) é bastante extensa. Estes subdividem-se, por sua vez, em subclasses de acordo com as propriedades dos SP com os quais coocorrem – estativos, dinâmicos e direcionais. No que respeita a estes verbos, o autor defende que “le mouvement du mobile peut s’interrompre à la fin de l’intervalle décrit par le verbe.” (*id.*, *ibid.*, 186). Assim, e ao contrário do que observamos em (13b), a entidade móvel não se encontra necessariamente em movimento após o fim da situação descrita pelo enunciado:

(14) De 11h03 à 11h34, Jean a marché. ↗ Jean était encore en mouvement immédiatement après 11h34.

O diagrama seguinte sintetiza a classificação das relações (rel) de movimento (mvt) proposta por Bonami (1999: 191):

(15)



Por razões que a análise dos dados do português ajudará a tornar evidentes, assumirei, no curso deste trabalho, a distinção VVD/VVMM proposta por autores como Tesnière (1959), Vandeloise (1987), Lamiroy (1991) e Morimoto (2001). Faço-o por considerar que se trata da abordagem que concilia de forma mais consistente o recurso a critérios linguísticos e a critérios cognitivos para construir a identidade semântica dos verbos de movimento.

Como veremos, para além da representação de Trajetórias de natureza diferente, necessariamente identificadas em relação às propriedades definitórias das noções, a distinção VVD/VVMM colhe argumentos de peso quando observamos a existência de comportamentos diferenciados das duas classes no que respeita à categoria aspeto.

Naturalmente, a decisão tomada não é alheia ao facto de a distinção VVD/VVMM ser a mais difundida na literatura e de estar já bastante estabilizada, o que não sucede com outras a que foi sendo feita referência. Do ponto de vista tipológico, e como foi possível verificar acima, a dicotomia VVD/VVMM pode ser identificada *grosso modo* com os pares deslocação/movimento – Tesnière (1959) e Vandeloise (1989) – mudança de lugar/mudança de posição – Borillo (1998) – movimento orientável/movimento não-orientável – Bonami (1999).

Como é evidente, a assunção de duas grandes categorias semânticas de verbos não significa que, do ponto de vista lexicológico, se considere que os verbos pertencentes à mesma classe funcionem como sinónimos.

De referir ainda que nas propostas dos diferentes autores, nem sempre é tratada de forma explícita a interdependência entre a classificação tipológica dos verbos e as propriedades das preposições com as quais se combinam.

Assim, em Boons (1987), admite-se a possibilidade de combinação de um mesmo verbo com relações locativas de diferentes valores. Porém, de entre as relações locativas possíveis, é assumida uma relação considerada «canónica», a qual determina a polaridade do verbo.

Em Morimoto (2001) e na sequência de Jackendoff (1996), a definição tipológica dos verbos incorpora a articulação entre a função semântica de Trajetória e as suas principais modalidades conceptuais (HACIA, A, DE, HASTA, DESDE, VIA, POR). Deste modo, admite-se que um mesmo verbo possa exprimir diferentes modalidades conceptuais de Trajetória.

Por conseguinte, será importante estudar as condições que regulam a combinatória entre verbos de movimento e as preposições e se essa combinatória obedece a um padrão de tipo composicional. No capítulo 4 desta tese, serão apresentados alguns contributos para este estudo.

3.3. Modelos de lexicalização

Talmy (1975, 1985), ao levar a cabo uma análise tipológica das expressões de movimento, procura determinar quais as componentes semânticas de base do **evento de movimento**⁵⁶ (*motion event*) e quais os elementos sintáticos – verbo, preposição, etc. – que exprimem essas componentes.

Na sua proposta, o conceito de **evento de movimento** permite o tratamento quer de expressões de movimento (*directed motion*), quer de expressões de localização

⁵⁶ Embora as palavras *motion* e *movement* possam constituir casos de sinonímia em Inglês, em Talmy (1985) recorre-se ao primeiro termo para designar o tipo de situação construída (*motion event*) e o tipo de verbo (*motion verb*). O termo *motion* é também usado para designar uma das entidades semânticas de base presentes em eventos de movimento e que será traduzida no presente trabalho como Movimento (Motion). De referir que, no que respeita a esta componente semântica, Morimoto (2001: 54) adota uma tradução demasiado restritiva, ao optar pelo termo *desplazamiento*.

(*located motion*)⁵⁷. Assim, o evento típico de movimento consiste na deslocação ou localização de um objeto (a Figura – *Figure*) tendo por referência um outro objeto (o Fundo – *Ground*). Para além destas duas componentes semânticas do evento de movimento, postula ainda a existência de duas outras: a Trajetória (*Path*) e o Movimento (*Motion*).

A estas quatro componentes semânticas de base, Talmy (1985:61) associa ainda a Maneira (*Manner*) e a Causa (*Cause*)⁵⁸, analisando-as, no entanto, como eventos externos ao movimento em si.⁵⁹

Podemos encontrar as entidades semânticas postuladas por Talmy num exemplo como:

(16) The rock	rolled	down	the hill.
<i>Figura</i>	<i>Movimento</i>	<i>Trajetória</i>	<i>Fundo</i>
	<i>Maneira</i>		

‘A pedra rolou montanha abaixo’

Para além de ilustrar o modo segundo o qual cada uma das componentes semânticas é lexicalizada, o exemplo (16) permite ainda demonstrar que um verbo pode lexicalizar⁶⁰ mais do que uma componente semântica. A esta propriedade dos verbos poderem lexicalizar duas componentes semânticas Talmy (*ibid.*, 66) chama **fusão** (*conflation*). Consoante o padrão de fusão nas línguas, assim estaremos na presença de diferentes padrões de lexicalização.

Tendo por base os pressupostos teóricos acima enunciados, o autor avança uma caracterização tipológica das línguas segundo o modelo de lexicalização dominante em cada uma delas. Defende que em línguas como o inglês⁶¹ o verbo lexicaliza as componentes semânticas de Movimento e de Maneira – Modelo A. Noutro grupo de

⁵⁷ Por não serem pertinentes para o estudo das preposições *a*, *até* (a) e *para*, não serão analisados no presente trabalho os exemplos de Localização.

⁵⁸ Abduco do estudo da componente semântica Causa por não se afigurar pertinente para o trabalho em curso.

⁵⁹ Como faz notar Demonte (1994) *apud* Morimoto (2001: 52), estas componentes semânticas não correspondem diretamente nem aos papéis temáticos da Teoria da Regência e Ligação, nem às categorias conceptuais de Jackendoff (1983, 1990, 1996).

⁶⁰ Para Talmy (1985: 59), “lexicalization is involved where a particular meaning component is found to be in regular association with a particular morpheme.”

⁶¹ Também no Chinês e, aparentemente, em todos os ramos do Indo-Europeu, exceto as línguas românicas (*id.*, *ibid.*, 62).

línguas, exemplificadas pelo espanhol⁶², o verbo principal exprime, simultaneamente, o Movimento e a Trajetória – Modelo B.⁶³

Os exemplos abaixo (Talmy 1985: 70):

(17) I rolled the keg into the storeroom
Movimento *Trajetória*
Maneira

‘Empurrei a pipa para dentro da adega, rebolando-a’

(18) Metí el barril a la bodega rodandolo
Movimento *Maneira*
Trajetória

‘Meti a pipa na adega, rebolando-a’

ilustram o que acaba de ser dito.

Estudando a combinatória entre verbos e preposições (*id.*, *ibid.*, p. 64), defende ainda que com verbos do tipo *float* (*swim*, *roll*), em inglês, teremos, na maior parte dos casos, sequências marcadas pela ambiguidade, podendo exprimir a localização (*located motion*) ou o movimento com Trajetória (*directed motion*), como sucede no exemplo seguinte:

(19) The boat floated *under* the bridge.

No caso do espanhol, a combinatória deste tipo de verbos com uma preposição apenas representa a localização (*located motion*). A estratégia para exprimir o movimento com Trajetória, nesta língua, é completamente diferente da do inglês, passando pela seleção de um verbo inerentemente télico.

Assim, em (17), a interpretação de Movimento e de Maneira está associada ao predicado verbal *roll*, atélico. De modo a construir uma situação em que se explicita uma direção específica é preciso recorrer no inglês a um SP *into the storeroom*.

⁶² Também as outras línguas românicas, as línguas polinésias e as semitas (*id.*, *ibid.*, 69).

⁶³ Talmy (1985: 73) dá conta ainda de um terceiro modelo de lexicalização caracterizado pelo facto de o verbo exprimir simultaneamente o Movimento e a Figura. O Atsugewi, uma língua índia do norte da Califórnia, é o exemplo por excelência deste modelo. Os seguintes radicais verbais exprimem simultaneamente o Movimento e a Figura: -lup- ‘para um pequeno objeto esférico e brilhante ser movido/localizado (um rebuçado redondo, um globo ocular, uma pedra de granizo), -qput- ‘para detritos secos e soltos serem movidos/localizados’, -staq-, ‘para material viscoso e desagradável ser movido/localizado’ (lama, estrume, tomates podres, tripas), e.o. Porque não é produtiva para a descrição do Português, não procedo a uma caracterização mais detalhada deste terceiro tipo de línguas.

Em (18), por seu turno, o predicador verbal é inerentemente télico, marcando uma Trajetória (do exterior para o interior). A Maneira, caso o enunciador pretenda representá-la, é lexicalizada por um constituinte adverbial ou pelo gerúndio (como é o caso). Este constituinte poderá, no entanto, parecer estilisticamente estranho, pelo que a informação de Maneira ou é omitida no discurso ou está representada no contexto.

Embora a tipologia descritiva proposta por Talmy (1985) não se apresente como uma generalização absoluta, poder-se-á considerar que o objetivo principal de caracterização das línguas de acordo com o modelo de lexicalização predominante se vê prejudicado ao privilegiar o estudo de VVMM, em inglês, e de VVDD em espanhol. De facto, na exemplificação proposta para caracterizar o Modelo A de lexicalização iremos encontrar sobretudo verbos como *slid*, *roll*, *bounce* e *swing*, e. o. . Já no que respeita ao Modelo B de lexicalização, observa-se a ocorrência preferencial de VVDD como *entrar*, *salir*, *passar*, *subir*, etc.. Apesar de o autor (*ibid.*, 72) não ignorar que certos verbos em inglês⁶⁴ contrastam com o habitual padrão de lexicalização nesta língua, defende que a maioria destes verbos não são originais do inglês, constituindo empréstimos de línguas românicas.

Para o estudo a desenvolver no âmbito desta dissertação, destacar-se-á da proposta de Talmy a ideia de que o Movimento com expressão de *directed motion* parece mais ajustado nas línguas românicas a VVDD do que a VVMM. A combinatória de SP que exprimem a Trajetória com VVMM, porém, também permite nas línguas românicas, à semelhança do que sucede em inglês, a expressão de *directed motion*.

Este facto pode ser observado no exemplo seguinte:

(20) Na mesma região um autocarro despistou-se também ontem e rolou *até* ao fundo de uma ravina. (CetemPúblico par=ext41423-soc-92b-2)

(21) O Luís caminhou *para* a paragem / *até à* paragem.

3.4. Integração dos SP locativo-direcionais na análise da categoria aspeto

Na literatura, o argumento interno objeto direto⁶⁵ é aquele que mais frequentemente tem sido relacionado com a delimitação aspetual. Vendler (1957) reconheceu-o implicitamente, ao assumir que as propriedades aspetuais de um

⁶⁴ Por exemplo, *enter*, *exit*, *pass*, *rise*, *descend*, *return*.

⁶⁵ Para o estudo do conceito de **objeto** em português veja-se Pereira (2009).

predicado não dizem apenas respeito ao verbo, como podemos verificar em casos como *run* e *run a mile*.

O trabalho desenvolvido por autores como Garey (1957) e Verkuyl (1972) permitiu mostrar que as propriedades aspetuais de um predicado resultam da convergência de dois elementos: a natureza do núcleo verbal e as características semânticas do N e a sua determinação. Assim, por exemplo, *eat two apples* é télico e *eat apples* é atélico.

Na sua abordagem inicial deste fenómeno, Verkuyl defende que o traço lexical do verbo [+ ADD TO] interage formalmente com o traço delimitação ou fronteira temporal (*boundedness*) [\pm SQA] ou [\pm Specified Quantity], produzindo distinções em termos de telicidade.

As abordagens de tipo composicional dos fenómenos aspetuais desenvolvidas, entre outros, por Verkuyl (1972, 1993), Tenny (1994, 1995a e 1995b), Krifka (1992) e Jackendoff (1996) estabelecem um parentesco conceptual entre os casos em que ocorrem objetos diretos afetados⁶⁶ e de execução, como *eat an apple*, e aqueles em que o predicado exprime mudança no espaço – *walk from the university to the capitol* – ou mudança de propriedades – *bake the cake*.

Apesar das diferenças na terminologia e quadro teórico e na argumentação, a noção de Trajetória⁶⁷ (*Path*) é central para as teorias da composição aspetual. Nos termos de Krifka (1992), as Trajetórias são modeladas por funções que fazem o mapeamento dos objetos em relação às suas coordenadas espaço-temporais, tendo em conta intervalos que vão aumentando progressivamente. Embora esta noção não seja exclusiva do movimento no espaço, podendo ser também aplicada a outras dimensões (à mudança de propriedades como, por exemplo, a mudança da temperatura de um objeto), na descrição, é frequente o recurso aos verbos de movimento porque estes permitem intuições e predições muito claras sobre os fenómenos em estudo.

Em alguns dos estudos citados, no entanto, os SP direcionais recebem um tratamento algo marginal no que respeita à determinação aspetual.

⁶⁶ Em inglês, *incremental objects*.

⁶⁷ Cf. Gruber (1965). O primeiro autor a conferir um estatuto teórico à noção de Trajetória (em inglês, *Path*) terá sido Gruber (1965). O conceito de Trajetória é pertinente também nos trabalhos de Talmy (1975, 1985), Tenny (1994, 1995a, 1995b), Jackendoff (1996) e de Morimoto (2001).

Assim, por exemplo, Tenny começa por defender nos seus trabalhos iniciais que a propriedade de **Medida** (*measuring-out*), um elemento de significação de natureza aspetual, assente fundamentalmente na noção de fronteira temporal, é realizada por argumentos diretos dos verbos.

Nos exemplos seguintes:

(22) John ate a sandwich *up* *for five minutes/in five minutes

(23) Godfrey washed the floor *clean* *for five minutes/in five minutes⁶⁸

os argumentos internos objetos diretos *a sandwich* e *the floor* marcam uma escala ou propriedade graduável, a qual permite definir a extensão do evento, delimitando-o temporalmente. Nas frases apresentadas, existem evidentemente outros elementos que também medem o evento, como a partícula *up* e o adjetivo *clean*, os quais ficam de fora da análise por transcenderem o objeto de estudo deste trabalho.

Se a intuição da autora parece adequada aos verbos de *incremental theme* (*eat, drink, build, read*) ou aos verbos de mudança de estado (*melt, freeze, shrink*), o que sucede com os VVMM, num caso como *walk to the bridge*? Nestes casos, a autora necessita de postular a existência de um objeto de trajetória implícito para que a propriedade medida possa aplicar-se, delimitando o evento. Deste modo, a escala que serve de medida à propriedade é a trajetória ou distância percorrida até à ponte, podendo ser glosada nos seguintes termos: *walk the distance to the bridge*.

Apesar da evidência dos elementos empíricos parecer impor os SP como uma das variáveis sintáticas que afectam a natureza delimitada do evento, em Tenny (1994: 75) sustenta-se ainda o contrário:

“An indirect internal argument that is a delimiting expression such as a goal cannot delimit the verb phrase independently of the scale established by a measuring direct argument.”

Em trabalhos posteriores – por exemplo, Tenny (1995b) –, observa-se uma mudança relativamente à tese inicialmente sustentada, segundo a qual só os argumentos diretos podem fornecer uma escala ou parâmetro graduável, medindo o evento. De facto, as suas posições mais recentes admitem a possibilidade de os argumentos que exprimem Trajetória poderem realizar-se também como SP.

⁶⁸ Cf. Tenny (1995a: 36).

Sintetizando, a proposta de Tenny, formulada no contexto da chamada Hipótese de Interface Aspectual (*Aspectual Interface Hypothesis* ou AIH), assenta em três pressupostos fundamentais. A saber:

- (i) a entidade que mede o evento é afetada por esse mesmo evento;
- (ii) as entidades afetadas realizam-se como argumentos diretos dos verbos. Estes argumentos correspondem quer a objetos de verbos transitivos, quer a sujeitos de verbos inacusativos;
- (iii) neste sentido, a propriedade de medida, enquanto propriedade lexical do verbo, é suficiente para determinar muitos aspetos da interface semântica-sintaxe. Ou, se quisermos, nos próprios termos da autora “The universal principles of mapping between thematic structure and syntactic argument structure are governed by aspectual properties relating to measuring-out.” (Tenny 1994:115-116).

Esta proposta mereceu, como veremos adiante, a crítica veemente de Jackendoff (1996). Deixando de parte os detalhes dessa análise, por ora, consideremos seguidamente quais as maneiras de participação de um argumento na construção de valores aspetuais.

De acordo com Tenny (1994, 1995a, 1995b), podem ser três os papéis aspetuais que o verbo atribui aos seus argumentos internos: Medida (*Mesure*), Término (*Terminus*) e Trajetória (*Path*).

No evento ou acontecimento linguístico representado pelo verbo, a Medida é o papel aspetual atribuído a um argumento que ou sofre mudança interna, ou é sujeito a movimento ou, não sendo sujeito a movimento, fornece uma escala ou parâmetro graduável. Identifica-se com o papel temático de Tema⁶⁹, podendo corresponder aos chamados temas incrementais (*incremental themes*), aos objetos de mudança de estado e aos sujeitos dos verbos inergativos. Por vezes, pode ainda corresponder às Trajetórias nos predicados cujo objeto exprime uma Trajetória (*Path object*). Como vimos acima, o papel temático de Medida define a extensão temporal de um evento.

Como exemplos dos casos acima descritos temos:

(24) John built a house.

⁶⁹ Cf. Gruber (1965).

(25) Mary melted the ice cream by leaving it in the sun.

(26) Mary walked the Appalachian Trail.

Assim, a Medida corresponde ao tema incremental *a house*, em (24), ao objeto de mudança de estado *the ice cream*, em (25), e a um objeto associado a uma Trajetória (*Path objet*) *the Appalachian Trail*, em (26).

O Término marca o último ponto na escala definida pela Trajetória, definindo desta forma o último ponto temporal do evento. Nos exemplos seguintes, o papel aspetual de Término corresponde respetivamente a *to a gas station* e *to school*:

(27) John pushed the car *to a gas station*.

(28) Carmen walked *to school*.

Por fim, a Trajetória é descrita como um papel de Medida defetivo. É este papel aspetual que fornece a escala segundo a qual o evento é medido. Em conjugação com o Término, explícita ou implicitamente, marca o último ponto do evento. Embora não se possa falar numa correspondência perfeita, os papéis temáticos de Término e de Trajetória identificam-se com o papel temático de Alvo.

(29) John pushed the car the whole distance *to a gas station*

(30) Carmen walked the Path *to school*.

Como refere Jackendoff (1996a), a análise de Tenny é correta na medida em que identifica uma relação estreita entre a afetação (ou o estatuto de Paciente) e o argumento com o estatuto de objeto direto. Ainda de acordo com o mesmo autor, ela é criticável visto que as variáveis sintáticas que afetam a Medida (*measuring out*) e, portanto, a telicidade, têm mais a ver com os SP ou com expressões de medida (*measure phrases*) do que com o argumento objeto direto.

Por outro lado, e contrariamente aos objetos afetados e incrementais, em que a entidade que mede o evento é afetada pelo evento, no caso dos SP podemos verificar que não há afetação.

Para além de Tenny, outros autores manifestaram interesse pelo estudo dos argumentos que podem induzir efeitos de telicidade. Entre outros, podemos referir Jackendoff (1983, 1996), Verkuyl (1972, 1993), Verkuyl & Zwarts (1992) e Krifka (1992).

Todos eles comungam da ideia de que o argumento de Trajetória (*Path*) pode desempenhar o mesmo papel que os argumentos de afetação ou de execução, contrariamente à tese defendida por Tenny, segundo a qual existe uma relação entre a afetação e a posição de argumento direto, por um lado, e entre estas e a telicidade, por outro lado.

A ideia da representação da localização e da mudança no tempo e no espaço tem as suas raízes na tradição linguística do localismo (hipótese localista).⁷⁰ Na sequência de Gruber (1965), cuja proposta das relações temáticas é integrada pela Gramática Generativa, autores como Jackendoff e Verkuyl assumem que as funções principais de Estado, Evento, Localização e Trajetória, que representam as relações espaciais, podem representar outras relações de qualquer campo nocional, ou seja, podem representar mudanças ou transições mais abstratas.

Nos casos de Verkuyl e Krifka, o modelo de Gruber irá ser articulado com uma semântica teórica na tradição de Montague, ao passo que Jackendoff, com a sua Semântica Conceptual, o irá articular com as propostas das teorias cognitivistas e da percepção, na linha de autores como Miller & Johnson-Laird (1976) e de Langacker (1987).

Esta breve contextualização histórica ajuda a compreender a importância da noção de Trajetória para o estudo do movimento (*motion*) e, em particular, da coocorrência de verbos de movimento com SP locativos e direcionais.

Nas primeiras versões destes estudos, o movimento é reduzido aos seus estados iniciais e finais: temos assim a Fonte (*Source*) e o Alvo (*Goal*) – cf. Jackendoff (1972).⁷¹ Mais tarde, noutras versões mais desenvolvidas, diferentes autores – Verkuyl e Tenny, por exemplo – irão assumir que a semântica do evento de movimento deve ser analisada como uma sucessão de estados ou pontos, os quais situam um mesmo objeto

⁷⁰ Cf. subcapítulo 2.3 do presente trabalho.

⁷¹ Para representar a expressão de mudança, Jackendoff (1972, 1976) propõe a seguinte notação: $GO_{\alpha}(X, Y, Z)$. O predicado GO é assumido como uma relação de três lugares, na qual X corresponde ao Tema (a entidade em movimento), Y à Fonte (onde o movimento começa) e Z ao Alvo/Meta (onde o movimento acaba). O subscrito α representa o campo semântico apropriado. As relações entre X, Y e Z denotadas pelo verbo são designadas **relações temáticas**.

em localizações diferentes. Utilizando uma metáfora proveniente da fotografia, esta perspectiva é batizada por Jackendoff como sendo do tipo “snapshot view”.⁷²

Apesar das divergências apontadas no que respeita à conceção de movimento e dos diferentes formalismos e notações metalinguísticas adotados, podemos verificar uma relativa uniformidade na definição do conceito de Trajetória. Assim, Verkuyl & Zwarts (1992: 487) definem a Trajetória nos seguintes termos:

“The notion of Path was defined in terms of a function π that is taken as mapping the denotation of the NP_{Theme} to the set of spatio-temporal positions it goes through.”

Neste sentido, a posição do objecto denotado pelo Tema ao longo da Trajetória é codificada como uma função de tempo. Por esta razão, a ligação entre o tempo e o evento é descrita por Verkuyl como um instrumento de Medida⁷³, que mede e regista o progresso do Tema ao longo da Trajetória. Krifka prefere falar na transferência de propriedades referenciais do Tema para o evento (*temporal trace function*).

Retomando a análise do exemplo (28):

(31) Carmen walked to school.

considera-se que a entidade ‘Carmen’ é sujeita à função Trajetória, na qual as posições espaciais estão dependentes de tempos indexados.

Em sintonia com esta perspectiva, Jackendoff (1983) propõe uma nova representação do esquema de movimento:

(32) $GO_{\alpha}(X,P)$

Nesta nova notação metalinguística, P representa a Trajetória e o Tema X relaciona-se com a zona em que este se move.

A defesa da existência de uma relação entre a Trajetória e o evento tem óbvias consequências ao nível da construção dos valores aspetuais, em particular no que respeita aos efeitos de telicidade. Assim, a localização do Tema no início ou no fim da Trajetória corresponderá, respetivamente, ao início ou fim do evento. Se a Trajetória tem diferentes segmentos, o evento pode ser dividido em diferentes segmentos correspondentes à localização do Tema em distintas posições/partes da Trajetória.

⁷² Por razões que desenvolverei mais adiante, Jackendoff (1996: 316) opõe-se à perspectiva de tipo “snapshot view”, ao assumir o movimento em termos de mudança contínua no tempo.

⁷³ Verkuyl (1993) utiliza a metáfora do **conta-quilómetros** (*odometer*).

Em termos muito simples é possível verificar as seguintes relações:

- (i) **Trajectoria com último ponto explícito** – tempo e evento têm também últimos pontos explícitos – evento télico (eventualidade de tipo processo culminado);
- (ii) **Trajectoria sem último ponto explícito** – tempo e evento sem últimos pontos explícitos – evento atélico (eventualidade do tipo processo).

As relações acima descritas parecerão porventura simplistas, pelo que se impõe uma análise mais detalhada dos fenómenos linguísticos em causa. Para o efeito, recorro particularmente ao trabalho de Jackendoff (1996), tendo em conta, pontualmente, algumas versões anteriores da sua proposta.

Em trabalhos anteriores a 1996, Jackendoff desenvolve um sistema de traços conceptuais e de funções. Na ontologia proposta, distingue Lugares (*Places*) de Trajetórias (*Paths*). Os Lugares podem corresponder a pontos ou regiões. As Trajetórias, por seu turno, têm uma estrutura mais variada que os Lugares, podendo ter como argumentos internos os Lugares. Por exemplo, em (33):

(33) from under the table

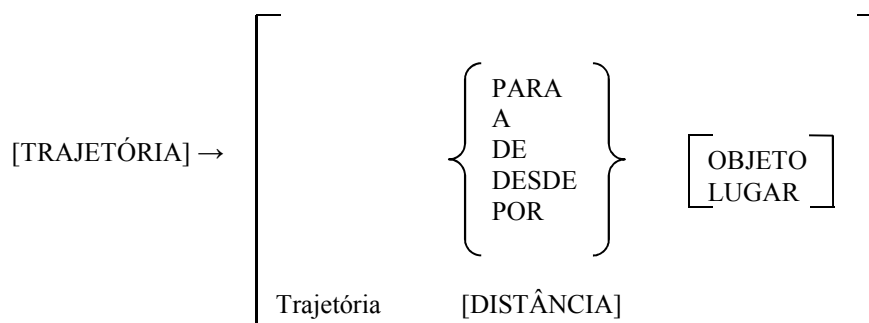
a função Trajetória marcada pela preposição *from* tem como argumento interno um lugar *under the table*.

No que respeita às Trajetórias, estabelece três tipos de funções:

- (i) **Trajektorias delimitadas** (*bounded Paths*). São de dois tipos: **Trajektorias-fonte** (*source-Paths*) representadas como funções-DE (*FROM-functions*) e **Trajektorias-alvo** (*goal-Paths*), representadas como funções-A (*TO-functions*);
- (ii) **Direções** (*directions*). As funções básicas deste segundo tipo de Trajetória são a função-PARA (*TOWARD*) e a função-DESDE (*AWAY FROM*).
- (iii) e **Trajektorias de trânsito** (*routes*). A notação para esta função é POR (*VIA*).

A tipologia da função Trajetória pode ser sintetizada através da seguinte representação:

(34) Tipologia da Trajetória



Mais tarde esta proposta cede o seu lugar a uma outra em que os traços são de natureza dimensional-aspetual:

- (i) **delimitação** (*boundedness*) [\pm b]: permite distinguir as entidades com um limite temporal das que carecem de tal limite⁷⁴;
- (ii) **direcionalidade** [\pm dir]: distingue as entidades com uma orientação inerente das que não estão orientadas⁷⁵;
- (iii) **dimensionalidade** [n -d]: **[0d]** lê-se 0 dimensional e corresponde a uma entidade pontual (ponto espacial ou temporal ou uma culminação). A maior parte das entidades são 0-dimensional; **[1d]** é uma entidade linear como, por exemplo, um rio (ou um evento durativo); **[2d]** e **[3d]** podem corresponder ao rio se tivermos em conta, respetivamente, a largura e a profundidade.⁷⁶

O evento de movimento é concebido como uma construção de natureza multi-dimensional projetando-se num dado intervalo do eixo do tempo. A cada ponto do eixo do tempo corresponderá uma segmentação do evento representando uma localização do tema.

⁷⁴ Em termos formais, Verkuyl e Zwarts (1992: 497) defendem que o traço [+b] representa “the possibility to determine (in principle) a number that indicates the size of the set.” No caso de não ser possível determinar esse número, utilizar-se-á o traço [-b]. Ainda de acordo com os mesmos autores, esta noção pode ser articulada com as noções de cardinalidade finita e “nonemptiness”.

⁷⁵ De acordo com Verkuyl & Zwarts (1992: 497), o traço [+ dir] representa a ordem linear dos elementos de um conjunto. “A set is directional if it is ordered in one direction, yielding one unique beginning point and a potential end point, giving the entity a polarity.”

⁷⁶ Na redacção de Verkuyl & Zwarts (op.cit, 496), “the dimensionality of an object is the number of spatial orderings that can be imposed on the material parts of that object.”

Nesta perspectiva, os eixos do evento, trajetória e tempo são considerados em simultâneo: o ponto-situação é projetado num evento durativo, o ponto no espaço é projetado numa trajetória e, finalmente, o ponto no tempo é projetado num intervalo de tempo. A correspondência entre eixos é contínua ou, por outras palavras, os três eixos não funcionam independentemente uns dos outros, como podemos verificar em (35):

(35)

$$\left[\begin{array}{ccc} [1d]^\alpha & [1d]^\alpha & [1d]^\alpha \\ || & || & || \\ 0d & & \\ \text{BE} ([\text{Thing } X], & [\text{Space } 0d]); & [\text{Time } 0d] \end{array} \right] \begin{array}{l} \text{eixos sp-bound} \\ \\ \text{corte transversal} \end{array}$$

Sit

Nesta proposta⁷⁷ é preservada a propriedade topológica da delimitação, ou seja, um intervalo delimitado num dado eixo corresponde a intervalos delimitados nos outros eixos, sucedendo o inverso no caso de um eixo se apresentar não delimitado. Os exemplos (30) e (31) permitem representar estas duas situações:

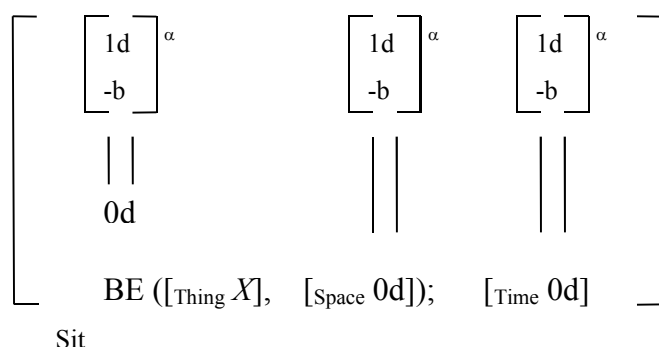
(36) Evento delimitado

$$\left[\begin{array}{ccc} \left[\begin{array}{c} 1d \\ +b \end{array} \right]^\alpha & \left[\begin{array}{c} 1d \\ +b \end{array} \right]^\alpha & \left[\begin{array}{c} 1d \\ +b \end{array} \right]^\alpha \\ || & || & || \\ 0d & & \\ \text{BE} ([\text{Thing } X], & [\text{Space } 0d]); & [\text{Time } 0d] \end{array} \right]$$

Sit

⁷⁷ A representação em (35) decompõe o primitivo GO (X, Y): “The cross-section specifies the momentary location of the theme argument; this cross-section is projected along three axes, one of which is the Path argument of the GO function. The three axes are sp-bound to each other, encoding the correlation of position, time and event structure.” (Jackendoff 1996: 323).

(37) Evento não-delimitado



Se a Trajetória e o Tempo especificarem diferentes valores de delimitação, teremos sequências mal formadas, como podemos verificar no exemplo seguinte, o que constitui um argumento de peso em favor da tese acima enunciada:

(38) *John ran toward [- b] the house in an hour [+ b]

Em (39), embora tenhamos uma sequência bem formada, a única interpretação possível é a de iteratividade:

(39) John ran into [+ b] the house for an hour [- b]

Assim, e na sequência de Krifka (1992), a relação entre os eixos é classificada como isomórfica⁷⁸. Para ser mais rigoroso, a relação entre os eixos do evento e do tempo é considerada isomórfica. No que respeita ao eixo da trajetória, depara-se-nos uma situação mais complexa. Como é possível ao Tema parar ou mudar de direção, pode haver mais do que uma secção do evento em que um ponto particular da Trajetória pode ser ocupado pelo Tema.

Os eixos do evento, Trajetória e Tempo estão ligados pela **sp-bound** (*structure-preserving binding relation*). O conceito de **Medida** (*measuring-out*) proposto por Tenny ganha assim um outro estatuto teórico, como podemos verificar pelas palavras de Jackendoff (1996: 322-323):

“The theme’s change of position measures out the event, because the Path axis along which the theme’s position is projected is sp-bound to the axis that represents the

⁷⁸ Na verdade, Krifka prefere a noção de **homomorfismo** à de **isomorfismo**, assumida por Jackendoff (1996). Ambas devem ser entendidas como funções matemáticas, com a diferença de que as correspondências A e B entre operações serão homomórficas se forem do tipo muitos-para-um e isomórficas se forem do tipo um-para-um (Partee, ter Meulen & Wall, 1990/1993: 251 *apud* Filip 1999: 149).

course of the event and to the axis that represents the time interval over which the event takes place.”

A análise de Jackendoff identifica duas situações distintas de **sp-binding**. No primeiro caso, a delimitação da Trajetória determina a delimitação do Tempo (Trajetória → Tempo). No segundo caso, verifica-se a transferência de propriedades referenciais em sentido inverso (Tempo → Trajetória), na medida em que a escolha dos adverbiais determina a delimitação do Tempo. Dependendo da escolha efetuada, assim se aplica a estrutura (36) – Trajetória delimitada – ou (37) – Trajetória não-delimitada. Jackendoff conclui deste modo que a transferência de propriedades referenciais é de natureza bidirecional.

Segundo Krifka (1992), a proposta de Jackendoff (1996) distingue-se ainda pelo facto de rejeitar a conceptualização do evento de movimento como uma sucessão de estados de localização espacial (*snapshot view*), afastando-se, por conseguinte, de Verkuyl & Zwarts (1992).

Segundo Jackendoff, a proposta destes autores limita-se a especificar uma sequência de estados momentâneos, não indicando que em cada um destes momentos o tema está em movimento. Por outras palavras, a representação estrutural do evento de movimento prevê a existência de subeventos ($e_1 \dots e_n$). Em cada um deles considera-se que o Tema ocupa uma localização diferente. Uma vez que se limita a indicar subitamente uma nova localização do tema num novo subevento, Jackendoff considera que esta proposta não representa adequadamente a continuidade, uma característica fundamental dos eventos de movimento.⁷⁹

Assim, para Jackendoff (1996: 317), em termos matemáticos, a função que relaciona a posição e o tempo é um contínuo:

“On such an approach, we conceptualize both the Path over which motion takes place and the time period which motion takes place as dense intervals – they map onto the real numbers, not to the natural numbers. The position of the theme along the Path is encoded as a function of time, so that, for any arbitrary moment of time, there is a corresponding position.”

⁷⁹ Para ser rigoroso, Verkuyl (1972: 93 e ss.) e Verkuyl & Zwarts (1992: 488) afastam-se de Jackendoff ao considerar que o sistema dos números naturais deve ser usado para representar as diferentes posições de um tema sujeito a movimento, aproximando-se, no entanto, na medida em que consideram a estrutura temporal como um denso, o que explica o recurso aos números reais.

Sintetizando, e tal como faz notar Filip (1999: 82-83), as teses destes autores exprimem concordância ao descreverem a influência de argumentos e/ou adjuntos na telicidade dos predicados. Seja referida na literatura como relação “ADD-TO” (Verkuyl 1972), como relação *measuring-out* (Tenny 1994), como relação de Paciente gradual/sucessivo (Krifka 1992), como relação de Tema Incremental (Dowty 1988, 1991) e ainda como relação “sp” (*structure-preserving*, em Jackendoff 1996), os autores convergem na identificação de fatores sintáticos e semânticos como estando na origem de mudanças aspetuais – construção de situações télicas ou atélicas (ou *quantized/cumulative*, na proposta de Krifka 1992).

A divergência entre as diferentes propostas reside, porém, na natureza das regras que explicam mudanças aspetuais: estritamente sintáticas, estritamente semânticas ou sintático-semânticas. Assim, por exemplo, Tenny defende a existência de uma correspondência uniforme entre o argumento com o papel aspetual de Medida do evento e o objeto direto interno na estrutura-P. Na estrutura de superfície, este argumento poderá ser realizado pelo objeto direto de um verbo transitivo, pelo sujeito de um verbo inacusativo ou pelo objeto direto de um verbo usado como transitivo (embora seja inerentemente intransitivo). Deste modo, para Tenny os fatores que explicam a natureza aspetual dos predicados (télicos/atélicos) são predominantemente de natureza sintática.

Para Krifka (1992), no entanto, tais mudanças deverão ser explicadas fundamentalmente em função de fatores semânticos. Esta ideia baseia-se na observação de que o referente de um objeto direto é sujeito ao evento de maneira gradual, isto é, a estrutura dos objetos⁸⁰ e os intervalos de tempo associados aos eventos estabelecem correspondências (*mappings*) entre si.

Seguindo Krifka (1992), Dowty (1991) e Polard & Sag (1987, 1994), Filip (1999) irá defender a existência de construções gramaticais para explicar o funcionamento dos SP direcionais introduzidos por construções de tipo *directed motion*. De acordo com a sua proposta, o significado destas construções não resulta da aplicação de regras composicionais ao significado dos seus constituintes:

⁸⁰ De referir que, na aceção assumida neste contexto, o objeto não se confunde com a realização por um único argumento sintático. Como sustenta Filip (1999: 141), o objeto identifica-se com uma função compósita de denotações expressas pelo SN associado ao argumento Tema Holístico e pelo SP adjunto associado ao Trajetória-Tema Incremental.

“The verb that is integrated into the construction functions as its syntactic head. Semantically, the verb and the directional PP-adjunct are mutually constraining and both contribute to the meaning of the directed-motion construction. The meaning of a construction is associated with a whole template and not with any particular lexical item it contains.” (Filip 1991: 140)

Deste modo, a autora defende que o padrão da construção do tipo *directed motion* não é lexical, mas antes frásico e, por conseguinte, independente do verbo e do adjunto direcional.⁸¹

Assim, em frases em que ocorrem VVMM ou verbos de emissão de som (*sound emission verbs*), é a combinatória destes com um adjunto direcional que constitui a implicação homomórfica de uma construção, pressuposta pela interpretação télica das frases seguintes:

(40) The frogs jumped to the pond.

(41) John drove (Mary) from Chicago to New York.

(42) The elevator wheezed to the seventh floor.

Para a autora, tanto a construção gramatical como os seus constituintes lexicais são sujeitos a restrições. No caso da construção de tipo *directed motion*, o seu núcleo sintático admite VVMM e verbos de emissão de som. A integração de um verbo como *jump* na construção de tipo *directed motion* é possível porque se verifica a fusão do sujeito implicado pelas propriedades de Proto-Agente com o sujeito da construção (associado ao argumento com o papel temático de **Tema Holístico**⁸²). Por outras palavras, as propriedades temáticas do sujeito do verbo *jump* e da construção gramatical são compatíveis.

⁸¹ Independentemente de serem subcategorizados ou de realizarem sintaticamente como argumentos do verbo, estes SP serão tratados como adjuntos direcionais.

⁸² Dowty (1991) propõe a substituição da noção de **Tema** (Gruber 1965) pela de **Tema Holístico**. Assim, enquanto a noção tradicional de Tema dizia respeito aos argumentos do verbo que estavam sujeitos a uma mudança de localização ou de estado, para Dowty (1991: 569) o Tema Holístico é atribuído ao argumento sujeito a uma mudança de estado que atravessa diferentes etapas ou fases. Deste modo, a mudança é “incremental”, correlacionando a estrutura do **Tema Incremental** e da **Trajatória** com a estrutura denotada pelo evento de movimento. Exemplificando, em frases como *o Luís viajou de Lisboa para o Porto*, o SN *o Luís* é o Tema Holístico. De notar que o Tema Incremental não se realiza como um único argumento sintático. Na frase acima, os SP *de Lisboa para o Porto* denotam os pontos iniciais e finais do Trajetória-Tema Incremental. O termo **Trajatória-Tema Incremental** (*Incremental Path Theme*) cunhado por Dowty (1991), realiza-se em exemplos como *atravessar o deserto* ou *correr um quilómetro*, como um único argumento sintático, com a função de objeto direto.

As classes de verbos exemplificadas em (40) a (42) denotam processos. No entanto, nos exemplos em apreço, a única interpretação possível é a que está associada a eventualidades de tipo processo culminado.⁸³ Tendo em conta esta observação, Filip argumenta que só a combinação específica de VVMM e de verbos de emissão de som com os adjuntos direcionais contribui para a interpretação télica da frase. Esta observação de base, permite-lhe alcançar uma conclusão muito relevante para o estudo das construções do tipo *directed motion*:

“there is no ‘shift’ or ‘overriding’ of the verb’s meaning. The inherent meanings of verbs are part of the meaning of a construction, but the construction as a whole in addition contributes its own meaning.” (Filip 1999: 142)

Neste sentido, sustenta que, em geral, as restrições sintáticas e semânticas impostas pela construção gramatical se sobrepõem às propriedades lexicais inerentes dos itens lexicais que as constituem (*id, ibid*, p. 143-144).

3.4.1. Síntese

Como veremos no capítulo 4., o estudo das construções VVD/VVMM+SP locativos-direcionais em português permitirá colocar em evidência dados empíricos que comprovam a relação entre o conceito de Trajetória e a categoria aspeto.

Assim, assumirei que a relação entre a Trajetória e o evento, através do mapeamento dos objetos em relação às coordenadas espaço-temporais, produz efeitos no que respeita à tipologia das eventualidades representadas e à telicidade das situações.

Na sequência de Filip (1999), defendo ainda que o padrão associado às construções do tipo *directed motion* é de natureza gramatical e não lexical. Como vimos, para esta autora, o objeto não corresponde necessariamente à realização de um único argumento sintático, podendo identificar-se com uma função compósita de denotações expressas pelo SN (Tema Holístico) e pelo SP (Trajetória-Tema Incremental).

Neste sentido, rejeito a hipótese do funcionamento composicional das construções VVD/VVMM+SP locativos-direcionais em português. Como se poderá observar no capítulo seguinte, os dados empíricos favorecem a tese do estatuto

⁸³ Filip (1991: 141) não utiliza a terminologia de Moens (1987) que decidi adotar neste trabalho. Para opor processos a processos culminados, irá usar, respetivamente, os termos *process* e *incremental eventuality*.

relacional da preposição, permitindo demonstrar que as propriedades desta são ativadas ou suscitadas através da relação entre os termos da construção.

4. Os SP direcionais e a categoria aspeto em português Europeu

4.1. As preposições *a*, *até* e *para* – nótulas sobre a sua etimologia

Antes de dar lugar ao estudo das coocorrências de VVD e VVMM com as preposições em estudo, impõem-se algumas considerações sobre a sua etimologia.⁸⁴ A apresentação destas breves considerações não visa a adoção de uma perspectiva diacrónica no estudo a empreender.⁸⁵ Poderá referir-se, no entanto, que a participação de marcadores ocorrendo como preposições ou prefixos em construções de tipo *directed motion* se verificava também em latim como defendem Acedo-Matellán & Mateu (2010).⁸⁶

No que respeita à preposição *a*, diferentes autores (cf. DELP; DHLP, e. o.) consideram-na originária da preposição latina *ad*, com o significado de ‘aproximação, início de uma ação, movimento em direção a um lugar ou no tempo; proximidade, coincidência no tempo ou no espaço’ (DHLP, p. 2). De acordo com o DELP e o DHLP, em alguns casos, provém de *ab* – ‘afastamento, separação de um ponto no espaço ou no tempo’ (DHLP, p. 2). Em latim, *ad* rege o caso acusativo e *ab* o ablativo.

No DHLP, é referido o aparecimento desta preposição em documentos do baixo latim, estando documentada no português a partir dos sécs. XII/XIII.

À segunda das preposições que irei estudar *até* é atribuída uma origem controversa. Machado (1990⁶), no DELP, rejeita a hipótese arábica *hattā*⁸⁷ – ‘até que, a fim de’ –, que, no seu entender, originaria *fata* grave. De acordo com este autor (*ibid.*, p. 343), *até* provém do latim: *ad tenus*⁸⁸ > atões > atees > até > até. A mais antiga abonação conhecida pelo autor data de 1161.

⁸⁴ Para o estudo da etimologia das preposições *a*, *até* e *para*, recorro à consulta dos seguintes dicionários: DELP, DHLP e DLPC.

⁸⁵ Sobre a evolução das preposições do latim para os romances e as línguas românicas, veja-se Brea (1985).

⁸⁶ Adotando a proposta de Talmy (1985), Acedo-Matellán & Mateu (2010) assumem que os verbos *navigare* (navegar) e *gradi* (caminhar) exprimem a maneira de movimento e os SP ou os prefixos exprimem o alvo (*goal*), como podemos verificar nos exemplos seguintes (*ibid.*, p. 12): (i) *Navigant diebus XL ad primum emporium Indiae* (Plínio); (ii) *Simulatque e navi e-gressus est dedit* (Cícero).

⁸⁷ No verbete do DLPC, sustenta-se a tese da origem árabe, quer da preposição, quer do advérbio.

⁸⁸ Poderia tomar também as variantes *ad tene* e *ad tenes*. Em latim, *tenus* é uma preposição que significa ‘até, até a’. Coloca-se depois da palavra que rege, sendo, por isso, uma posposição de ablativo ou genitivo, como se pode verificar em *Tauro tenus regnare* – reinar até ao Tauro – ou *lumborum tenus* – até aos rins (cf. Ferreira 1983: 1146).

No que respeita à preposição *até*, importa referir que em português europeu esta vem, regra geral, acompanhada pela preposição *a* (Cunha/Cintra 1986³: 561), se o termo regido for um Nome precedido por um artigo ou um demonstrativo. De assinalar, no entanto, o contraste que podemos observar em *ele guiou até Lisboa* /**até à Lisboa* e *ele guiou até à cidade* /**até cidade* (cf. Campos 1997: 127).

Em diferentes dicionários (cf. DELP e DLPC), é referida a coexistência com *atá*.

Por último, a preposição *para* tem origem nos vocábulos do latim *per* ('através de, por entre, por; em, durante; por meio de') e *ad*, com a seguinte cadeia evolutiva: *per ad* > *pera* > *para* (cf. DHLP, p. 2753). As formas *pera* e *para* são atestadas no séc. XIII. No séc. XIV refere-se também a existência da forma *par*.

4.2. A expressão do movimento

Em português, a expressão do movimento através da combinatória V+SP argumental/adjunto está associada a dois tipos de interpretação. A saber:

- (i) a deslocação (*goal of motion* ou *directed motion*);
- (ii) a maneira de movimento (*located motion* ou *manner of motion*).

Do ponto de vista sintático-semântico, e no que respeita à deslocação, podemos identificar as seguintes possibilidades combinatórias:

- (i) VVD+SP
- (ii) VVD+SN+SP

As sequências abaixo apresentadas permitem exemplificar as possibilidades identificadas:

- (1) O Luís foi *para* Sintra.
- (2) O Luís levou a Maria *para* Sintra.

A maneira de movimento aparece associada às seguintes construções:

- (i) VVMM
- (ii) VVMM+SN
- (iv) VVMM+SN+SP
- (v) VVMM+SP

Podemos ilustrar estas quatro construções, respetivamente, com os seguintes exemplos:

- (3) O Luís correu.
- (4) O Luís empurrou o carro.
- (5) O Luís empurrou o carro *para* a oficina.
- (6) O Luís caminhou *para* a oficina.

Uma análise precipitada do conjunto de exemplos acima apresentado poderia sugerir, eventualmente, uma correlação entre a deslocação e os VVD, por um lado, e a maneira de movimento e os VVMM, por outro lado.

Porém, e como teremos oportunidade de verificar no presente capítulo, as combinatórias subjacentes a (5) e (6) podem ser interpretadas como deslocação ou como maneira de movimento. Esta ambiguidade pode ser observada nos exemplos seguintes:

- (7) a. O Luís empurrou o carro *para* a oficina em dez minutos/durante dez minutos.
- b. O Luís caminhou para a oficina em dez minutos/durante dez minutos.

É importante sublinhar, no entanto, que o presente trabalho não tem como objetivo estudar as propriedades que tradicionalmente são suscetíveis de distinguir argumentos de adjuntos.⁸⁹

Como podemos verificar, e embora as situações do mundo real tenham necessariamente um início e um fim, os exemplos apresentados permitem demonstrar que linguisticamente as eventualidades⁹⁰ não são representadas dessa forma. Por outras palavras, na construção dos observáveis, e como defendera já Depraetere (1995),

⁸⁹ Para o estudo desta problemática, veja-se o trabalho de Bonami (1999). De facto, e de acordo com este autor, nenhuma das três propriedades tradicionalmente associadas à distinção entre SP com o estatuto de argumento e de adjunto – o **caráter sintaticamente obrigatório**, o **caráter semanticamente obrigatório** e a **iteratividade** – permitem distinguir com rigor uns de outros. Seguindo com algumas modificações a proposta de Gawron (1986), assume a centralidade do estatuto de **copredicação** da preposição. Deste modo, um SP só é estritamente argumental se apenas uma preposição for compatível com o verbo. A preposição é analisada como copredicador sempre que várias preposições podem ser combinadas com o mesmo verbo.

⁹⁰ De acordo com Filip (1999:15), uso o termo **eventualidade** por considerar que, do ponto de vista teórico e ontológico, é o mais neutral para nos referirmos aos fenómenos relacionados com a categoria aspeto. Além desta, devemos considerar ainda as seguintes vantagens: (i) o termo de eventualidade permite minimizar a confusão entre as noções de **aspeto lexical** e **aspeto gramatical**; (ii) ao contrário do termo alemão *Aktionsart*, a noção de eventualidade não sugere que a agentividade desempenha um papel importante.

constatamos que a classificação de determinadas eventualidades pode basear-se na referência a fronteiras espaciais, determinantes para a representação temporalmente (não)delimitada de um evento de movimento⁹¹. Um evento de movimento poderá ainda ser classificado em função da (in)existência de um último ponto inerente, natural ou potencial. As eventualidades podem ser assim classificadas como [\pm fronteira temporal] ou, para simplificar, [\pm ft] (*(un)bounded*), como sucede no primeiro caso, ou como (a)télicas, como sucede no segundo.

O que procurarei determinar, em primeiro lugar, é justamente qual o papel das preposições para a definição dos dois tipos de classificação propostos por Depraetere. Ou, noutros termos, discutirei a distinção dos eventos de movimento em função dos critérios de (a)telicidade e de [\pm ft], justificada, em parte, pelos valores associados às preposições que ocupam a posição de núcleo dos SP direcionais.

No entanto, e como procurarei demonstrar, tal distinção não é suficiente para tratar com rigor as relações entre domínios nocionais colocadas em jogo pelas preposições, o que justifica o recurso à noção de topologia para explicar as diferenças de sentido associadas aos diferentes SP e, naturalmente, os valores representados pelas preposições.

Começarei por descrever a compatibilidade das preposições *a*, *até* (a) e *para* com os VVD. Seguir-se-á o estudo dos contextos em que estas ocorrem combinadas com os VVMM.

4.2.1. Construções com VVD

Os estudos sobre o papel dos SP direcionais na representação e compreensão do evento de movimento em português não têm sido muito frequentes.⁹² A investigação desenvolvida sobre o assunto, particularmente sobre o inglês, mas também sobre línguas como o francês e o espanhol, tem privilegiado os contextos de coocorrência dos VVMM

⁹¹ Mantenho na tradução para Português da expressão *motion event* o termo “evento”. Neste contexto, defendo que é o que melhor serve a conotação de dinamismo e de exclusão dos estados.

⁹² Tanto quanto é possível saber, para além dos meus trabalhos – cf. Costa (2004, 2009 e 2010), apenas pude conhecer um artigo de Grolla (2004), no qual se procede à comparação do funcionamento da preposição *hasta*, do Espanhol, com a preposição *até* na variante de Português do Brasil. Em Leal & Oliveira (2007), procede-se ao estudo dos VVMM – designados “verbos de modo de movimento” por estes autores – e à classificação de subtipos no interior da classe. Os autores colocam em evidência algumas consequências desta subdivisão para o estudo da categoria aspeto e da semântica preposicional.

com as preposições direcionais, buscando uma explicação para as mudanças aspetuais⁹³ observadas.

Entre os diferentes autores, Morimoto (2001) é talvez a exceção, dedicando uma parte considerável do seu trabalho aos contextos VVD+SP direcionais, como vimos acima (subcapítulo 3.2.). De acordo com a sua argumentação, é pertinente distinguir do ponto de vista lexical VVD [+ del], VVD [- del] e VVD [±del] ou ambíguos.⁹⁴ Analisando o comportamento destes em coocorrência com os SP direcionais, sustenta duas hipóteses fundamentais:

- (i) qualquer que seja o tipo de VVD, quando combinado como uma Trajetória [+del], produz um Evento [+ del];
- (ii) um VD [+ del], em coocorrência com uma Trajetória [-del], não vê as suas propriedades alteradas, definindo sempre um Evento [+del].

Assim, e para exemplificar o primeiro dos casos, um VVD [-del] combinado com um SP denotando uma Trajetória [+del] dará origem a um Evento [+del]:

(8) O exército avançou *até à* fronteira.

Se se optar, em alternativa, por uma Trajetória [-del], como sucede no exemplo (9), o Evento definido será [-del]:

(9) O exército avançou *ao longo* da fronteira.

Em (ii), sustenta-se que a combinatória VVD [+del] + SP direcional [±del] dá origem a um Evento [+del], como podemos verificar no exemplo seguinte:

(10) O Luís foi *para* a discoteca.

Na descrição dos dados do português, terei necessariamente em conta a tese sustentada por Morimoto, mas distanciar-me-ei dela num ponto fundamental. De acordo com Depraetere (1995), entre outros, (a)telicidade e (un)boudedness caracterizam

⁹³ “*Aspect shifts*” na descrição de Filip (1999).

⁹⁴ Relembrando a informação já apresentada no subcapítulo 3.2. deste trabalho, temos as seguintes correspondências: (i) VD [+ del] – *venir, llegar, alcanzar, entrar, penetrar*; (ii) VD [- del] – *subir, bajar, avanzar*; VD [± del] – *pasar, cruzar*. Apesar de seguir a tipologia proposta por Morimoto (2001), será importante assumir que as traduções de tais verbos em Português poderão não pertencer exatamente às mesmas categorias.

descrições de eventualidades⁹⁵ e, desse ponto de vista, não se considera apropriada a análise de um dado verbo ou SP como inerentemente (a)télico ou (*un*)*bounded*.

Será igualmente importante para o rigor da descrição não perder de vista a distinção entre o valor aspetual do predicado (*Aktionsart*) e os valores aspetuais do enunciado, procurando determinar se o SP direcional, com as preposições *a*, *até* e *para*, afeta esses valores e em que medida.⁹⁶ Para levar a cabo este estudo, recorrer-se-á à ontologia proposta por Moens (1987), a qual, pela conceção dinâmica que lhe está associada, permite uma descrição mais fina dos dados.

Um último cuidado prende-se com a necessidade de manipulação dos tempos gramaticais, tendo por objetivo a identificação das restrições de coocorrência entre VVD e preposição e os mecanismos implicados.

Assim, começemos por observar contextos em que são admitidos pelo mesmo verbo argumentos de Trajetória, introduzidos pelas preposições *a*, *até(a)* e *para*:

(11) O Luís foi *a* Sintra / *até* Sintra / *para* Sintra.

Nos três casos, verificamos que todas elas permitem definir um último ponto – efetivo ou potencial –, o que contribui para a interpretação télica dos enunciados. Os exemplos em (11) permitem ainda demonstrar que os SP encabeçados pelas preposições *a*, *até* e *para* definem fronteiras espaciais delimitadas à direita, o que afeta as fronteiras temporais do evento de movimento. Deste modo, as eventualidades representadas pelos enunciados serão interpretadas nos três casos como télicas e [+ft].

Sem entrar, por enquanto, em detalhes na descrição dos exemplos, convém notar que nem todos os VVD admitem a combinatória com as três preposições, como sucede no caso de *ir*.

O seguinte conjunto de exemplos permite colocar em evidência justamente essa heterogeneidade:

- (12) a. O Luís entrou **a* casa / **até* casa / *para* casa.
b. O Luís saiu **à* rua / **até* à rua / *para* a rua.
c. As tropas chegaram à fronteira / *#até* à fronteira / **para* a fronteira.

⁹⁵ *Situations* na terminologia da autora.

⁹⁶ De referir que esta preocupação, nem sempre esteve subjacente ao estudo desenvolvido por Morimoto (2001).

- (13) a. O Luís subiu *ao* 10º andar / *até ao* 10º andar / *para* o 10º andar.
b. O Luís desceu *ao* 10º andar / *até ao* 10º andar / *para* o 10º andar.

De facto, e observando os exemplos acima apresentados, encontramos a representação de eventualidades de tipo culminação – em (12 a-c) – e de tipo processo culminado – em (13 a-b). De salientar ainda que a combinatória do aspeto lexical dos verbos com os SP direcionais não produz efeitos em termos de transição ou conversão aspetual.

Em (12 c), a combinatória de *chegar* com a preposição *até* (*a*) é possível para os falantes, exprimindo um valor de contraexpectativa.

Para além dos factos destacados, é difícil vislumbrar qualquer regularidade. Aliás, e apesar de a compatibilidade da combinatória de VVD ditos de “orientação”⁹⁷ com SP direcionais parecer menos restritiva em (13 a-b), se se considerar outros verbos que pertencem à mesma classe, verificar-se-á que essa regularidade é apenas ilusória:

- (14) a. O exército avançou **à* fronteira / *até à* fronteira / *para* a fronteira.
b. O exército recuou **à* fronteira / *até à* fronteira / *para* a fronteira.

A estranheza eventualmente suscitada pela compatibilidade do SP direcional *para casa* com o VD *entrar*, em (12 a), junto de alguns informantes, os quais propõem em alternativa a seleção da preposição *em*, é contrariada pelos dados observados em *corpora*. Assim, se é verdade que a frequência de ocorrência do VD *entrar* com um SP cujo núcleo é preenchido por *para* é significativamente mais elevada em contextos nocionais, em que se designa a “entrada de x” para empresas, instituições ou cargos, por exemplo, a sua ocorrência em contextos espaciais não é despicienda:

- (15) Não menos conciliador esteve Silva Marques, que entrou *para* a sala das votações de braço dado com Costa Andrade e Luís Paes de Sousa, dois destacados barrosistas. (CETEMPúblico, Ext 3234 (pol, 95a))

- (16) Um gato destemido decidiu apanhar boleia no avião que fazia um voo interno na Dinamarca e entrou sorrateiro *para* o compartimento do trem de aterragem, aí ficando até ao fim da viagem de 40 minutos. (CETEMPúblico, Ext 465412 (soc, 94a))

⁹⁷ Cf. Sarda (2001: 130). Em Morimoto (2001: 84), este subgrupo de verbos é designado como verbos “orientativos”.

Em (17a), a possibilidade de coocorrência do VD *sair* com o SP direcional *à rua* não parece ser produtiva na língua, uma vez que só as expressões fixas⁹⁸ com o significado de “vir a público” são possíveis:

- (17) a. *sair à rua / à arena / a terreiro*
b. *sair à liça*⁹⁹
c. **sair à escola / ao jardim / à praia*

Os exemplos em (17 c) parecem confirmar a hipótese acima suscitada, segundo a qual a construção VD *sair*+SP direcional funciona em português europeu como expressão fixa.

Embora seja ainda prematuro avançar uma explicação para os fenómenos observados, é de supor que o aspeto lexical não constitui um fator determinante dessa incompatibilidade, de contrário, em (12 a, b e c) as preposições comportar-se-iam todas da mesma forma. De facto, e apesar de Morimoto (2001: 167) considerar que o tipo de VVD¹⁰⁰ presente em (12) é o único que apresenta como propriedade inerente o traço [+del], essa propriedade lexical não dispensa de modo sistemático e homogéneo a coocorrência com SP direcionais associados a Trajetórias [+del].

Complementarmente à observação anterior, e noutra perspetiva, os valores das preposições terão de ser necessariamente diferentes uns dos outros, embora todas as eventualidades representadas em (12) sejam interpretadas como télicas e [+ft].

Alargando o estudo a outros subgrupos de VVD que especificam deiticamente a direção do movimento, como é o caso dos verbos incoativos ou inceptivos para Morimoto (2001: 167), e a VVD com Trajetória de trânsito, iremos encontrar outras possibilidades de combinatória.

⁹⁸ Para o estudo da noção de expressão fixa veja-se Gross (1996). Este autor apresenta um conjunto de propriedades que, no seu entender, definem a noção de *figement*. Entre estas destacam-se as seguintes: (i) polilexicalidade – a sequência é composta por várias palavras que, noutro contexto, possuem uma existência autónoma; (ii) opacidade semântica – o sentido da expressão não é constituído composicionalmente; (iii) propriedades transformacionais bloqueadas – as expressões fixas não admitem passivação, pronominalização, topicalização, extração e relativização; (iv) possibilidade de substituição por sinonímia está excluída; (v) possibilidade de inserção de elementos limitada (adjetivos, orações relativas, etc.).

⁹⁹ Pode ter equivalência às expressões em (17a), significando o lugar onde se discutem as questões graves e importantes. Compatível também com o VD *entrar*, em *entrar na liça*.

¹⁰⁰ Trata-se dos VVD com Trajetória baseada nas funções DE/A, nos termos de Morimoto (2001). Cf. subcapítulo 3.2 do presente trabalho.

Os exemplos seguintes permitem ilustrar o caso dos chamados verbos incoativos (*partir, zarpar*):

- (18) a. Também um contingente de 30 polícias israelitas – 28 homens e duas mulheres, mais um médico – partiu *para* o Haiti para reforçar a força multinacional de paz. (CETEMPúblico, par=ext21735-pol-94b-2)
- b. Um contingente de 30 polícias israelitas partiu **ao* Haiti / **até* ao Haiti / *para* o Haiti.
- (19) a. A partir de então, de 1918, nem um soldado português se bateu na Europa... até que a Roberto Ivens zarpou *para* o Mediterrâneo. (CETEMPúblico, par=ext605161-soc-92b-2)
- b. A Roberto Ivens zarpou **ao* Mediterâneo / **até* ao Mediterrâneo / *para* o Mediterrâneo.

Nos exemplos abaixo, é possível observar a ocorrência de verbos com Trajetórias de trânsito (*atravessar, passar*):

- (20) a. O casal desceu ao Tejo, atravessou *para* a outra margem e lançou a âncora, que é como quem diz o cabo. (CETEMPúblico, par=ext381449-soc-93b-2)
- b. O casal atravessou **à* outra margem / *??até* à outra margem¹⁰¹ / *para* a outra margem.
- (21) a. O veneno invadiu o rio Agrio e, deste, passou *para* o rio Guadiamar, que se perde nos pântanos do Guadalquivir, os quais já fazem parte de Doñana. (CETEMPúblico, par=ext40556-soc-98a-1)
- b. O veneno passou **ao* rio Guadiamar / **até* ao rio Guadiamar / *para* o rio Guadiamar.

Em (19) a (21), observa-se uma evidente regularidade no que respeita à combinatória dos dois subgrupos de verbos em análise com os SP direcionais. Assim, em ambos os casos, apenas a combinatória com o SP direcional *para*+SN é possível. Como podemos verificar, também nestes casos a combinatória de VVD com SP

¹⁰¹ A maioria dos informantes rejeita esta possibilidade. Pode, na verdade, ser encontrada em *corpora*, mas a sua frequência é muito baixa: *Em troca, o exército ugandês atravessou até ao leste do Zaire, para perseguir grupos de guerrilha apoiados por Mobutu e pelo regime islâmico do Sudão, eliminando uma importante ameaça na sua fronteira ocidental.* (CETEMPúblico, par=ext1478548-pol-97a-2).

direcionais permite construir situações télicas e [+ft]. Esta observação é válida também para os VVD caracterizados pelo traço [\pm del] – exemplos (20) a (21).¹⁰²

Do ponto de vista das Trajetórias, e em coocorrência com os VD, as construções com as três preposições permitem efetivamente definir uma fronteira espacial à direita.¹⁰³ Assumindo a hipótese de transferência de propriedades referenciais (*temporal trace function*) defendida por Krifka (1992) e Jackendoff (1996), e. o. , a delimitação de um último ponto ou fronteira espacial corresponde à delimitação de uma fronteira temporal, o que justifica a análise das situações como caracterizadas pela propriedade [+ft]. As eventualidades subjacentes aos enunciados são também construídas como télicas na medida em que é definido um último ponto inerente para lá do qual não é possível afirmar que a deslocação continua a efetuar-se.

Os testes clássicos¹⁰⁴ para determinar se uma situação é interpretada como télica ou atélica elegem como metodologia principal o recurso a advérbios de realização ou a advérbios durativos. Se um predicado for compatível com os primeiros, a situação será interpretada como télica. Se, pelo contrário, for compatível com os segundos, a interpretação será atélica.

Porém, e como observa pertinentemente Depraetere (1995: 6), o problema do recurso a estes testes tem a ver com o facto de não ser possível determinar com rigor qual das propriedades está a ser equacionada, se a de (a)telicidade, se a de fronteira temporal – [\pm ft]. Segundo a autora, as dificuldades explicam-se por três razões principais:

- (i) os exemplos fornecidos caracterizam-se por uma dicotomia: ou são télicos e [+ft], ou são atélicos e [-ft];
- (ii) os fatores que afetam a classificação (a)télico / (*un*)bounded – os SN e os SP, por exemplo – afetam quer a (a)telicidade, quer a fronteira temporal;

¹⁰² A leitura de *located motion* pode ocorrer quer em contextos em que o verbo seleciona um objeto direto – *cruzar os mares* – quer em contextos nos quais se opta por um SP – *passar pela rua*. De igual modo, a leitura de *directed motion* pode ocorrer em contextos transitivos: *atravessar a fronteira, cruzar o Atlântico*, etc..

¹⁰³ O **Término** de acordo com a proposta de Tenny (1994: 98).

¹⁰⁴ Cf., e. o., Dowty (1977).

- (iii) os testes irão funcionar de modo diferente consoante o tipo de eventualidade¹⁰⁵, permitindo a classificação de alguns eventos como tólicos ou atólicos, de outros como [+ft] ou [-ft] e de outros ainda como (a)tólicos e [± ft].

Vejamos pois o que sucede quando as sequências VVD+SP direcionais são combinadas com os adverbiais de realização ou com adverbiais durativos, começando por estudar o caso das culminações:

- (22) a. O Luís entrou **a* casa em 5 minutos.
b. O Luís entrou **até* casa em 5 minutos.
c. O Luís entrou *para* casa em 5 minutos.
- (23) a. O Luís entrou **a* casa durante 5 minutos.
b. O Luís entrou **até* casa durante 5 minutos.
c. O Luís entrou *para* casa durante 5 minutos.
- (24) a. O Luís saiu **à* rua em 5 minutos.
b. O Luís saiu **até à* rua em 5 minutos.
c. O Luís saiu *para* a rua em 5 minutos.
- (25) a. O Luís saiu **à* rua durante 5 minutos.
b. O Luís saiu **até à* rua durante 5 minutos.
c. O Luís saiu *para* a rua durante 5 minutos.
- (26) a. O Luís chegou *à* fronteira em 2 horas.
b. O Luís chegou *#até à* fronteira em 2 horas.
c. O Luís chegou **para* a fronteira em 2 horas.
- (27) a. O Luís chegou **à* fronteira durante 2 horas.
b. O Luís chegou **até à* fronteira durante 2 horas.
c. O Luís chegou **para* a fronteira durante 2 horas.

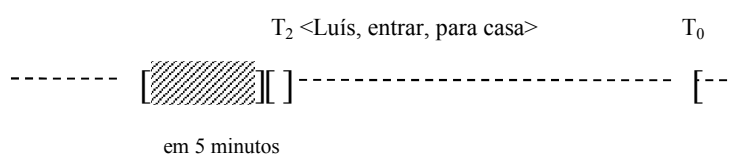
Em (22), (24) e (26), e como se observara já em Campos e Xavier (1991: 326), a coocorrência das culminações com expressões do tipo **em Q N de T** – *em 5 minutos* e *em 2 horas* – não determina a alteração da natureza aspetual da eventualidade

¹⁰⁵ A autora recorre a terminologia vendleriana, preferindo falar em classes aspetuais (eventos instantâneos, eventos prolongados, processos e estados).

representada, possibilitando, no entanto, implicitamente, a inclusão na situação representada de outras que a antecedem ou determinam.

Por outras palavras, nos exemplos (22, 24 e 26), o enunciador constrói intervalos de tempo fechados com o valor de anterioridade em relação à situação representada. Os intervalos de tempo assim construídos estão numa relação de adjacência em relação ao intervalo pontual correspondente à culminação, o que é ilustrado pela seguinte representação diagramática¹⁰⁶:

(28)



O adverbial *em 5 minutos* marca, portanto, a construção de uma classe de instantes, representada por um intervalo de tempo com valor de anterioridade em relação a T_2 . É construída uma operação de percurso da classe de *tt* e uma fronteira final, adjacente à eventualidade associada à relação predicativa <Luís, entrar, para casa>.

Em (23), (25) e (27), pode observar-se um contraste evidente entre o comportamento dos dois primeiros e o do último. Assim, se no caso dos verbos *entrar* e *sair* se pode verificar a sua compatibilidade com o adverbial *durante 5 minutos*, já no caso de *chegar* (*durante 2 horas*) tal não sucede.

Neste caso, a má formação da sequência poderá explicar-se, de acordo com Campos & Xavier (1991: 321), pela incompatibilidade entre a quantificação do sujeito sintático do predicado *chegar* e o adverbial durativo. Como podemos verificar em (19), a manipulação do SN sujeito sintático – determinante \emptyset +pluralização – permite a coocorrência de *chegar* culminação com o adverbial durativo *durante 2 horas*, dando lugar a uma eventualidade do tipo processo:

(29) Chegaram soldados à fronteira durante duas horas.

¹⁰⁶ Exemplifico recorrendo apenas à sequência em (23 c).

Dir-se-á então que, em (29), é construída uma classe de eventos que se repete homogeneamente um número indeterminado de vezes ao longo de duas horas, daí resultando uma interpretação iterativa.

Por conseguinte, no exemplo (29), a alteração da natureza aspetual do verbo decorre da coocorrência do adverbial durativo com a quantificação indefinida plural do sujeito sintático *soldados*.

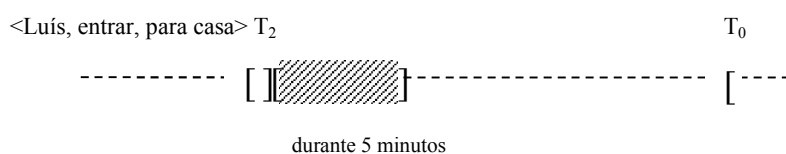
Procedendo ao mesmo tipo de manipulação do SN sujeito sintático, a interpretação iterativa também pode ser construída com os verbos *entrar* e *sair*:

(30) Entraram soldados *para* a caserna durante 15 minutos.

(31) Saíram soldados *para* a estrada durante 15 minutos.

A boa formação de (23 c) e (25 c), contrastando com a agramaticalidade de (27), poderá justificar-se porque, no primeiro caso, o adverbial representa implicitamente uma situação posterior a T₂, quantificando um intervalo de tempo fechado, adjacente à situação associada à relação predicativa <Luís, entrar/sair, para casa/a rua>. Para representar diagramaticamente o valor marcado pelo adverbial, observemos o exemplo (32):

(32)



Assumirei por conseguinte que, em (23 c) e (25 c), o adverbial *durante 5 minutos* é localizador temporal, o que não sucede com o adverbial *durante 2 horas*, em (27 a). Neste último, estamos na presença de um adverbial de natureza aspetual. A coocorrência de *chegar*+SP direcional e C₀ – *o Luís* – representa um acontecimento único (culminação).¹⁰⁷ A combinatória com o adverbial *durante 2 horas* marca a construção de um número indefinido de eventos que se repete ao longo de duas horas, o que é incompatível com a quantificação de C₀.

¹⁰⁷ C₀ e C₁ são posições instanciadas numa relação predicativa – não se movem, o que os define é serem as posições sem outras inferências. Para Franckel & Paillard (1992: 30-31), “Le C1 ne désigne par lui même rien d’autre que le terme qui complète un schéma syntaxique occupé par un verbe, sans rien préjuger des relations qu’il entretient avec lui”.

Outro dos dados que importa destacar a propósito das culminações presentes nos exemplos (22) a (27) diz respeito ao tipo de Trajetória particular que as construções VVD+SP direcional recortam nesses contextos. Assim, independentemente da preposição selecionada, nos diferentes casos, irá observar-se a presença de Trajetórias com fronteiras iniciais e finais sem dimensão ou espessura. Este facto é consistente com a caracterização das eventualidades de tipo culminação, às quais é atribuída na literatura uma duração breve (ou nenhuma duração), e com a construção de um estado resultante.

À semelhança destes verbos que acabam de ser descritos, também as construções *partir / zarpar* + SP direcional, embora mais restritivas relativamente ao uso das preposições *a* e *até* (*a*) conforme exemplificação em (18) e (19), permitem representar culminações. O seu comportamento não é, no entanto, totalmente coincidente com o de verbos como *entrar*, *sair* e *chegar*, como é possível observar nos exemplos abaixo apresentados:

(33) a. Um contingente de 30 polícias israelitas partiu *para* o Haiti em dois dias.

b. Um contingente de 30 polícias israelitas partiu *para* o Haiti ??/*durante dois dias.

(34) a. A Roberto Ivens zarpou *para* o Mediterrâneo em dois dias.

b. A Roberto Ivens zarpou *para* o Mediterrâneo ??/*durante dois dias.

Como é possível verificar, em ambos os exemplos – (33 a) e (34a) –, estão representadas eventualidades de tipo culminação. Estas são compatíveis com os adverbiais **em Q N de T**, os quais denotam uma situação temporalmente anterior ao tempo do acontecimento linguístico (T_2), mas não com adverbiais **durante Q N de T**. Mesmo nos casos em que os informantes admitem a combinatória com os adverbiais **durante Q N de T**, a única interpretação possível é a que recorta uma localização temporal, com a construção de uma situação adjacente e posterior a T_2 .

Sistematizando a análise desenvolvida até ao momento, é possível comprovar os seguintes factos:

- (i) a coocorrência de eventualidades do tipo culminação com os adverbiais **em Q N de T** ou **durante Q N de T** não produz efeitos de transição ou conversão aspetual (*aspect shifts*), permitindo, no entanto, representar implicitamente

situações anteriores – os primeiros – ou posteriores à situação associada a T_2 – os segundos;

(ii) a alteração da natureza aspetual do enunciado (culminação → processo) verifica-se apenas nos casos em que a quantificação de C_0 (determinante $\emptyset +$ plural), combinada com VVD+SP de Trajetória, marca a construção de uma classe de eventualidades – um número indefinido de culminações repete-se homogeneamente ao longo do intervalo de tempo associado a **durante Q N de T**;

(iii) em coocorrência com as culminações, os advérbiais **em Q N de T** ou **durante Q N de T** não constituem um teste à (a)telicidade ou $[\pm ft]$ da eventualidade. A combinatória VVD+SP direcionais marca a construção de situações télicas, $[\pm ft]$, excetuando-se os casos em que ocorre C_0 (determinante $\emptyset +$ plural). Nestas últimas sequências, teremos uma situação atélica, mas com fronteiras temporais delimitadas à esquerda e à direita (**durante Q N de T**) – trata-se, portanto, de uma situação $[\pm ft]$.

(iv) nos contextos em apreço, e seja qual for a escolha da preposição, não se observam diferenças relativamente às propriedades (a)telicidade e \pm fronteira temporal, o que não significa obviamente que as preposições em estudo tenham todas o mesmo valor, como veremos adiante.

(v) as Trajetórias associadas às construções VVD+ SP direcional caracterizam-se pela ausência de dimensão ou espessura entre a fronteira inicial e a fronteira final da situação denotada. Por conseguinte, nestes casos, a Trajetória identifica-se com a passagem de uma fronteira sem dimensão.

Como referi anteriormente, a par das culminações, a combinatória VD+SP direcional permite representar também processos culminados. É o que se irá observar nos exemplos seguintes:

- (35) a. O Luís foi *a* Sintra.
b. O Luís foi *até* Sintra.
c. O Luís foi *para* Sintra.

- (36) a. O Luís subiu *ao* 10º andar.
b. O Luís subiu até *ao* 10º andar.

c. O Luís subiu *para* o 10º andar.

(37) a. O Luís levou a Maria *à* Estação do Oriente.

b. O Luís levou a Maria *até à* Estação do Oriente.

c. O Luís levou a Maria *para* a Estação do Oriente.

Como já foi visto acima, os verbos com Trajetórias de polaridade inicial e final (*ir, subir, descer, avançar, recuar, levar, transportar, conduzir, etc.*), representados em (35-37), não impõem tantas restrições à coocorrência com os SP direcionais introduzidos pelas preposições *a, até (a) e para* como observáramos com os VVD culminativos e incoativos. De facto, a todas as situações é associada uma fronteira espacial delimitada à direita, identificando-se com o último ponto do argumento de Trajetória. Esta fronteira afeta a fronteira temporal do evento de movimento, facto pelo qual a situação adquire a propriedade [+ft].

Nos termos propostos no âmbito dos estudos da linguística cognitiva (cf. e. o. Talmy 1987; Vandeloise 1987, 1991), a Figura – identificada com a entidade móvel: *o Luís* em (35) e (36), e *a Maria*, em (37) – descreve uma Trajetória estabilizada num último ponto, o Fundo – *Sintra, o 10º andar e a Estação do Oriente* em (35), (36), e (37), respetivamente. Como vimos acima (capítulo 3.), no que respeita aos papéis temáticos, a Figura, denotada pelo sujeito sintático *o Luís* – em (35) e (36) – e pelo objeto direto *a Maria* – em (37) – pode identificar-se com o Tema ou o Tema Holístico. Nos exemplos em análise, a Trajetória, porém, não está associada a um único argumento sintático. De facto, nos casos em apreço a Trajetória é marcada pela construção **VVD+SP direcional**. Entre a fronteira inicial e a fronteira final é constituído um conjunto de pontos. Por conseguinte, e ao contrário do que sucede no caso das culminações, as Trajetórias constituídas em (35-37) têm espessura.

No que respeita à telicidade, nos exemplos (35) a (37), constata-se que as situações são representadas como tendo um último ponto potencial ou inerente, razão pela qual as frases têm interpretações télicas.

Os acontecimentos linguísticos representados em (35-37) incluem ainda um estado resultante, que pode ser representado pelas glosas «o Luís já foi a / até / para

Sintra», «o Luís já subiu *ao / até ao / para* o 10º andar» e «o Luís já levou a Maria *à / até à / para* a Estação do Oriente». ¹⁰⁸

Assim, e na medida em que as predicções subjacentes a (35), (36) e (37) combinam as três fases do Núcleo Aspetual proposto por Moens & Steedman (1988), correspondendo a eventos durativos, télicos e com estado resultante¹⁰⁹, podemos concluir que as eventualidades representadas se comportam tipicamente como processos culminados.

O recurso a testes empíricos de coocorrência com adverbiais de realização e adverbiais durativos permite avaliar o que acaba de ser dito:

- (38) a. O Luís foi *a* Sintra em 15 minutos.
b. O Luís foi *até* Sintra em 15 minutos.
c. O Luís foi *para* Sintra em 15 minutos.
- (39) a. O Luís foi *a* Sintra durante 15 minutos.
b. O Luís foi *até* Sintra durante 15 minutos.
c. O Luís foi *para* Sintra durante 15 minutos.
- (40) a. O Luís subiu *ao* 10º andar em 5 minutos.
b. O Luís subiu *até ao* 10º andar em 5 minutos.
c. O Luís subiu *para* o 10º andar em 5 minutos.
- (41) a. O Luís subiu *ao* 10º andar durante 5 minutos.
b. O Luís subiu *até ao* 10º andar durante 5 minutos.
c. O Luís subiu *para* o 10º andar durante 5 minutos.
- (42) a. O Luís levou a Maria *ao* Cais do Oriente em 15 minutos.
b. O Luís levou a Maria *até ao* Cais do Oriente em 15 minutos.
c. O Luís levou a Maria *para* o Cais do Oriente em 15 minutos.

¹⁰⁸ Em Campos & Xavier (1991: 316-317), é reconhecida a dificuldade de encontrar uma expressão linguística direta para representar o estado resultante em certos casos. Esta dificuldade é evidente, por exemplo, no caso das culminações denotadas por verbos como *nascer*, *entrar*, *sair*. Nestes casos, não diremos *está nascido*, *está entrado* ou *está saído*, mas *nasceu*, *entrou* ou *saiu*. Deste modo, e embora o estado resultante possa corresponder a um estado fisicamente constatável, representado linguisticamente através da combinação do verbo *estar* e do participio passado de um verbo eventivo – por exemplo, quando se predica que “um bolo” “está cozido” –, as autoras optam por um entendimento mais abstrato do conceito. Assim, em certas situações recorrem ao marcador *já* para representar o estado resultante: *ele (já) chegou* ou *o fugitivo (já) foi/está encontrado*.

¹⁰⁹ Ou **estado consequente** noutras propostas de tradução (é essa, por exemplo, a solução apresentada por F. Oliveira em Mateus *et alii* 2003: 138).

- (43) a. O Luís levou a Maria *ao* Cais do Oriente durante 15 minutos.
 b. O Luís levou a Maria *até ao* Cais do Oriente durante 15 minutos.
 c. O Luís levou a Maria *para* o Cais do Oriente durante 15 minutos.

No paradigma apresentado, em (38), (40) e (42), como sucede tipicamente com os processos culminados, verifica-se a compatibilidade das construções VVD+P (*a, até, para*)+SN com os adverbiais de realização.

Nos exemplos com numeração ímpar, por sua vez, verifica-se a compatibilidade das predicções com adverbiais durativos. No entanto, e à semelhança do que sucedia com os VD do tipo culminação, a delimitação introduzida é de natureza temporal, dizendo respeito a uma eventualidade/intervalo de tempo posterior a T_2 .¹¹⁰

A análise dos dados permite ainda extrair uma importante conclusão. Assim, e embora a literatura estabeleça relações de semelhança entre os argumentos nominais incrementais com papel temático de Tema e as Trajetórias Incrementais representadas pelos SP direcionais (cf. e. o. Dowty 1991; Tenny 1994; Filip 1999), no que diz respeito às propriedades aspetuais das predicções e, em particular, à telicidade dos predicados, a coocorrência de uns e outros com adverbiais durativos não produz os mesmos efeitos em termos de conversão ou transição aspetual. Tendo em vista a ilustração do que acaba de ser dito, tomemos como exemplo o predicado *ler*¹¹¹:

- (44) a. O Luís leu durante 30 minutos. (processo)
 b. O Luís leu *em 30 minutos.
- (45) O Luís leu um livro. (processo culminado)
- (46) a. O Luís leu um livro em 30 minutos. (processo culminado)
 b. O Luís leu um livro durante 30 minutos. (processo)

¹¹⁰ No que respeita aos exemplos em (39), os juízos dos falantes favorecem adverbiais durativos em que a quantificação do intervalo de tempo tem maior duração. Assim, manifestam preferência por *o Luís foi para Sintra durante uma semana* em detrimento de *o Luís foi para Sintra durante 15 minutos*. No entanto, em ambos os casos, o adverbial durativo marca a delimitação temporal de uma eventualidade ou intervalo de tempo posterior a T_2 .

¹¹¹ A relação predicado-argumento tem sido discutida na literatura como (i) relação de composicionalidade (Verkuyl 1972), (ii) relação de *measuring-out* (Tenny 1994), (iii) relação de “*gradual*”/*successive Patient* (Krifka 1992), (iv) relação de Tema incremental (Dowty 1991); e ainda (v) relações de preservação de estrutura (Jackendoff 1996). Tomando de empréstimo os dados apresentados por Dowty (1991: 568 e ss.), apresento seguidamente exemplos de diferentes casos em que o argumento nominal induz uma mudança de estado permanente: *construir uma casa, escrever um livro, comer um sanduiche, pintar uma casa, tocar uma sonata*.

Como podemos verificar em (44 a-b), o predicado *ler* comporta-se tipicamente como uma eventualidade de tipo processo, o que explica a incompatibilidade com o adverbial de realização, mas não com o durativo.¹¹²

Em (45), a combinatória com um argumento incremental permite converter a predicação numa eventualidade do tipo processo culminado. Efetivamente, o evento construído combina duração, telicidade e estado resultante, o que permite inferir que «o livro está lido».

Por fim, se em (46a) é possível afirmar que, decorridos os 30 minutos, «o livro está lido», já em (46b) tal não sucede. Por outras palavras, a ocorrência do predicado *ler um livro* com o adverbial **durante Q N de T** tem consequências ao nível da transicionalidade aspectual, dando origem a uma predicação de tipo processo.

Por conseguinte, o contraste observado entre (39), (41) e (43), por um lado, e (46b), por outro lado, permite estabelecer uma importante diferença entre as propriedades semânticas dos argumentos nominais incrementais e as dos SP direcionais (Trajetórias incrementais). De facto, a combinatória dos VVD (processos culminados) com os SP direcionais ativa as propriedades télica e [+ft], não permitindo a conversão aspetual por intermédio do adverbial durativo. Tal não sucede, como pudemos verificar, com os argumentos nominais incrementais.

No que respeita aos verbos que selecionam Trajetórias de trânsito, propõe-se seguidamente a observação dos contextos de coocorrência das construções **VVD+SP direcional** com os adverbiais **em Q N de T** e **durante Q N de T**:

- (47) a. O casal atravessou *para* a outra margem em 5 minutos.
b. O casal atravessou *para* a outra margem durante 5 minutos.
- (48) a. O veneno passou *para* o rio Guadiana em 24 horas.
b. O veneno passou *para* o rio Guadiana ??durante 24 horas.

Em (47) e (48), as frases denotam processos culminados, daí que não surpreenda a compatibilidade com os adverbiais de realização. No que respeita aos adverbiais **durante Q N de T**, a análise não surpreende. Caso sejam compatíveis com a construção VVD+SP direcional, delimitam um intervalo de tempo posterior a T₂.

¹¹² A sequência (44 b) poderá ser interpretada como gramatical se o enunciador pretender significar que o «Luís aprendeu a ler».

As sequências são interpretadas como télicas e caracterizam-se pela propriedade [+ft]. Como podemos verificar, a Trajetória associada à construção VVD+SP direcional tem correspondência física à distância que medeia entre as duas margens – em (47) – e à distância que vai de um rio até (pelo menos) à sua foz. Noutros termos, estas Trajetórias definem-se com um conjunto de pontos percorridos pela Figura até à Fronteira de fechamento da situação expressa linguisticamente pelos SNs *a outra margem* e *o rio Guadianar*.¹¹³

4.2.2. Síntese

De acordo com a descrição efetuada, podemos estabelecer as seguintes conclusões:

- (i) em português, as frases nas quais ocorre a construção VVD+SP direcional (com as preposições *a*, *até* (*a*) e *para*) têm a interpretação de *directed motion*;
- (ii) o tipo de eventualidades representado nessas frases ou é a culminação – quando a construção inclui VVD como *sair*, *entrar*, *chegar*, *partir*, *zarpar* – ou o processo culminado – nos casos em que a construção inclui VVD como *ir*, *vir*, *subir*, *descer*, *avançar*, *recuar*, *levar*, *atravessar*, *passar*.
- (iii) em coocorrência com os VVD, as preposições em estudo produzem os mesmos efeitos no que respeita à natureza aspetual das frases, isto é, quando combinadas com um determinado verbo, qualquer uma das três contribui para a representação de culminações ou de processos culminados, não dando origem a efeitos de transicionalidade aspetual;
- (iv) como observação complementar ao ponto anterior, embora possam ser notadas restrições de coocorrência entre o verbo e certas preposições, defenderei como hipótese que tais restrições não devem ser atribuídas a fatores de natureza aspetual, mas antes a incompatibilidades relacionadas com a estruturação do domínio nocional em zonas, como adiante se verá (ver secção 5) ou ainda a incompatibilidades sintáticas (por exemplo, problemas de subcategorização);

¹¹³ Do ponto de vista nocional, a Fronteira parece ser construída de modo distinto da dos outros casos de VVD que exprimem processos culminados. A descrição dessas diferenças ficará, no entanto, para o capítulo seguinte desta dissertação (secção 5.).

- (v) no caso das culminações, a coocorrência da construção **VVD+SP direcional** com adverbiais **em Q N de T** e **durante Q N de T** é possível. Porém, o valor marcado é de natureza temporal, delimitando intervalos de tempo anteriores a T_2 , os primeiros, e posteriores a T_2 , os segundos.
- (vi) no caso dos processos culminados, a coocorrência da construção **VD+SP direcional** com os adverbiais **em Q N de T** e **durante Q N de T** delimita o intervalo de tempo correspondente a T_2 , no primeiro caso, e um intervalo de tempo posterior a T_2 , no segundo caso;
- (vii) apesar de na literatura se reconhecer que ambos têm a propriedade de influenciar a natureza aspetual da predicação, é possível identificar uma diferença crucial entre o comportamento dos SP direcionais e o dos argumentos nominais incrementais. A saber: as construções **VVD+SP direcional**, em coocorrência com adverbiais **durante Q N de T**, não são passíveis de conversão aspetual.

4.2.3. Construções com VVMM

Como vimos acima (cf. subcapítulo 3.4.), a combinatória dos VVMM com SP direcionais com interpretação temática de Alvo tem sido objeto de numerosos estudos em diferentes línguas. A investigação levada a cabo por diferentes autores – cf., e. o. Tenny (1994), (1995a), (1995b) e Jackendoff (1996) – tem demonstrado consistentemente a possibilidade de transição aspetual das construções. Os efeitos operados no que respeita às propriedades (a)télicas e [\pm ft] das predicções têm merecido também o foco de atenção dos autores.

No que respeita à primeira questão, uma das assunções de base presente nos diferentes estudos é a de que o SP argumento de Trajetória é suscetível de determinar o tipo de eventualidade ou classe aspetual da predicação em que ocorre. Assim, uma eventualidade do tipo processo como, por exemplo, *nadar*, pode ser convertida em processo culminado, como o demonstram os seguintes exemplos:

(49) a. O Luís nadou durante duas horas (processo)

b. O Luís nadou *em duas horas.¹¹⁴

(50) a. O Luís nadou *até à* praia. (processo culminado)

¹¹⁴ Possível em PE caso a interpretação seja «aprendeu a nadar».

- b. O Luís nadou *para* a praia. (processo/processo culminado)
- (51) a. O Luís nadou *até à* praia em 5 minutos. (processo culminado)
 b. */?/?O Luís nadou *até à* praia durante 5 minutos.
- (52) a. O Luís nadou *para* a praia em 5 minutos. (processo culminado)
 b. O Luís nadou *para* a praia durante 5 minutos. (processo)

Como podemos verificar em (49 a-b), VVMM como *nadar* denotam, do ponto de vista do aspeto lexical, eventualidades de tipo processo, representando situações atéticas. A coocorrência de um VVMM com SP direcionais regidos pelas preposições *até* e *para*, por sua vez, permite construir eventualidades do tipo processo culminado, dando origem a predicções télicas. Esta possibilidade é evidenciada pelos exemplos presentes em (50).

Os testes empíricos aplicados permitem evidenciar a compatibilidade do adverbial **em Q N de T** com a construção VVMM+*até*+SN – em (51 a) –, por um lado, e, por outro lado, a má formação da sequência em (51 b), na qual coocorrem a construção VVMM+*até*+SN e o adverbial *durante 5 minutos*.

Os exemplos em (52) permitem revelar uma diferença fulcral entre a construção VVMM+*até*+SN e a construção VVMM+*para*+SN. Assim, ao contrário da primeira, observa-se que esta última é compatível quer com adverbiais de realização – em (52 b) – quer com adverbiais durativos – em (52 b). De facto, e ao contrário do que sucedia com VVD, em que a preposição seleccionada não funciona como operador aspetual, nos casos em estudo teremos eventualidades de tipo processo culminado, em (52 a), e de tipo processo, em (52 b).

As diferenças observadas entre o funcionamento das construções VVMM+SP direcional, consoante a preposição seleccionada seja *até* ou *para*, sugerem a hipótese de que estas preposições, no que respeita à marcação aspetual, irão ativar propriedades distintas.

No que respeita à marcação das propriedades de (a)telicidade e de [\pm ft], os estudos de Tenny (1994, 1995a, 1995b), de Jackendoff (1996) e de Morimoto (2001), entre outros, permitem identificar duas situações possíveis:

- (i) VVMM + SP [+ del] → situação télica e [+ ft];
- (ii) VVMM + SP [- del] → situação atética e [- ft].

Estas duas possibilidades podem ser ilustradas pelos seguintes exemplos:

(53) O Luís nadou *até à* praia.

(54) O Luís nadou *ao longo da* praia.

Assim, em (53), e na medida em que a Figura – *o Luís* – descreve uma Trajetória com fronteira espacial/temporal – *até à praia* –, a predicação caracteriza-se pelas propriedades télica e [+ft], denotando uma eventualidade de tipo processo culminado.

Em (54), por sua vez, não só a Trajetória construída não inclui um último ponto natural ou potencial como não é possível vislumbrar a constituição de uma fronteira temporal do evento. Por conseguinte, o Fundo, representado pelo SP *ao longo da praia*, é marcado pela propriedade [-del], determinando a interpretação atélica e [-ft] da situação. A coocorrência destes SP com verbos lexicalmente atélicos determina o estatuto de processo da predicação.

Outro aspeto evidenciado pela investigação aponta para a existência de subclasses dentro dos VVMM, com funcionamentos distintos quer do ponto de vista sintático, quer do ponto de vista semântico (cf., e. o., Morimoto 2001; Leal & Oliveira 2007). De facto, e como pudemos constatar na exposição efetuada no subcapítulo 3.2., é possível distinguir dois grupos com comportamentos diferenciados no interior dos VVMM. A saber: (i) os verbos do tipo *correr*, *nadar* ou *caminhar* (inergativos), caracterizados pela indeterminação da Trajetória; (ii) os verbos do tipo *cambalear* ou *tropeçar* (inacusativos), cuja característica principal consiste na ausência de Trajetória. Dado que o movimento, no caso dos primeiros, tem por referência espacial externa uma entidade móvel e, no caso dos segundos, é interno a essa entidade, Morimoto (2001) trata o primeiro grupo como VVMM-E e o segundo como VVMM-I. Os exemplos seguintes permitem observar o funcionamento distinto destas subclasses de verbos:

(55) a. O Luís nadou *para* a praia.

b. O Luís nadou *até à* praia.

(56) a. *O Luís cambaleou *para* o muro.

b. */??O Luís cambaleou *até ao* muro.¹¹⁵

¹¹⁵ Nos *corpora*, podemos encontrar aparentes contraexemplos: *Recuei e cambaleei até ao grupo em que me inscrevera, mas estavam todos absorvidos a perceber o porquê de uma placa por cima do balcão* (CETEMPÚBLICO par=ext347618-nd-95b-2). No caso em apreço, o juízo de gramaticalidade da sequência poderá explicar-se pela interpretação de iteratividade: uma classe de eventos repete-se um

Outros autores como Leal & Oliveira (2007), por exemplo, distinguem ainda grupos com funcionamento distinto dentro da classe dos verbos inergativos. É o que podemos observar por exemplo através do contraste entre verbos como *caminhar*, *correr*, *nadar* e verbos como *deambular* e *vaguear*:

- (57) a. O Luís caminhou *até* à praia.
b. O Luís caminhou *para* a praia.
- (58) a. *O Luís deambulou *para* a praia.
b. O Luís deambulou *até* à praia.

Identificados os principais pontos de interesse que a construção VVMM+SP direcional suscita na literatura, procedo seguidamente a uma análise mais detalhada dos dados em português. Começamos pela análise de um exemplo paradigmático, já clássico nos estudos sobre o aspeto¹¹⁶:

- (59) O Luís empurrou o carro.
- (60) a. O Luís empurrou o carro *à oficina.
b. O Luís empurrou o carro *até* à oficina.
c. O Luís empurrou o carro *para* a oficina.

Como podemos verificar, a frase em (59) denota uma situação atélica e [-ft]. Deste modo, a Trajetória a que a Figura – *o carro* – é sujeita não contém a definição de um último ponto ou fronteira temporal do evento. A frase é, por conseguinte, analisada como processo. Daí a sua compatibilidade com adverbiais durativos, mas não com adverbiais de realização:

- (61) a. O Luís empurrou o carro durante 5 minutos.
b. *O Luís empurrou o carro em 5 minutos.

Os exemplos em (60) permitem demonstrar a compatibilidade de coocorrência entre os VVMM e SP direcionais cujo núcleo é preenchido pelas preposições *até* (a) e *para*, mas não com a preposição *a*.¹¹⁷

número indeterminado de vezes até atingir a fronteira espacial marcada pelo SP *até ao grupo*. A interpretação proposta ocorre numa sequência como *recuei e fui a cambalear até ao grupo*, reconhecida como mais natural pelos falantes.

¹¹⁶ Veja-se a este respeito os estudos levados a cabo por Tenny (1994, 1995a, 1995b), Bonami (1999) e Filip (1999).

¹¹⁷ Esta incompatibilidade poderá, por hipótese, ser explicada pelas propriedades topológicas associadas por construção à preposição *a* (ver secção 5.).

No que respeita aos enunciados em (60 b) e (60 c), podemos verificar que as predicções constituídas com base nas sequências VVMM+*até(a)*+SN e VVMM+*para*+SN denotam processos culminados. Como vimos acima, do ponto de vista da representação cognitiva do movimento, o predicado *empurrar o carro* é interpretado como uma Trajetória de uma entidade móvel (a Figura, lexicalmente denotada pelo *carro*). Na relação X R Y convocada pela preposição, sustentarei que as preposições (R) *até (a)* e *para* localizam X (o termo identificado com a Figura, ou seja, *o carro*) em relação a um último ponto da Trajetória (o termo identificado com Y ou entidade reguladora da Trajetória: *a oficina*). Dito por outras palavras, a relação X R Y associa à Trajetória uma fronteira espaço-temporal e, desse modo, as propriedades de telicidade e [+ft] ao evento de movimento, dando origem à transição aspetual (processo→processo culminado).

A compatibilidade das predicções em (60 b) e (60 c) com advérbiais **em Q N de T** permite confirmar a hipótese acima sustentada:

- (62) a. O Luís empurrou o carro *até à* oficina em 20 minutos.
- b. O Luís empurrou o carro *para* a oficina em 20 minutos.

Não podemos ignorar, no entanto, a possibilidade de combinatória entre a sequência VVMM+*para*+SN e os advérbiais durativos, o que levanta dificuldades à tese acima defendida. Assim, e como podemos verificar pela manipulação dos dados abaixo apresentados:

- (63) O Luís empurrou o carro *para* a oficina durante 20 minutos.

a construção VVMM+*para*+SN pode ser interpretada como processo.

Sustentarei, por conseguinte, que o enunciado em (60 c) pode ter uma interpretação ambígua, na medida em que o termo Y pode corresponder, efetivamente, ao último ponto da Trajetória ou a um último ponto potencial, para o qual a Trajetória está orientada, mas que pode não ser atingido pela Figura (o termo Y). Ou seja, no âmbito da construção VVMM+*para*+SN, a preposição *para* permite ativar positiva ou negativamente a propriedade [ft].

Contrariamente ao que sucede com a preposição *para*, a ocorrência da preposição *até (a)* permite apenas uma interpretação: a Trajetória descrita pelo termo X

atinge efetivamente o último ponto marcado pelo termo Y (*a oficina*). As manipulações seguintes permitem ilustrar o que acaba de ser dito:

- (64) a. *O Luís empurrou o carro *até à* oficina, mas não chegou lá (caiu exausto).
b. O Luís empurrou o carro *para* a oficina, mas não chegou lá (caiu exausto).

Sistematizando, os dados apresentados até ao momento permitem as seguintes generalizações:

- (i) sendo ambas possíveis, as combinatórias VVMM+*até(a)*+SN VVMM+*para*+SN representam/podem representar eventualidades de tipo processo culminado, marcando através da construção propriedades télicas e [+ft];
- (ii) a construção VVMM+*para*+SN é ambígua, podendo denotar processos ou processos culminados. Sustento também que a propriedade que está na origem das duas interpretações possíveis é a [+ft]. Neste particular, é possível distinguir o funcionamento das duas preposições: *até* e *para*. Assim, os SP cujo núcleo é preenchido pela preposição *até* marcam a propriedade [+ft]. Os SP introduzidos pela preposição *para*, são ambíguos, podendo marcar as propriedades [+ft] ou [-ft]. As intuições dos falantes permitem, no entanto, assumir implicitamente a marcação positiva da propriedade, caso o enunciador não desconstrua a predicação como sucede em (64b). Esta interpretação preferencial poderá explicar-se pela combinatória da construção com o PPS.

4.2.4. Identificação de X na relação X R Y

De acordo com o estudo apresentado em 2.2.4 (cf. *supra*), a identificação do termo X na relação X R Y convocada pela preposição afigura-se por vezes problemática, podendo ter realização lexical ou não.

Na construção do evento de movimento, no entanto, considero que existe evidência empírica para identificar um dos termos da relação predicativa como termo X. Nos casos em apreço, o termo X irá identificar-se com a entidade móvel ou Figura sujeita à Trajetória.

Assim, e retomando exemplos de culminações em que está subjacente a construção VVD+SP direcional, podemos confirmar a hipótese acima suscitada:

- (65) O Luís entrou *para* casa.
- (66) a. O Luís saiu *para* a rua.
- (67) a. O Luís chegou *à* fronteira.
b. O Luís chegou *#até* *à* fronteira.
- (68) O Luís partiu *para* o Haiti.

Nos casos exemplificados em (65) a (68), no esquema sintático do verbo, o termo X irá identificar-se com C₀, o argumento externo com a relação gramatical de sujeito – *o Luís*.

Tendo em conta as propriedades da relação predicativa de acordo com Culioli (1982), proponho a seguinte notação metalinguística para representar os enunciados em (65) a (68):

- (69) <A R <()_x r y>
()_x = A

Por conseguinte, assume-se que é o argumento A da relação predicativa a instanciar ()_x na relação X R Y. Esta hipótese é consistente com o facto de a Trajetória ser estabilizada num último ponto ou Fronteira de fechamento associados a Y.

Nos casos em que a construção VVD+SP direcional denota processos culminados, pudemos observar a existência de esquemas sintáticos em que ocorrem verbos transitivos indiretos e verbos transitivos diretos e indiretos. Exemplificam o primeiro caso verbos como *ir* e o segundo verbos como *levar*:

- (70) a. O Luís foi *a* Sintra.
b. O Luís foi *até* Sintra.
c. O Luís foi *para* Sintra.
- (71) a. O Luís levou a Maria *à* Estação do Oriente.
b. O Luís levou a Maria *até* *à* Estação do Oriente.
c. O Luís levou a Maria *para* a Estação do Oriente.

Aos exemplos em (70), aplica-se a mesma análise proposta para os exemplos de culminações. Assim, também neste caso é o argumento sintático C₀ *o Luís* que irá

instanciar $()_x$ na relação X R Y. Sustentam esta tese os mesmos argumentos empíricos avançados anteriormente. De facto, e considerando a relação X R Y como uma relação de localização, de tal forma que X *o Luís*, a entidade móvel, é localizado em relação a Y – *a Sintra, até Sintra, para Sintra* –, faz sentido analisar este termo como termo que vê a sua determinação acrescida ao percorrer um conjunto de pontos e ser estabilizado em relação a um ponto último (Y).

O caso dos verbos designados por Borillo (1998: 44) como “causativos de deslocação” merece um tratamento diferente. Em (71), estamos na presença de exemplos em que a preposição é tratada por diferentes autores¹¹⁸ como tendo o estatuto de copredicador. Por conseguinte, o termo B constitutivo da relação predicativa e integrado no esquema sintático do verbo como C₁, é simultaneamente argumento da preposição enquanto relator. A notação metalinguística para representar esta situação é a seguinte:

$$(72) \langle A R (B) \langle ()_x r y \rangle \rangle$$

$$()_x = B$$

Neste caso, o termo $()_x$ é instanciado pelo SN *a Maria*. O SN *a Maria* corresponde, por conseguinte, à entidade móvel cuja Trajetória é estabilizada ao atingir o último ponto, identificado com o termo X – *à Estação do Oriente, até à Estação do Oriente, para a Estação do Oriente*.

No que respeita aos VVMM, iremos encontrar dois casos diferentes. Com os verbos inergativos, X identifica-se com C₀. Assim, em exemplos como:

- (73) a. O Luís caminhou *até* à praia.
 b. O Luís caminhou *para* a praia.

será o argumento A (*o Luís*) da relação predicativa <Luís, caminhar <para, praia> a instanciar o lugar $()_x$ na relação X R Y. Adota-se a mesma notação metalinguística proposta em (69) para representar a relação predicativa complexa subjacente aos exemplos (73):

$$(74) \langle A R \langle ()_x r y \rangle \rangle$$

$$()_x = A$$

¹¹⁸ Cf., e. o., Gawron (1986), Bonami (1999), Paillard (2002).

À semelhança da explicação proposta para os VVD, considero que também no caso dos VVMM do tipo *caminhar* existe evidência empírica para assumir que o termo *A o Luís* instancia o lugar de $()_x$. De facto, quer em (73 a) quer em (73 b) a Figura *o Luís* é localizada em relação a um determinado ponto da Trajetória. Esse ponto poderá corresponder efetivamente ao último ponto do conjunto de pontos que constitui a Trajetória, em (73 a) e (73 b).

No entanto, e como vimos acima, dada a ambiguidade associada à construção VVMM+*para*+SN sustenta-se, por hipótese, que o termo Y seja interpretado como um último ponto potencial, para o qual se orienta X. No capítulo 5. do presente trabalho, discutir-se-á esta hipótese.

Por fim, e no que respeita ao estudo de VVMM como *empurrar* ou *puxar*, por exemplo, sempre que se apresentem com uma leitura de *directed motion*, serão sujeitos à análise proposta em (72). Por conseguinte, nestes casos o termo $()_x$ será instanciado pela entidade móvel subjacente a C_1 .

Para ilustrar o que acaba de ser dito, retomemos alguns exemplos acima apresentados:

- (75) a. O Luís empurrou o carro *até à garagem*.
 b. O Luís empurrou o carro *para a garagem*.

Como é possível verificar, a entidade sujeita à deslocação (*o carro*) é localizada em relação a uma Trajetória com Fronteira de fechamento ou não (*até à garagem* ou *para a garagem*). A notação metalinguística para representar a relação predicativa complexa subjacente aos exemplos em (75) é a seguinte:

$$(76) \langle A R (B) \langle ()_x r y \rangle \rangle$$

$$()_x = B$$

4.2.5. Combinatória com os tempos gramaticais

O estudo efetuado até ao momento centrou-se exclusivamente na combinatória de formas verbais tradicionalmente associadas à perfeitividade (o PPS) com as construções VVD+SP direcional e VVMM+SP direcional.

Nos casos em apreço, pudemos observar os efeitos esperados. Assim, verifica-se a ocorrência do valor aspetual perfeito quando a relação predicativa é de natureza télica e [+ft]. Podem representar este caso os exemplos introduzidos em (12-13) e em

(35-37), dos quais destaco a título ilustrativo as construções VVD+SP direcional *sair à rua/até à/para a rua* e *ir ao /até ao/para o Porto*:

(77) O Luís saiu **à/*até à/para* rua.

(78) O Luís foi *ao/até ao/para* o Porto.

Os VVMM, lexicalmente caracterizados como processos, em coocorrência com SP direcionais cujo núcleo é preenchido pelas preposições *até (a)* e *para* podem igualmente combinar-se com o PPS, dando origem a situações com valor télico e perfetivo. Como pudemos verificar, os exemplos em (50 a) e (50 b), aqui retomados e reenumerados, permitem ilustrar o presente caso:

(79) a. O Luís nadou *até à* praia.

b. O Luís nadou *para a* praia.

Como vimos também, a predicação subjacente a (79 b) é ambígua, podendo representar uma situação télica e [+ft] ou uma situação télica e [-ft].¹¹⁹ No contexto desta última interpretação, o acontecimento linguístico é representado como estando em curso em relação a um localizador.

Relembrado o funcionamento das construções VVD/VVMM+SP direcional quando sujeitas às operações de determinação verbal associadas ao tempo gramatical PPS, é chegado o momento de estudar as possibilidades de coocorrência de tais construções com outros tempos gramaticais.

4.2.5.1. Presente do indicativo

Começemos, pois, por observar a combinatória de predicados que representam lexicalmente culminações, em construções do tipo VVD+SP direcional, com o presente do indicativo¹²⁰:

(80) ?A manifestação dos indignados sai *à/até à/para* a rua.

(81) O "Protesto da Geração à Rasca" sai amanhã *à* rua, pelas 15h, em onze cidades portuguesas (*Expresso*, 11/03/2011 consulta efetuada em 24/10/2011, pelas 10.21 h)

¹¹⁹ Segue-se, conforme foi anteriormente assumido, a proposta de Depraetere (1995).

¹²⁰ Abduco da apresentação das manipulações cuja agramaticalidade já foi objeto de análise (ver *supra*), por manifesta irrelevância para o assunto em discussão.

(82) Quando não o conseguem, as crianças saem *para* a rua à procura da sua identidade social, excluindo-se da família e da escola. (CETEMPúblico, Ext 5188 (soc, 96b))

(83) Losada, conhecido por «Pinche», permanece sem organização política, fazendo assaltos, até 1968, quando sai *para* França. (CETEMPúblico, par=ext709856-nd-96b-1)

Como podemos observar, no caso das culminações, a coocorrência da construção VVD+SP direcional com o presente do indicativo produz os efeitos esperados face à utilização deste tempo gramatical. Assim, em (80), a construção de um valor de posterioridade do tempo do enunciado (T_2) em ao tempo da enunciação (T_0) é de aceitação duvidosa para alguns falantes. Será possível, no entanto, admitir a ocorrência de tal enunciado num contexto de reportagem em que ocorre o chamado **presente de reportagem**.¹²¹ Nesse caso, o enunciador constrói a simultaneidade entre o desenrolar da enunciação e o desenrolar dos acontecimentos descritos pela enunciação.

A combinatória da construção VVD+SP direcional com o presente do indicativo é também possível, como podemos verificar em (81). No entanto, é necessária a combinação de adverbiais – *amanhã* – com predicados do tipo evento – culminação *sair à rua*.

O recurso a orações temporais como *quando não o conseguem*, em (82) – ou, noutros casos, a expressões adverbiais de quantificação temporal como, por exemplo, *sempre (que)* – marca a construção do valor habitual, permitindo ao enunciador representar uma classe de tt que se repetem um número indeterminado de vezes. Nas situações em que «não conseguem x» – «quando não conseguem x» ou «sempre que não conseguem x» –, *as crianças saem para a rua à procura da sua identidade social*.

Através do recurso ao designado **presente histórico ou narrativo**¹²², o presente do indicativo pode marcar ainda a referência a um tempo passado (valor de anterioridade de T_2 em relação a T_0) em contextos nos quais se admite uma sequência de situações, como sucede em (83).

¹²¹ Cf. Campos (1997: 97).

¹²² Cf. Cunha & Cintra [1984] (1986: 448).

Manipulando as sequências linguísticas em (81) e (82), pode observar-se a compatibilidade do presente do indicativo com SP direcionais cujo núcleo é preenchido por qualquer das três preposições em estudo:

- (84) a. O "Protesto da Geração à Rasca" sai amanhã *à* rua.
b. O "Protesto da Geração à Rasca" sai amanhã *até* à rua.
c. O "Protesto da Geração à Rasca" sai amanhã *para* rua.
- (85) a. Quando não o conseguem, as crianças saem *à* rua à procura da sua identidade social.
b. Quando não o conseguem, as crianças saem *até* à rua à procura da sua identidade social.
c. Quando não o conseguem, as crianças saem *para* a rua à procura da sua identidade social.

Em (84), mantém-se nos três casos a representação de um acontecimento linguístico posterior a T₂. Em (85), qualquer que seja a preposição selecionada é compatível com o valor habitual da frase.

A manipulação de (86) contraria a aparente regularidade observada em (84) e (85):

- (86) a. Losada, conhecido por «Pinche», permanece sem organização política, fazendo assaltos, até 1968, quando sai **à* França.
b. Losada, conhecido por «Pinche», permanece sem organização política, fazendo assaltos, até 1968, quando sai *??/*até* França.
c. Losada, conhecido por «Pinche», permanece sem organização política, fazendo assaltos, até 1968, quando sai *para* França.

De notar, no entanto, como já foi acima referido, que a produtividade da construção sair+a+SN é reduzida, estando circunscrita a um pequeno conjunto de nomes como, por exemplo, *rua, arena, terreiro*. Além disso, e como é possível observar em (86 b), as restrições de ocorrência incidem também nas construções em que é selecionada a preposição *até*. Porém, poder-se-á argumentar que as restrições de coocorrência observadas em (86) nada têm a ver com a seleção do presente do indicativo, ocorrendo igualmente quando se combina o PPS com as construções VVD+SP direcional:

- (87) a. Losada saiu *à França.
b. Losada saiu *até França.
c. Losada saiu para França.

Assim, e apesar de não serem muito usuais as formas do Presente do Indicativo em frases com culminações, verifica-se que, nos exemplos apresentados, podem ser induzidos os valores de posterioridade, anterioridade e habitualidade. Outra conclusão importante a retirar, tendo em conta os dados observados, diz respeito, por um lado, ao facto de qualquer destas três interpretações ser possível independentemente da preposição seleccionada – *a*, *até* ou *para*. Por outro lado, a mesma preposição pode participar em construções associadas a interpretações diferentes – posterioridade, anterioridade e habitualidade.

Estas conclusões não se circunscrevem às construções nas quais ocorre o verbo *sair*, podendo ser generalizadas, naturalmente, a outros VVD que denotam culminações. O seguinte conjunto de exemplos permite comprovar esta afirmação:

- (88) O «cowboy» do Texas, George Walker Bush, que hoje chega à Somália de visita às suas tropas e depois, ao que tudo indica, segue para a Rússia, para assinar o primeiro verdadeiro tratado de desarmamento nuclear, escusa de se preocupar com a nova moda anti-americana de Paris. (CETEMPúblico, par=ext119293-pol-92b-1)
- (89) A família de comerciantes venezianos Polo chega à China na segunda metade do século XIII, os primeiros ocidentais a fazê-lo em muitos anos, e o relato de Marco sobre uma sofisticada e rica sociedade, nesse tempo governada por imperadores mongóis, redesperta de imediato o interesse europeu. (CETEMPúblico, par=ext97736-clt-95a-2)
- (90) Todos os dias, o Luís chega a casa às 20 horas.

Em (88), está presente a leitura de posterioridade, dado que «a chegada de George Walker Bush à Somália» é construída como posterior ao momento da enunciação (T_0). Em (89), T_2 – «chegada da família de comerciantes Polo à China» –, localizado em relação a T_3 *na segunda metade do século XIII*, é anterior a T_0 , induzindo a leitura de anterioridade. Por fim, em (90), encontramos a leitura de habitualidade, marcada pelo adverbial de quantificação *todos os dias* e pelo Presente do Indicativo.

No que respeita ao verbo *entrar*, e embora seja possível encontrar em *corpora* inúmeros exemplos da sua combinação com o Presente do Indicativo, verifica-se que o SP direcional que ocorre à direita do verbo não tem um valor estritamente espacial. O exemplo seguinte permite ilustrar este facto:

- (91) «Os homens e mulheres que entram *para* a polícia não são feitos num laboratório ou numa linha de robótica». (CETEMPúblico, Ext 11673 (nd, 96b))

Em coocorrência com um adverbial de quantificação – *todos os dias* –, é possível encontrar exemplos como o seguinte, em que é associada à frase uma interpretação de habitualidade:

- (92) Todos os dias o Luís entra *para* a escola às 8 horas.

Os efeitos produzidos pela combinatória do Presente do Indicativo com predicados que representam lexicalmente processos culminados, em construções VVD+SP direcional (contendo verbos do tipo de *ir*), e processos culminados, em construções VVMM+SP direcional (com verbos do tipo de *correr*) podem ser analisados a partir da observação do seguinte conjunto de exemplos:

- (93) a. O Luís vai *?ao* Porto.
b. O Luís vai *?até ao* Porto.
c. O Luís vai *?para* o Porto.
- (94) a. O Luís caminha *?até à* praia.
b. O Luís caminha *?para* a praia.
- (95) a. Amanhã, o Luís vai *ao* Porto.
b. Amanhã, o Luís vai *até ao* Porto.
c. Amanhã, o Luís vai *para* Porto.
- (96) a. Amanhã, o Luís caminha *até à* praia.
b. Amanhã, o Luís caminha *?para* a praia.
- (97) a. Todos os dias, o Luís vai *ao* Porto.
b. Todos os dias, o Luís vai *até ao* Porto.
c. Todos os dias, o Luís vai *para* o Porto.
- (98) a. Todos os dias, o Luís caminha *até à* praia.
b. Todos os dias, o Luís caminha *?para* a praia.

- (99) a. No ano seguinte vai *para* a Suíça, frequentando durante dois anos a Escola de Arquitetura de Lausanne e estudando escultura. (CETEMPúblico, par=ext1269850-clt-93a-2)
- b. Os sobreviventes caminham *até* Agra e padecem até serem libertados pela ação dos influentes jesuítas, há muito na corte mogol. (CETEMPúblico, Ext 1388797 (opi, 98a))

Os dados apresentados indiciam que o tempo gramatical não impõe as mesmas restrições às duas construções em análise. Assim, e apesar de em (93) e (94), as duas construções aparentarem o mesmo funcionamento, na medida em que a boa formação de ambas é duvidosa, em (95) e (96), pode observar-se as seguintes diferenças:

- (i) nos exemplos em que é construído um valor temporal de posterioridade, marcado pela coocorrência do adverbial *amanhã* com o Presente do Indicativo, é possível observar um contraste entre o funcionamento das construções VVMM+SP direcional e das construções VVD+SP direcional. No primeiro caso, observa-se a gramaticalidade das sequências nas quais ocorre a preposição *até* (a) e a difícil aceitabilidade naquelas em que a preposição selecionada é *para* – exemplos (96 a-b). No segundo caso, e seja qual for a preposição selecionada para preencher o núcleo do SP, todas as sequências constituídas serão interpretadas como bem formadas – exemplos (95 a-c);
- (ii) em coocorrência com expressões adverbiais de quantificação temporal – *todos os dias*, em (97 a-c) e em (98 a) –, a interpretação de habitualidade está disponível em ambas as construções. Porém, são de duvidosa aceitabilidade os exemplos, em que o núcleo do SP seja preenchido pela preposição *para* – exemplo (98b).

Como explicar então a difícil aceitabilidade (96 b) e (98 b), em contraste com a boa formação de (96a) e (96b)? Contrariamente ao que podemos observar em (98 b), a coocorrência de verbos como *caminhar* no Presente do Indicativo com SP direcionais representativos de Trajetórias [-del] não oferece dúvidas quanto à boa formação das sequências linguísticas:

- (100) Todos os dias, o Luís caminha *para* a frente e *para* trás.

Neste caso, a frase denota uma classe de ocorrências que se repetem um número indeterminado de vezes (*todos os dias*). O acontecimento múltiplo assim construído representa um intervalo de tempo aberto que contém a iteração de intervalos abertos, os quais correspondem a eventualidades do tipo processo.

No que respeita à combinatória do Presente do Indicativo com a construção VVMM+SP direcional, o *corpus* consultado não é pródigo em exemplos em que o SP direcional introduzido por *para* esteja associado a determinações espaciais.¹²³ No entanto, como é possível verificar pelo exemplo seguinte, desde que a propriedade [-ft] seja associada à situação, as sequências serão interpretadas como gramaticais:

(101) «A lei diz que quando um jogador caminha *para* a baliza sem mais nenhum adversário à sua frente sem ser o guarda-redes e é travado ou agarrado deve ser marcado um livre direto ou um penalti, se for dentro da área. (CETEMPúblico, Ext 522332 (des, 97a))

Em (101), a relação predicativa <caminhar, jogador <() para baliza>>, introduzida pela oração temporal combinada com o presente do indicativo, representa o valor genérico.¹²⁴ Assim, qualquer que seja o valor – anterioridade, posterioridade ou simultaneidade – a relação predicativa é construída como válida. No que respeita à Trajetória representada, a Figura *um jogador* orienta-se para o Fundo *a baliza*, mas independentemente do valor selecionado pelo enunciador, não é localizada necessariamente no último ponto visado (*a baliza*).

Deste modo, as situações da classe constituída são interpretadas como télicas e como [+ ft]. A Trajetória caracteriza-se pela propriedade [\pm del].

Por conseguinte, em (101), na predicação subjacente à oração temporal, temos a iteração de eventualidades de tipo processo culminado.

¹²³ As ocorrências mais frequentes dizem respeito a valores nocionais, podendo ser glosados por «caminhar para Sit». Descrevem a fase preparatória que conduz a uma mudança de estado: *caminha para a morte*.

¹²⁴ Em Cunha (2000: 18), defende-se que estas construções estão associadas a uma “leitura atemporal”. Nestes casos, e à semelhança do que sucede com as situações em que são combinados dois imperfeitos (na oração temporal e na oração principal), dando origem às chamadas “construções quantificacionais”, o marcador *quando* pode ser parafraseado por expressões como “sempre que” ou “nas ocasiões em que” (id., *ibid.*, 13).

Assim, e tendo em conta a análise efetuada ao exemplo (101), poder-se-á concluir que a construção *caminhar+para+SN* cujo verbo é combinado com o Presente do Indicativo não dá origem necessariamente a sequências mal formadas.

Em coocorrência com adverbiais pontuais ou com modificadores da frase, os enunciáveis em (96 b) e (98 b) darão origem a sequências bem formadas:

- (102) a. Amanhã, às dez em ponto o Luís caminha/corre *para* a praia.
b. Amanhã, o Luís caminha/corre *para* a praia com um sorriso nos lábios.

- (103) Todos os dias, o Luís caminha/corre *para* a praia com um sorriso nos lábios.

O valor de anterioridade associado ao presente histórico está também disponível nas construções com VVD e com VVMM, como se pode verificar em (99 a) e (99 b). Manipulando estes exemplos, podemos observar o seguinte comportamento:

- (104) a. No ano seguinte vai **à* Suíça, frequentando durante dois anos a Escola de Arquitetura de Lausanne e estudando escultura.
b. No ano seguinte vai *até à* Suíça, frequentando durante dois anos a Escola de Arquitetura de Lausanne e estudando escultura.

- (105) Os sobreviventes caminham *para* Agra e padecem até serem libertados pela ação dos influentes jesuítas, há muito na corte mogol.

Começando pela análise do contraste observado entre os exemplos (99 a) e (104 a), defendo que a agramaticalidade deste último não se fica a dever à preposição selecionada no contexto da construção VVD+SP direcional. Efetivamente, considero que a má formação de (102) advém da incompatibilidade entre o estado resultante associado por construção à relação predicativa <ir, ()_a <() a a Suíça>> e a sequência linguística *frequentando durante dois anos a Escola de Arquitetura de Lausanne*. Por razões que procurarei formalizar na secção seguinte do presente trabalho, na interpretação do estado resultante de «ir à Suíça», em (104 a), a entidade móvel não é localizada no último ponto da Trajetória – *a Suíça* –, mas noutra ponto distinto deste. Em (99 a), o estado resultante construído após o fechamento da Trajetória situa a entidade móvel na zona associada ao último ponto – *a Suíça*. Por conseguinte, a incompatibilidade observada é de natureza interproposicional, não podendo ser atribuída

à combinatória entre o VVD *ir* no Presente do Indicativo e os SP direcionais *a*+SN e *para*+SN.

Aliás, e como podemos verificar no exemplo seguinte, mantendo o valor de anterioridade de T_2 em relação a T_0 , pelo recurso ao presente histórico, é possível gerar sequências bem formadas recorrendo à construção *ir*+*a*+SN, desde que sejam eliminadas as incompatibilidades semânticas associadas ao contexto:

(106) Em 1949, vai à Suíça, passa por Itália e regressa a Portugal passados dois meses.

Face ao exposto, podemos concluir que a combinatória das construções VD+SP direcional e VVMM+SP direcional com Presente do Indicativo gera os efeitos espectáveis. Assim, no caso das primeiras, e qualquer que seja a preposição selecionada, teremos a denotação de culminações e de processos culminados. As frases poderão apresentar tipicamente o valor aspetual de iteratividade (ou habitualidade) ou os valores estritamente temporais de anterioridade e posterioridade em relação ao tempo da enunciação. No caso das segundas, a eventualidade representada será preferencialmente um processo culminado.¹²⁵ Também neste caso, é possível representar o valor aspetual de iteratividade ou valores temporais de anterioridade ou posterioridade, pelo recurso a marcadores suplementares como sejam os adverbiais temporais ou os adverbiais de quantificação temporal.

4.2.5.2. Pretérito imperfeito

Para efeitos do estudo a empreender no âmbito deste trabalho, sigo a proposta de Sousa (2007), no que respeita à descrição dos valores do Pretérito Imperfeito¹²⁶ em português.¹²⁷ Na sequência da proposta de Lebaud (1994, *apud* Sousa 2007:69), terei em conta as seguintes características do pretérito imperfeito: (i) o PI opera uma mudança

¹²⁵ Poderá também corresponder a um processo como sucede em (100), devido à construção de uma Trajetória marcada pelo traço [- del].

¹²⁶ Doravante, PI.

¹²⁷ De acordo com Sousa (2007: 68), o pretérito imperfeito marca uma **translação** efetuada num dos parâmetros de Sit (S ou T). Deste modo, a situação representada é transposta para um outro espaço-tempo ou sujeito, conservando, no entanto, as propriedades da situação origem. Esta proposta pode ser ilustrada pelo exemplo *em Lisboa ria o tempo todo, aqui parece uma Madalena*. Como podemos verificar, a situação *ria o tempo todo* (T_2) é localizada em relação a Sit_0 *aqui parece uma Madalena*. O valor construído é o de diferenciação entre T_2 e T_0 , acentuando a oposição entre o intervalo de tempo associado ao *aqui-agora* (Sit_0) e o intervalo de tempo correspondente a *em Lisboa* (o localizador translato, T'). Segundo a autora, ocorre um movimento translação em que o localizador *aqui-agora* se desloca para *em Lisboa*-então, conservando todas as propriedades temporais e aspetuais do *aqui-agora*. As relações estabelecidas podem ser sintetizadas através da notação seguinte: $T_2 = T' \neq T_0$.

de localizador; (ii) o PI não opera construção nem estruturação da classe de instantes. Deste modo, não podemos ignorar que o PI ganha o seu valor referencial a partir da relação que estabelece com o localizador translato T' . A expressão linguística desse localizador temporal ($T'=T_3$), a partir do qual o enunciador organiza a perceção da situação, pode ser de natureza diversa. Como podemos verificar pelos exemplos abaixo, o recurso a orações temporais ou a expressões adverbiais de quantificação temporal¹²⁸ é imprescindível para que as sequências sejam interpretadas como bem formadas:

- (107) a. *O Luís saía *à* rua.
b. *O Luís saía *à* rua, quando a Maria telefonou.
c. *O Luís saía *à* rua todos os dias.
- (108) a. *O Luís saía *até* *à* rua.
b. *O Luís saía *até* *à* rua, quando a Maria telefonou.
c. *O Luís saía *até* *à* rua todos os dias.
- (109) a. *O Luís saía *para* a rua.
b. O Luís saía *para* a rua, quando a Maria telefonou.
c. O Luís saía *para* a rua todos os dias.
- (110) a. *O Luís ia *à* escola.
b. O Luís ia *à* escola, quando a Maria telefonou.
c. O Luís ia *à* escola todos os dias.
- (111) a. *O Luís ia *até* *à* escola.
b. O Luís ia *até* *à* escola, quando a Maria telefonou.
c. O Luís ia *até* *à* escola todos os dias.
- (112) a. *O Luís ia *para* a escola.
b. O Luís ia *para* a escola, quando a Maria telefonou.
c. O Luís ia *para* a escola todos os dias.
- (113) a. *O Luís caminhava *até* *à* escola.
b. O Luís caminhava *até* *à* escola, quando a Maria telefonou.
c. O Luís caminhava *até* *à* escola todos os dias.
- (114) a. *O Luís caminhava *para* a escola.

¹²⁸ Em Sousa (2007: 72), são apresentadas ainda outras possibilidades de expressão linguística do localizador T_3 . A saber: (i) um outro tempo verbal (PPS) – *pegou na revista, e ia-se embora sem pagar*; (ii) um SN situado no tempo – *Viriato batia-se com bravura*.

- b. O Luís caminhava *para* a escola, quando a Maria telefonou.
- c. O Luís caminhava *para* a escola todos os dias.

Deste modo, e apesar de os exemplos manifestarem uma certa heterogeneidade, é possível identificar as seguintes regularidades, descritas na literatura sobre o pretérito imperfeito: (i) a existência de uma localização temporal e/ ou interproposicional é determinante para que o pretérito imperfeito ganhe o seu valor referencial – a má formação das sequências identificadas em (a), contrastando, regra geral, com a boa formação das sequências em (b) e (c), confirma a tese segundo a qual o imperfeito não possui uma função estruturante da classe de instantes, o que impede que possa ser definido um interior (p) e um complementar (p’); (ii) a construção de um localizador intermédio (T₃) – por exemplo, através do recurso a uma oração temporal como *quando a Maria telefonou* – permite ao enunciador perspetivar o acontecimento linguístico como estando em curso em relação a esse localizador, o que assegura a boa formação das sequências, em (b); (iii) a construção de um acontecimento múltiplo através da iteração de ocorrências de uma classe pelo recurso a uma expressão de quantificação temporal como *todos os dias* (T₃) é outra das possibilidades.

Os exemplos acima permitem ainda colocar em evidência efeitos de sentido que podem afetar o tipo de eventualidade tipicamente associada às construções em análise. De acordo com Cunha (2000: 10), no que respeita às construções com *quando*, o imperfeito impõe uma interpretação estativa às predicções nas quais ocorre. Ainda de acordo com este autor, nos casos em que se combina o PPS, na oração temporal, com o imperfeito, na oração principal, a situação representada pela primeira é incluída no intervalo de tempo correspondente ao estado representado pelo pretérito imperfeito. Para este autor, as orações subordinadas temporais denotarão predominantemente eventos, ao passo que as orações principais poderão representar estados (“faseáveis” ou “não faseáveis”) ou eventos convertidos em estados, representados como progressão ou habitualidade.

No que respeita às construções VVD+SP direcional representativas das culminações, e por razões já adiantadas, apenas a combinatória com SP introduzidos pela preposição *para* dá origem a sequências bem formadas. Assim, em (109 b), verifica-se que o PI bloqueia a interpretação de culminação do enunciado, na sequência *o Luís saía para a rua*, localizada em relação a uma oração temporal cuja forma verbal comparece no PPS. Neste caso, o enunciado pode ser glosados como «o Luís

preparava-se para sair, quando a Maria telefonou» ou «o Luís estava de saída, quando a Maria telefonou». Deste modo, através da imperfetividade do PI, o enunciador constrói uma situação com valor durativo, temporalmente anterior à saída do Luís, e que está em curso quando este recebe a chamada da Maria. Por conseguinte, a situação prolonga-se ao longo do intervalo de instantes associado a T_2 , construído como um aberto.

A preferência dos falantes pelas construções nas quais o SP direcional é regido pela preposição *para* – o exemplo (109 c) do paradigma acima apresentado –, por um lado, aliada a uma maior frequência destas construções em *corpora* como o CETEMPúblico, por outro lado, pode ser explicada pelo facto de esta preposição ser ambígua do ponto de vista da representação de uma fronteira espacial/temporal. Deste modo, em coocorrência com o PI, o SP direcional introduzido pela preposição *para* bloqueia a telicidade da situação e impõe a propriedade [-ft].

Nos termos de Moens (1987), poderá concluir-se assim que, nestes contextos, tem lugar uma comutação no interior da rede aspetual. De facto, a subtração do ponto de culminação do núcleo aspetual – «a saída do Luís» – tem o efeito de converter a eventualidade num estado.

O efeito de sentido acima descrito pode ser igualmente observado a propósito de outros verbos incluídos na mesma classe dos VVD do tipo culminação, como é, por exemplo, o caso de *entrar*:

(115) Enfrentando os jornalistas quando entrava *para* o autocarro do clube que levaria a equipa diretamente para Cascais, local escolhido para o estágio, limitou-se a afirmar que «tudo está bem com a equipa» e que o pensamento de todos era apenas um: o da vitória. (CETEMPúblico, Ext 1424333 (des, 96a))

(116) O médico, George Tiller, foi alvejado em ambos os braços no momento em que entrava *para* o seu carro. (CETEMPúblico, Ext 438421 (soc, 93b))

Já com o verbo *chegar*, duas leituras são possíveis:

(117) O Luís chegava *a* casa, quando a Maria telefonou.

De facto, em (117), a predicação subjacente à oração principal pode ser interpretada ou como estando iminente a chegada do Luís (interpretação preferencial),

ou como tendo acabado de chegar, quando recebe a chamada da Maria. Na primeira leitura, uma vez subtraído o ponto de culminação do núcleo aspetual, teremos a representação de uma eventualidade do tipo processo. O caminho disponível em termos da rede aspetual proposta por Moens (1987: 45) consiste na passagem de uma culminação a processo culminado (através da descrição de um estado de coisas que está em curso) e, finalmente, na transição para processo, uma vez que o ponto de culminação não é efetivamente atingido. Na segunda leitura, são combinadas as três fases do núcleo aspetual: processo preparatório (o número de passos discretos que compõem a aproximação do Luís a casa), culminação («chegada a casa») e estado resultante («o Luís já está em casa»). A eventualidade representada será, por conseguinte, do tipo processo culminado.

Também as construções VVD+SP direcional exemplificadas em (110 b), (111 b) e (112 b), em combinação com o PI, podem ser ambíguas do ponto de vista referencial. Assim, podem representar ou uma situação temporalmente anterior à «ida do Luís» – por conseguinte, ao início da Trajetória –, ou uma situação cuja Trajetória está em curso quando o Luís recebe a chamada da Maria. Esta última será a interpretação preferencial, a não ser que seja bloqueada pelo contexto linguístico como sucede em (118):

(118) O Luís ia *para* a escola, quando a Maria telefonou. Já não saiu de casa.

Nos casos em estudo – exemplos (110 b), (111 b) e (112 b) –, e independentemente da preposição selecionada, às duas leituras acima identificadas correspondem dois caminhos previstos em termos de conversão aspetual. Se o estado de coisas descrito pelas expressões *ir(IMP) à escola/até à escola/para a escola* se caracterizar pela «não ida do Luís», teremos a conversão do processo culminado num estado. Se o estado de coisas associado àquelas construções se caracterizar pela descrição de um processo em curso, que não atinge o ponto de culminação, teremos a passagem de um processo culminado a processo, pela subtração do ponto de culminação.

Em (113 b) e (114 b), a combinação das construções VVMM+SP direcional com o PI disponibiliza uma única interpretação: a Trajetória está em curso quando o Luís recebe a chamada. Deste modo, teremos a representação de uma eventualidade do tipo processo.

Em síntese, em contextos de subordinação temporal, nos quais as construções VVD(IMP)+SP direcional ocorrem nas orações principais, podemos identificar as seguintes situações:

(119)

verbos de movimento	categoria-base	input	output
VVD	<i>entrar, sair</i>	culminação	estado
	<i>chegar</i>	culminação	processo culminado
		culminação	processo
	<i>ir</i>	processo culminado	estado
		processo culminado	processo
VVMM	<i>caminhar</i>	processo culminado	processo

Estudámos acima a interação entre o PI e o PPS em contextos linguísticos nos quais as construções VVD/VVMM+SP direcional são combinadas com o Imperfeito na oração principal e o PPS ocorre na oração subordinada.

Vamos observar seguidamente outros contextos, como sejam: (i) a relação entre o PPS, na oração principal, e o PI combinado com as construções VVD/VVMM+SP direcional, na oração temporal; e (ii) a interação entre imperfeitos na oração principal e na oração subordinada.

Observemos pois os exemplos que ilustram o contexto referido em (i):

- (120) a. A Maria telefonou, quando a manifestação saía *à* rua.
 b. A Maria telefonou, quando a manifestação saía *até à* rua.
 c. A Maria telefonou, quando a manifestação saía *para* rua.

- (121) a. A Maria telefonou, quando o Luís ia *à* escola.
 b. A Maria telefonou, quando o Luís ia *até à* escola.
 c. A Maria telefonou, quando o Luís ia *para* a escola.

- (122) a. A Maria telefonou, quando o Luís caminhava *até à* escola.
 b. A Maria telefonou, quando o Luís caminhava *para* a escola.

À semelhança dos exemplos (b) analisados no âmbito do paradigma em (107) a (114), a situação representada pela oração na qual ocorre o PPS – a oração principal – é incluída no intervalo de tempo correspondente à oração na qual comparece o imperfeito

– a oração temporal. Ainda à semelhança dos exemplos (107) a (114), também no presente caso a localização temporal da situação representada pela oração temporal introduzida por *quando* em relação à situação denotada pela oração principal tem valor de simultaneidade.

No que respeita à combinatória das construções VVD/VVMM+SP direcional com o PI, podemos igualmente constatar que os contextos em análise dão origem às comutações no interior da Rede Aspetual já observadas nos exemplos (b) do paradigma em (107) a (114).

Assim, em (120 a-c), o PI em combinatória com os VVD do tipo *sair* veicula uma leitura “progressiva” e “durativa” da predicação. Este facto, poderá ser explicado pela ocorrência do N *manifestação* em C₀ (sujeito sintático da frase). Enquanto entidade constituída por um conjunto de indivíduos, o N *manifestação* em coocorrência com o imperfeito produz efeitos em termos de transição aspetual: a culminação passa a processo culminado.

Nestes exemplos ainda, projeta-se um ponto no espaço que é identificado com o último ponto da Trajetória – *a rua*. A Figura – *a manifestação* – percorre um intervalo de pontos no espaço, sendo localizada no último ponto para o qual aponta a orientação inerente do SP direcional.

Em (121 a-c), as orações temporais podem representar eventualidades do tipo processo – interpretação preferencial – ou estado. Em (122 a-c), as orações temporais representam apenas eventualidades do tipo processo.

Considerando a interpretação preferencial, nos dois casos, e apesar da direccionalidade marcada pelos SP, com a correspondente orientação inerente da Figura *o Luís*, não é possível localizar essa entidade em relação ao último ponto da Trajetória. Como entre os eixos do tempo e da Trajetória existe uma correspondência contínua, a situação é assim representada como [-ft]. Ou seja, em termos empíricos, não é possível situar o Luís na escola, seja qual for o exemplo considerado.

A interpretação de (122 a-c) como estado poderá ser explicada pelo facto de a Trajetória visada não ter sido sequer iniciada.

Face ao exposto, podemos assumir que a combinatória das expressões VD/VVMM+SP direcional com o imperfeito em construções de subordinação temporal produz os seguintes efeitos:

- (i) a situação é representada como estando em curso (estado ou processo);
- (ii) a Figura percorre um conjunto de pontos, não atingindo o último ponto da Trajetória (exceto no caso dos VVD culminações);
- (iii) a preposição marca preponderantemente a direccionalidade, isto é, a orientação inerente da Figura – VVD e VVMM processos culminados;
- (iv) a situação caracteriza-se pela propriedade [-ft] – VVD e VVMM processos culminados.

Tendo em vista o estudo da interação entre Imperfeitos em ambas as orações da estrutura de subordinação, consideremos os exemplos abaixo:

- (123) a. Quando a Maria telefonava ao Luís, a manifestação saía *à* rua.
b. ??Quando a Maria telefonava ao Luís, a manifestação saía *até à* rua.
c. Quando a Maria telefonava ao Luís, a manifestação saía *para* rua.
- (124) a. Quando a DT¹²⁹ telefonava ao EE¹³⁰, o Luís ia *à* escola.
b. Quando a DT telefonava ao EE, o Luís ia *até à* escola.
c. Quando a DT telefonava ao EE, o Luís ia *para* a escola.
- (125) a. */??Quando a DT telefonava ao EE, o Luís caminhava *até à* escola.
b. Quando a DT telefonava ao EE, o Luís caminhava *para* a escola.
- (126) a. ?Quando a DT telefonava ao EE, o Luís corria *até à* escola.
b. Quando a DT telefonava ao EE, o Luís corria *para* a escola.

Contrariamente ao que observáramos com o estudo da interação entre o PPS e o imperfeito, a situação representada pela oração temporal não corresponde a um ponto incluído no intervalo de instantes associado à situação denotada pela oração principal. Assim, em (123 a, c), o enunciador representa os intervalos de tempo associados a T₂ – *a manifestação saía à rua/para a rua* – e a T₃ – *a Maria telefonava ao Luís* – como

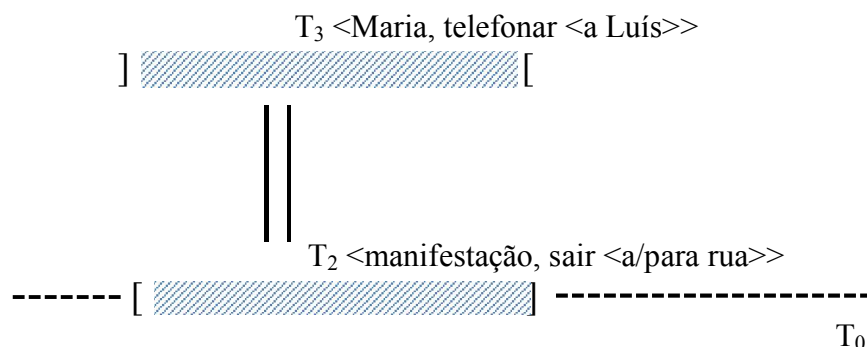
¹²⁹ Diretora de Turma.

¹³⁰ Encarregado de Educação.

coextensionais. Ou seja, é construída uma correspondência contínua entre cada um dos instantes incluído no intervalo de tempo associado a cada situação.

Face ao exposto, podemos concluir que o marcador *quando* ocorre com valor temporal, exprimindo a simultaneidade entre os dois acontecimentos linguísticos representados.

(127)



Outra diferença importante revelada pelos exemplos em (123 a, c) diz respeito às propriedades do argumento de Trajetória e à localização da Figura em relação à classe de pontos que compõem aquela. De facto, nos casos em apreço, ambas as preposições – *a* e *para* – permitem localizar a Figura em relação ao último ponto da Trajetória. A coocorrência do N *manifestação* em C_0 com o PI associa um valor durativo à situação, transformando a culminação em processo culminado.

A instanciação de C_0 por nomes próprios e/ou nomes discretos impõe restrições à coocorrência com as preposições, como pode observar-se em (128) e (129):

- (128) a. Quando a Maria telefonava ao Zé, o Luís saía *à rua.
 b. Quando a Maria telefonava ao Zé, o Luís saía *até à rua.
 c. Quando a Maria telefonava ao Zé, o Luís saía *para* a rua.

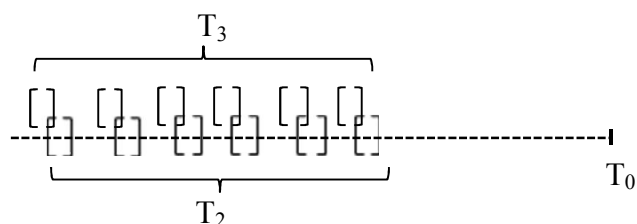
- (129) a. Quando a Maria telefonava ao Zé, o irmão saía *à rua.
 b. Quando a Maria telefonava ao Zé, o irmão saía *até à rua.
 c. Quando a Maria telefonava ao Zé, o irmão saía *para* a rua.

Nestes casos verifica-se exclusivamente uma compatibilidade com a preposição *para*. Por conseguinte, o nome que instancia C_0 impõe restrições à coocorrência com as preposições *a* e *até*, determinando também a interpretação associada à oração principal.

No entanto, e contrariamente ao que sucede em (123), aos exemplos (128 c) e (129 c) corresponde preferencialmente uma leitura quantificacional ou atemporal de *quando*. O enunciador estabelece uma relação causal entre «o telefonema da Maria» (a causa) e «a saída do Luís/do irmão» (o efeito), que se repete um número indeterminado de vezes (valor iterativo). Neste contexto, e como vimos *supra*, o marcador *quando* pode ser substituído pela expressão “sempre que”. Cada uma das ocorrências da classe subjacente a T_3 – *a Maria telefonava* – estabelece uma relação de anterioridade relativamente às ocorrências da classe associada a T_2 – *o Luís/o irmão saía para a rua*.

Nestes casos, verifica-se uma correspondência contínua entre os eventos da classe associada por construção às relações predicativas <Luís sair <para rua>> e <irmão sair <para rua>> e as Trajetórias. Em ambos os casos, as Trajetórias são representadas com um limite final, no qual é situada a Figura – *o Luís e o irmão*.

(130)



Aos exemplos em (128 c) e (129 c) é ainda possível associar uma interpretação temporal de *quando*. Nestes casos, teremos a representação de uma simultaneidade de situações: coextensionalidade dos intervalos de instantes associados ao processo e ao estado, denotados, respetivamente, pela oração temporal e pela oração principal.

Noutros contextos, a combinatória do imperfeito com a construção VVD (culminação)+SP direcional permite igualmente confirmar os efeitos em termos de transição aspetual acima descritos. Assim, e como podemos observar nos exemplos seguintes, a coocorrência do PI com a construção VVD+SP direcional opera a transformação de uma culminação em processo culminado:

(131) Uma pessoa destacava-se da multidão e entrava *para* a secretaria, cuja porta voltava a fechar-se de imediato. (CETEMPúblico Ext 263146 (soc, 95a))

(132) Por volta da hora do almoço chegava *a* Pedras Rubras o seu empresário, Luciano d'Onófrío, que acaba por ser incontornável na operação, dado que tem uma procuração de Sérgio Conceição. (CETEMPúblico, par=ext1321838-des-98a-2))

As dúvidas suscitadas quanto à boa formação de (123 b) poderão explicar-se pela incompatibilidade entre o carácter intencional da manifestação e a não intencionalidade ou casualidade marcada pela preposição *até*.

Em (124 a-c), verifica-se a compatibilidade de qualquer das preposições com o verbo *ir* em contextos de interação entre imperfeitos nas orações subordinadas adverbiais temporais. Contudo, esta observação não significa uma equivalência dos enunciados, no que respeita ao seu valor referencial. Assim, em (124 a-b), a única interpretação possível parece ser claramente a quantificacional (*quando* atemporal). Ou seja, temos uma vez mais a iteratividade: a cada uma das ocorrências da classe subjacente à relação predicativa <DT telefonar <a EE>> corresponde uma ocorrência da classe associada a <Luís ir <a/até a escola>>.

Já em (124 c), por seu turno, parecem possíveis duas leituras, embora a quantificacional seja a preferencial. No caso da interpretação atemporal de *quando*, diremos que «cada telefonema da DT ao EE» tem como efeito «a ida do Luís para a escola». Caso o caminho escolhido seja a interpretação temporal de *quando*, teremos a construção de uma simultaneidade entre duas situações que estão em curso em $T_2 (=T_3)$. Contrariamente ao que sucede nos contextos em que ocorre *quando* atemporal, nos quais, em cada ocorrência, a Figura percorre a totalidade dos pontos da Trajetória e é situada no último ponto desta, na interpretação temporal de *quando* em (124 c), a preposição *para* permite apenas o percurso de parte dos pontos da Trajetória, não da sua totalidade. Neste sentido, a Figura (*o Luís*) orienta-se para o último ponto da Trajetória (*a escola*), mas não é situada nesse ponto.

No que respeita à classe dos VVMM, é possível observar um contraste entre as sequências (125 a) e (126 a), em que o SP direcional é introduzido pela preposição *até* (*a*) – ou interpretadas como agramaticais pelos falantes, ou consideradas de aceitabilidade duvidosa –, e aquelas em que ocorre a preposição *para* – as sequências (125 b) e (126 b).

Outro aspeto que merece ser destacado prende-se com uma certa heterogeneidade de comportamentos no interior da classe dos VVMM. Como podemos verificar, enquanto em (125 b) a única leitura disponível é a de *quando* temporal, em (126 b), o enunciado pode ser considerado ambíguo, embora a interpretação iterativa – *quando* atemporal – seja a preferencial.

Começando pela análise do primeiro caso, verificamos que é construída uma relação de simultaneidade entre as duas situações representadas pela oração temporal e pela oração principal. Ambas as situações são construídas como intervalos abertos, coextensionais. A Trajetória é representada como estando em curso. A Figura (*o Luís*), por sua vez, percorre um conjunto indeterminado de pontos da Trajetória, mas não a totalidade dos pontos que a constituem. Por conseguinte, a não delimitação da situação e da Trajetória, marca a construção de uma eventualidade de tipo processo.

Em (126 b), por sua vez, como foi referido, estão disponíveis duas interpretações. Serão fatores pragmáticos a determinar a interpretação a associar às sequências. Assim, num contexto situacional em que se pretenda estabelecer uma relação de causa-efeito entre as situações denotadas pela oração temporal e pela oração principal, o valor construído será a iteração de um número indeterminado de ocorrências de <DT telefonar <a EE>> e <Luís correr <para escola>>. Por conseguinte, teremos a representação de ocorrências de *o Luís correr para a escola* em que a entidade móvel percorre todos os pontos da Trajetória, situando-se no último ponto (*a escola*). Noutro contexto situacional, o enunciador constrói a simultaneidade entre duas situações. Deste ponto de vista, ambas as situações estão em curso em $T_2 (=T_3)$, não sendo construído um limite final, nem para as situações, nem, naturalmente, para as Trajetórias.

Sintetizando, os exemplos analisados permitem evidenciar os seguintes factos:

- (i) se excluirmos o caso exemplificado em (123 a-c), em coocorrência com *quando* temporal, só a preposição *para* é possível. Por conseguinte, nas combinatórias com VVD e VVMM do tipo *ir* e *caminhar*, observa-se uma diferença evidente entre a preposição *para* e as outras duas. De facto, só a preposição *para* permite representar ocorrências de *ir* e de *caminhar* como estando em curso. Desta forma, a Situação caracteriza-se pela propriedade [-fi] e a Trajetória pela propriedade [-del];

- (ii) nestes casos, as situações representadas pela oração principal e pela oração subordinada temporal são coextensionais;
- (iii) em coocorrência com *quando* atemporal, o uso da preposição *para* é preferencial, podendo ocorrer com VVD do tipo de *sair* ou de *ir* ou ainda com VVMM como *correr* (mas não *caminhar*). Como vimos acima, esta preposição pode marcar, em função dos contextos linguísticos, valores $[\pm ft]$ e $[\pm del]$. Deste modo, em (124c), (125 b) e (126 b), estabelece-se uma relação de causa-efeito entre duas situações, representando cada uma delas uma classe de ocorrências, que se repetem um número indeterminado de vezes (iteratividade);
- (iv) em contextos de uso de *quando* atemporal, as preposições *a* e *até* (*a*) podem ocorrer apenas com alguns VVD (*ir*), sendo impossíveis combinadas com VVMM. De qualquer das formas, também nestes casos a interpretação dos enunciados será iterativa.

Os quadros seguintes permitem sistematizar o conjunto de compatibilidades/incompatibilidades observado e ainda as propriedades associadas às situações e às trajetórias:

(133)

Contexto	VV movimento	Preposição	Situação		Trajetória [$\pm del$]
			[$\pm télica$]	[$\pm ft$]	
<i>quando</i> temporal (IMP)	<i>sair</i> (IMP) ¹³¹	a	+	+	+
		*até (a)			
		para	+	+	+
	<i>ir</i> (IMP)	*a			
		*até (a)			
		para	+	-	-
	<i>caminhar</i> (IMP)	*a			
		*até (a)			
		para	+	-	-

¹³¹ C₀ instanciado por N coletivo.

(134)

Contexto	VV movimento	Preposição	Situação		Trajetória [±del]
			[±télico]	[±ft]	
<i>quando</i> atemporal (IMP)	<i>sair</i> (IMP) ¹³²	*a			
		*até (a)			
		para ¹³³	+	+	+
	<i>ir</i> (IMP)	a	+	+	+
		até (a)	+	+	+
		para	+	+	+
	<i>caminhar</i> (IMP)	*a			
		*até (a)			
		*para			
	<i>correr</i> (IMP)	*a			
		*até (a)			
		para	+	+	+

No que respeita à representação do evento de movimento e aos valores aspetuais-temporais associados às situações, a inclusão da construção VVD/VVMM+SP direcional na oração subordinada temporal não produz efeitos de sentido diferentes dos observados a propósito dos exemplos acima analisados. Assim, e como podemos verificar, os exemplos em (135 a,c), (136 a-c) e (137 b) prestam-se à mesma interpretação, respetivamente, que os congéneres nos quais a construção VD/VVMM+SP direcional ocorria na oração principal, em (123 a,c), (124 a-c) e (125 b):

- (135) a. Quando a manifestação saía *à* rua, a Maria telefonava ao Luís.
b. ??Quando a manifestação saía *até* à rua, a Maria telefonava ao Luís.
c. Quando a manifestação saía *para* rua, a Maria telefonava ao Luís.
- (136) a. Quando o Luís ia *à* escola, a DT telefonava ao EE.
b. Quando o Luís ia *até* à escola, a DT telefonava ao EE.

¹³² C₀ instanciado por NN próprios e nomes comuns.

¹³³ Em coocorrência com NN próprios ou comuns, são possíveis duas leituras: a iterativa e a coextensional. Ou seja, nestes contextos, podemos ter as duas interpretações de *quando* (temporal e atemporal).

c. Quando o Luís ia *para* a escola, a DT telefonava ao EE.

(137) a. ??Quando o Luís caminhava *até à* escola, a DT telefonava ao EE.

b. Quando o Luís caminhava *para* a escola, a DT telefonava ao EE.

Em (135 a,c), é possível observar a construção de um valor de coextensionalidade entre as situações representadas pela oração temporal e pela oração principal. Neste contexto, *quando* tem, como vimos, um valor temporal. À semelhança do que observáramos em (128 c) e (129 c), a instanciação de C₀ por nomes próprios (ou nomes comuns) impõe restrições à ocorrência das preposições *a* e *até (a)* no SP direcional. A única possibilidade, neste caso, restringe-se à combinatória com a preposição *para*:

(138) a. Quando a Maria telefonava, o Luís saía **à* rua.

b. Quando a Maria telefonava, o Luís saía **até à* rua.

c. Quando a Maria telefonava, o Luís saía *para* a rua.

Como vimos acima, defende-se a existência de duas interpretações em enunciados do tipo (138 c). Numa das leituras, *quando* tem valor atemporal e as situações constituem acontecimentos múltiplos. Nesta leitura, cada ocorrência da classe associada por construção à relação predicativa <Maria () telefonar> tem como efeito uma ocorrência da classe <Luís sair <para rua>>. Na segunda aceção, *quando* tem interpretação temporal e as situações representadas são coextensionais.

Em (136 a-c), é construído um valor iterativo das ocorrências constitutivas das classes associadas a cada situação. Entre as ocorrências das classes, constrói-se uma relação de causa-efeito. Cada «ida do Luís à/até(a)/para a escola» origina «um telefonema da DT ao EE». Relativamente aos exemplos congêneres, em (124 a-c), a única diferença diz respeito aos termos que constituem a causa e o efeito. Por fim, em (137 b), vamos reencontrar o mesmo valor de coextensionalidade das situações representadas na oração temporal e na oração principal.

Face ao exposto, é possível sumariar as seguintes conclusões:

- (i) os exemplos analisados não permitem uma generalização em função do tipo de verbo de movimento/aspecto lexical (*Aktionsart*). Assume-se o tratamento das transições de uma categoria para outra em termos funcionais;

- (ii) nos contextos estudados, a preposição selecionada não produz efeitos em termos de transição aspetual. De facto, quer a preposição *a*, quer a preposição *para* podem ocorrer em sequências em que a eventualidade culminação é convertida em estado;
- (iii) os contextos de combinatória do imperfeito com as construções VVD/VVMM+SP direcional fornecem dados empíricos importantes, no que respeita à perspectiva teórica e metodológica a adotar face ao estudo das preposições. Assim, e apesar da preferência dos falantes pela preposição *para*, verificámos que independentemente da preposição selecionada, é possível construir argumentos de Trajetória [+del] ou [-del] e situações [+ft] ou [-ft]. Este facto parece favorecer a análise da telicidade, da [\pm ft] e das Trajetórias como propriedades das construções – das descrições de eventualidades – e não como propriedades inerentes das preposições;
- (iv) neste sentido, e embora sabendo que os SP direcionais introduzidos pelas preposições *a*, *até* e *para* podem representar o último ponto de uma Trajetória, foi possível demonstrar que, em contextos de subordinação temporal, o imperfeito pode bloquear a realização efetiva desse último ponto.

4.2.5.3. Tempos Compostos

Para concluir a análise dos efeitos de sentido resultantes da combinatória das construções VVD/VVMM+SP direcional com os tempos gramaticais, iremos observar nesta secção o que sucede nos casos em que comparecem o pretérito perfeito composto¹³⁴ e o pretérito mais-que-perfeito composto.

Começando pelo primeiro, siga a proposta de Campos [1984] (1997), assumindo que o PPC marca a duratividade ou iteratividade de uma situação cujo início ocorre num tempo T_2 anterior a T_0 e se prolonga até T_0 , estando em curso em T_0 .

De acordo com Mateus *et alii* (2003: 159-160), a iteratividade está sujeita a restrições, ocorrendo apenas nas formas do indicativo. Ainda de acordo com estes autores, apenas os predicados eventivos¹³⁵ que apresentem culminação podem representar o valor de iteratividade sem ser necessário o recurso a expressões

¹³⁴ Doravante PPC.

¹³⁵ Em Campos[1984] (1997: 31), este tipo de predicados são classificados como “verbos transitórios”.

quantificacionais. No caso dos processos, pelo contrário, não é possível a marcação do valor de iteratividade sem o recurso a marcadores suplementares.

Observemos pois os exemplos seguintes para ilustrar os valores associados às construções em estudo, nos casos em que comparece o PPC:

- (139) a. O Luís tem saído *à praia (todos os dias).
b. O Luís tem saído *até à* praia (todos os dias).
c. O Luís tem saído *para* a praia (todos os dias).
- (140) a. O Luís tem ido *ao* Porto (todas as semanas).
b. O Luís tem ido *até ao* Porto (todas as semanas).
c. O Luís tem ido ?*para* o Porto (todas as semanas).
- (141) a. O Luís tem caminhado *até à* praia (todos os dias).
b. O Luís tem caminhado *para* a praia (todos os dias).
- (142) a. O Luís tem vagueado *até à* escola (todos os dias).
b. *O Luís tem vagueado *para* a escola (todos os dias).

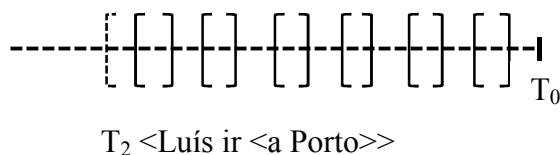
Os exemplos acima permitem confirmar os seguintes factos:

- (i) o valor iterativo está representado em todas as sequências bem formadas – (139 b,c), (140 a-c), (141 a,b) e (142 a);
- (ii) nesses casos, a iteratividade não carece do apoio de expressões quantificacionais como *todos os dias* e *todas as semanas*;
- (iii) a dispensa de expressões quantificacionais para garantir a leitura de iteratividade não constitui uma surpresa no que respeita nem aos VVD, dado que estes predicados incluem o ponto de culminação do núcleo aspetual – (139 b,c) e (140 a-c);
- (iv) a surpresa não existe também no caso dos VVMM, dado que a combinatória com um SP direcional cujo núcleo é preenchido pelas preposições *a*, *até* ou *para* assegura a comutação de um processo em processo culminado – (141 a,b) e (142 a).

Nestes casos, o valor iterativo pode ser representado como um intervalo delimitado à esquerda e aberto à direita. Este intervalo semiaberto inclui uma sucessão

de intervalos fechados que têm início em T_2 , prolongando-se até T_0 e estando em curso em T_0 . É o que podemos observar através do seguinte diagrama:

(143)



A agramaticalidade observada em (139 a) contrasta com a gramaticalidade de (144), o que poderá explicar-se, aparentemente, em função de propriedades associadas às expressões fixas.

(144) Os grevistas têm saído à rua (todos os dias).

Porém, se é verdade que a expressão *sair à rua* não admite manipulação dos marcadores de determinação nominal – **sair a uma rua* ou **sair às ruas* –, quer o predicador verbal, quer o N selecionado são passíveis de modificação. No caso do primeiro, verifica-se a compatibilidade com diferentes tempos verbais:

(145) Os grevistas saíram à rua.

(146) Os grevistas saem à rua amanhã.

(147) Os grevistas saíam à rua, quando começou a chover.

(148) Os grevistas têm saído à rua.

(149) Quando começou a chover, os grevistas já tinham saído à rua.

Como podemos constatar, o predicador verbal pode ser combinado, entre outros tempos, com o PPS – em (145) –, o presente do indicativo – em (146) –, o PI – em (147) –, o PPC – em (148) – e o pretérito mais-que-perfeito composto – em (149).

No que respeita à seleção do N que irá representar o termo Y (o Fundo), em relação ao qual X (*os grevistas* – a Figura) irá situar-se, as possibilidades são várias.

(150) sair à rua/a terreiro/à praça

De acordo com a hipótese que sustentarei na secção seguinte deste trabalho, o jogo de possibilidades/impossibilidades observadas explicar-se-á em função das

propriedades topológicas convocadas pela construção *sair+a+SN* e do tipo de Trajetória especificado pelo N que ocorre à direita da preposição.

Nas sequências em (145) a (149), a «saída dos grevistas à rua» significa que estes «tornam público» o seu descontentamento. A Trajetória, no presente caso, caracteriza-se pela existência de dois pontos únicos: o primeiro e último. As restrições de coocorrência com outro tipo de nomes como *praia* em (139) explicar-se-ão na medida em que estes convocam Trajetórias que incluem pontos intermédios, para além do inicial e final. Em coocorrência com o predicado *sair*, marcador da transição de um limiar – passagem de um interior a um exterior –, a preposição *a* gera sequências agramaticais.

As dúvidas suscitadas pela sequência (140c) podem explicar-se igualmente em função das propriedades topológicas associadas à construção *ir+para+SN*, cuja explicação técnica remeto para a secção seguinte deste trabalho, à semelhança do caso anterior. É possível, no entanto, adiantar que as dúvidas quanto à aceitabilidade do exemplo parecem residir na incompatibilidade entre o valor de iteratividade – repetição de um conjunto indeterminado de ocorrências de <Luís ir <para Porto>> – e a expectativa de permanência nessa localidade representada pela combinatória *ir+para*.

O exemplo (140 c) suscita algumas dúvidas aos informantes consultados. Porém, em coocorrência com um adverbial durativo – *o Luís tem ido para o Porto durante dois dias todas as semanas* – as dúvidas quanto à aceitabilidade do exemplo parecem desaparecer.

Concluída a descrição dos dados relativos ao PPC, passemos seguidamente à análise da combinatória das construções VVD/VVMM+SP direcional com o pretérito mais-que-perfeito composto.

O pretérito mais-que-perfeito composto é descrito como um tempo cuja localização no passado carece de um outro tempo de referência – o Ponto de Perspetiva Temporal, também situado no passado (cf. Mateus et alii 2003: 161). Este tempo de referência pode ser expresso através de uma frase complexa ou através do texto. Na medida em que surge associado a um estado resultante ou consequente¹³⁶ – mais

¹³⁶ Embora a descrição em Mateus et alii (2003) contenha exemplos que incluem o marcador *já* entre parêntesis, permitindo inferir que este não é necessário para a construção do estado resultante, não deixa de ser evidente que a ocorrência do marcador destaca o efeito de transposição de um limiar semântico.

plausível na representação de situações em que há culminação –, considera-se que marca o valor de perfeitividade (id., ibid., 162).

Tendo em vista a descrição dos efeitos da combinatória VD/VVMM+SP direcional, observemos os dados:

- (151) a. *Quando a Maria chegou a casa, o Luís já tinha saído *à* praia.
b. Quando a Maria chegou a casa, o Luís (já) tinha saído *até* à praia.
c. Quando a Maria chegou a casa, o Luís (já) tinha saído *para* a praia.
- (152) Quando a Maria chegou a casa, os grevistas (já) tinham *sai*do à rua.
- (153) a. A Maria disse-me que o Luís tinha ido *ao* Porto.
b. A Maria disse-me que o Luís tinha ido *até* ao Porto.
c. A Maria disse-me que o Luís tinha ido *para* o Porto.
- (154) a. * A Maria disse-me que o Luís tinha nadado *ao* pontão.
b. A Maria disse-me que o Luís tinha nadado *até* ao pontão.
c. A Maria disse-me que o Luís tinha nadado *para* o pontão.
- (155) a. ?A Maria disse que o Luís tinha vagueado *até* à praia.
b. *A Maria disse que o Luís tinha vagueado *para* praia.

Em (151) e (152), podemos observar um contraste semelhante ao que se verificara nos casos em que o predicado *sair* ocorria combinado com o PPC. Ou seja, os nomes que preenchem o núcleo do SN à direita da preposição impõem restrições à coocorrência com a preposição *a*, o que não sucede com as preposições *até* (*a*) e *para*. Considero que também neste caso a explicação para essa impossibilidade de coocorrência reside nas propriedades topológicas associadas por construção a *sair+a+SN*, as quais serão objeto de análise na secção seguinte do presente trabalho.

Como sustentei acima, a construção *sair+a+SN* permite representar apenas um tipo de Trajetória particular, constituída pelo ponto inicial e final. Contudo, apenas um grupo restrito de NN é compatível este tipo de Trajetória, o que explica a agramaticalidade de (151 a), em contraste com a boa formação de (152).

Em (152), temos culminações, quer na oração temporal, quer na oração principal. A culminação *chegar a casa* ocorre num intervalo de tempo subsequente a *sair (de casa)*. O tempo da oração principal tem valor de anterioridade em relação ao da

oração temporal, o qual é constituído como localizador da situação representada pelo pretérito mais-que-perfeito composto.

Sabendo que os SP direcionais *até à praia* e *para a praia*, nas sequências (151 b,c), denotam Trajetórias com “espessura”, isto é, constituídas por um ponto inicial e final¹³⁷ e por um número indeterminado de pontos intermédios, poderíamos ser levados a assumir que nas orações principais estão representadas eventualidades do tipo processo culminado. Os dados empíricos parecem, no entanto, contrariar essa assunção.

(156) a. A Maria disse que o Luís tinha saído *até à praia* *em 15 minutos/*durante 15 minutos.

b. A Maria disse que o Luís tinha saído *para a praia* em 15 minutos/*durante 15 minutos.

(157) A Maria disse que os grevistas tinham saído *à rua* em 15 m/durante 15 minutos.

Como vimos a propósito do estudo dos VD do tipo culminação, a combinatória das construções VVD+SP direcional com os advérbios **em Q N de T** e **durante Q N de T** está sujeita a certas restrições. Assim, pode verificar-se um de dois casos:

- (i) ou essa combinatória dá origem a sequências mal formadas, como sucede em (156 a), cuja frase *o Luís tinha saído até à praia* é incompatível com ambas as expressões (*em 15 minutos* e *durante 15 minutos*), e em (156 b) – incompatibilidade apenas com a expressão **durante Q N de T**;
- (ii) ou, caso as sequências sejam gramaticais, os advérbios ocorrem com valor exclusivamente temporal, delimitando intervalos de tempo anteriores – coocorrência com os advérbios **em Q N de T** – ou posteriores à situação representada pela predicação – coocorrência com os advérbios **durante Q N de T**. Em (156b), o advérbio **em Q N de T** marca a delimitação de um intervalo de tempo com valor de anterioridade em relação à *saída do Luís para a praia*.

Em (157), ambos os casos descritos em (ii) são possíveis, sendo construído um valor de anterioridade através da combinatória com o advérbio **em Q N de T** – representação do intervalo de tempo que os grevistas levaram a preparar a sua saída –

¹³⁷ Como vimos acima, nos casos em que é selecionada a preposição *para*, este ponto último da Trajetória será marcado pela propriedade [\pm del].

ou um valor de posterioridade pelo recurso ao adverbial **durante Q N de T** – delimitação do intervalo de tempo identificado com estado resultante subsequente à saída dos grevistas.

Por conseguinte, nos casos em estudo, os adverbiais **em Q N de T** e **durante Q N de T** nunca delimitam a situação representada pelas relações predicativas <Luís sair < até/para rua> ou <grevista sair <a rua>, o que corresponde ao funcionamento típico dos VVD culminação. Contrariamente a estes VD, em coocorrência com os VVD do tipo processo culminado (*ir*), os adverbiais **em Q N de T** delimitam a situação representada na oração principal. À semelhança do que sucede com os VVD culminação, os adverbiais **durante Q N de T**, quando combinados com VVD do tipo processo culminado, delimitam um intervalo de tempo posterior a T₂.

É o que podemos comprovar com exemplos abaixo:

- (158) a. A Maria disse que o Luís tinha ido *à* praia em 15 minutos/durante 15 minutos.
b. A Maria disse que o Luís tinha ido *até à* praia em 15 minutos/durante 15 minutos.
c. A Maria disse que o Luís tinha ido *para* a praia em 15 minutos/durante 15 minutos.

Face ao exposto, seremos levados a concluir que as predicções subjacentes às orações principais em (151 b,c) se comportam como culminações. Esta classificação é, no entanto, incompatível com o tipo de Trajetória marcado pelos SP direcionais *até à praia* e *para a praia*, uma vez que estes associam ao evento duratividade e telicidade, combinando as três fases principais do Núcleo Aspetual – processo preparatório, culminação e estado resultante.

Para resolver esta aparente contradição sustento a seguinte hipótese:

- (i) em (151 b,c), o SP direcional tem o estatuto de modificador e não de complemento do verbo como sucede em (153);
(ii) consequentemente, a preposição caracteriza-se pela exterioridade máxima em relação ao V (cf. Paillard 2002).

Deste modo, resolve-se a aparente contradição, na medida em que na oração principal é representada uma eventualidade do tipo culminação – *a saída do Luís*. O SP

direcional permite explicitar apenas o estado resultante do evento *a saída do Luís*.¹³⁸ Por conseguinte, na oração principal são representadas duas Trajetórias: a primeira é-o implicitamente através das propriedades do predicado *sair* – passagem de um interior a um exterior (dois únicos pontos: o inicial e o final); a segunda corresponde aos pontos percorridos pela entidade móvel desde o ponto inicial do estado resultante até *chegar à praia* – em (151 b) e, eventualmente, em (151 c). A única diferença entre estes reside, como já foi referido, nas propriedades associadas à Trajetória: [+del] em (151 b) e [±del] em (151 c).

Em (153 a-c), o tipo de situação expresso nas frases completivas corresponde a um processo culminado. As manipulações em (158 a-c) ilustram o comportamento dos VVD do tipo processo culminado em combinatória com os SP direcionais, como já havia sido descrito na secção 4.1.1.. De facto, verifica-se a compatibilidade das construções com os adverbiais **em Q N de T** e **durante Q N de T**. No entanto, apenas no primeiro caso é delimitado o intervalo de tempo associado a T₂. Com os adverbiais **durante Q N de T**, a situação delimitada é posterior a T₂, correspondendo ao intervalo de tempo subsequente à culminação (estado resultante).

4.3. Limites da proposta explicativa

O estudo das construções de tipo *directed motion* permitiu demonstrar que (a)telicidade e [±ft] são propriedades das construções. No que respeita às propriedades [±del] das Trajetórias, foi também possível concluir que estas não são marcadas por um único argumento sintático – neste caso o SP direcional – estando, pelo contrário, dependentes da totalidade da construção.

No que respeita aos efeitos produzidos pelas preposições em termos de transicionalidade aspetual, apenas a combinatória com os VVMM permitiu evidenciar diferenças entre a preposição *até* e a preposição *para*. Nos restantes casos, a comutação no interior da rede aspetual, resulta da coocorrência com outros marcadores suplementares como seja, por exemplo, o caso dos tempos verbais.

Deste modo, e embora possamos considerar que os SP direcionais têm impacto aspetual, o contributo dos contextos estudados para descrição dos valores das preposições *a*, *até* e *para* não pode considerar-se tão produtivo como à partida seria

¹³⁸ No caso em análise, X identifica-se com a totalidade da relação predicativa <Luís, sair, (>).

espectável. De facto, e embora estas preposições, nos contextos em estudo, pareçam estar associadas à representação de valores espaciais de direccionalidade ou orientação, relacionando-se com Trajetórias e com a delimitação das fronteiras destas, não é possível determinar que operações marcam e de que modo estas convergem para a interpretação dos enunciados.

Face ao exposto, poder-se-á concluir que não é suficiente para o estudo da semântica das preposições – ditas espaciais, direccionais ou projetivas – considerar a sua ocorrência em construções associadas a eventos de movimento. Embora estas participem na atribuição das propriedades de telicidade e de $[\pm ft]$ às Situações denotadas pelos enunciados, assim como na delimitação das Trajetórias, assume-se que esses valores resultam da construção em que as preposições ocorrem. Além disso, como essas propriedades só são sensíveis às preposições em alguns casos – na coocorrência com VVMM, por exemplo –, podem ser suscitadas duas hipóteses:

- (i) ou as preposições são vazias semanticamente¹³⁹;
- (ii) ou, não sendo esse o caso, importa encontrar um caminho alternativo que complemente a descrição levada a cabo no presente capítulo.

É justamente esta via que procurarei explorar no capítulo 5.

No que respeita à primeira hipótese, considero que a exploração deste caminho não traz quaisquer vantagens do ponto de vista descritivo. Este ponto de vista pode ser defendido recorrendo a dois argumentos importantes. Por um lado, mesmo quando as preposições são consideradas plenas, devido à marcação de valores espaciais (orientação, direccionalidade, delimitação de um último ponto da Trajetória), foi possível demonstrar no capítulo 4. que estas, em coocorrência com outros marcadores, convergem para a marcação de valores temporais e aspetuais. Por outro lado, e tendo em conta o estatuto relacional das preposições, considera-se que os valores marcados por estas são suscitados ou ativados através da relação X R Y. Neste sentido a identidade de um termo não é dada de uma vez por todas, mas construída através de localizações em relação a outros termos.

¹³⁹ Cf. discussão apresentada no capítulo 2.4..

5. Preposições de tipo divisão

5.1. O conceito de topologia

Diferentes autores (Bennet 1975, Pottier 1992, Desclés *et alii* 2001, e. o.) têm reconhecido a necessidade de uma análise topológica para estudar a representação do espaço nas línguas naturais.

Porém, e como ressaltam Desclés *et alii* (2001), a assunção do conceito de topologia usado pela matemática¹⁴⁰ não permite tratar os fenômenos linguísticos de forma adequada. Para comprovar os limites da aceção subjacente à análise levada a cabo pela matemática, estes autores referem, por um lado, o facto de, nas línguas naturais, a noção de fronteira não corresponder necessariamente a um ponto ou limite. Por outro lado, sustentam que, do ponto de vista cognitivo, a representação do espaço não pode ser reduzida a valores estritamente espaciais. Deste modo, na representação do espaço, as línguas naturais recorrem a representações abstratas, que podem revestir-se de valores espaciais, mas também temporais ou nocionais.

A identificação dos limites associados ao conceito de topologia, quando os pressupostos de uma disciplina como a geometria são transpostos para as línguas naturais, permite recentrar o debate no âmbito da problemática da construção de ocorrências linguísticas (e metalinguísticas) e não de ocorrências fenomenais (Culioli [1981] 1990).

Definir-se-á a categoria nocional ou noção como “um sistema complexo de representações, construído a partir de *domínios* munidos de uma topologia” (Culioli [1978a] 1990: 139). Deste modo, o domínio nocional – notação (p, p') – corresponde ao domínio de ocorrências de uma noção.

O domínio nocional de uma noção de tipo α comporta uma topologia. Assim, partindo de uma noção P , é possível construir a classe de ocorrências $p_1, p_2, \dots, p_i, \dots$. Toda a ocorrência p_i de P tem uma vizinhança. A classe é definida como um aberto: não existe nenhuma ocorrência p_i ou p_j sobre a qual possamos dizer que é a primeira ou a

¹⁴⁰ Para a geometria, a topologia consiste no estudo das propriedades qualitativas e das posições relativas dos objetos geométricos, que não sejam alteradas por uma deformação contínua (Bouscaren & Chuquet 1987: 134).

última da classe (Culioli [1978a] 1990: 140). Sendo diferentes, as ocorrências p_i e p_j são rigorosamente identificáveis no que respeita à propriedade definitória da noção.

O espaço topológico assim definido corresponde ao interior (I) do domínio de ocorrências de /P/.

O domínio nocional (p, p') comporta ainda um outro espaço, o exterior (E). Nesta zona, situam-se as ocorrências «não-P», «diferente de P» (Culioli [1981] 1990: 61-62). /P' / é o complementar linguístico de /P/.

Exemplificando, considere-se uma noção como por exemplo /livro/. A partir dessa noção, podemos construir diferentes ocorrências:

(1) Isto é um livro.

(2) Isto não é um livro, é um caderno.

Em (1), a ocorrência de /livro/ é localizada em I. Em (2), a ocorrência é localizada em E.

Em I, localiza-se um ponto que será definido, provisoriamente, como o centro. Partindo desse ponto e em direção a E, irão localizar-se as ocorrências cujas propriedades se vão afastando progressivamente das propriedades identificadas com o centro. Chama-se gradiente à escala não métrica, na qual se situam as ocorrências cada vez menos identificadas com o centro (Culioli [1981] 1990: 61; 1995: 53-54, entre outros).

A noção de gradiente permite introduzir uma outra: a de fronteira (F).¹⁴¹ A fronteira compreende as ocorrências que, simultaneamente, possuem propriedades identificadas com o centro (I) e com E (Culioli [1986b] 1990: 88). Assim, por exemplo em:

(3) Isto não é bem o que eu chamo um livro.

a ocorrência de /livro/ situar-se-á em F.

¹⁴¹ Nos capítulos 3. e 4., recorri ao conceito de $[\pm ft]$, na sequência de Depraetere (1995), assumindo que a referência a fronteiras espaciais é determinante para a representação temporalmente (não)delimitada – (*un*)*bounded*, nos termos da autora – do evento de movimento. De acordo com esta proposta, apenas serão distinguidos dois valores: $[+ft]$ e $[-ft]$.

O conceito de F apreendido no âmbito dos estudos da TOPE permite a representação de valores intermédios, distinguindo-se desse ponto de vista da proposta de Depraetere (1995). Como veremos neste capítulo, esta assunção de base é crucial para a distinção dos valores marcados pelas preposições.

No interior do domínio, situam-se dois pontos abstratos: o centro organizador e o centro atrator. São identificadas em relação a esses pontos as ocorrências que correspondem, respetivamente, à expressão do valor tipo (contém todas as propriedades definitórias da noção) e do valor de alto-grau (valor de excelência) (Culioli & Franckel 1991: 9-11).

Observemos os seguintes exemplos:

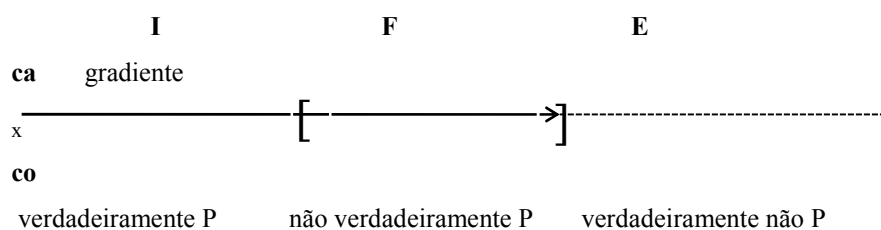
(4) Isto é um verdadeiro livro.

(5) Que rico livro!

No primeiro exemplo, o enunciador constrói – através do recurso ao adjetivo *verdadeiro* – uma ocorrência de /livro/ que contém todas as propriedades definitórias da noção (valor tipo). Em (5), a coocorrência da frase exclamativa e do adjetivo *rico* marca a construção do valor de alto-grau da noção – uma ocorrência «por excelência».

Por analogia com a noção de topologia, é possível representar o domínio nocional através do seguinte esquema¹⁴²:

(6)



Quando se trabalha com o conceito de fronteira, considera-se frequentemente a existência de dois valores: verdadeiro ou falso. Neste sentido, a fronteira é construída como tendo um valor nulo, correspondendo a uma disjunção entre p e p'. Culioli (1995: 66) recorre à metáfora do interruptor elétrico para ilustrar as propriedades da fronteira com valor nulo. Deste modo, é possível considerar apenas dois valores: o interruptor ou está ligado ou desligado. A mudança de um estado a outro faz-se através de um movimento que representa um “salto”.

¹⁴² Adaptação da representação proposta por Culioli [1983] 1990: 71. As notações **ca** e **co** correspondem, respetivamente, às abreviaturas de centro atrator e centro organizador.

No diagrama acima representado, o trabalho de enunciação irá incidir sobre a construção de valores intermédios. Partindo de P, associado ao valor típico, constrói-se o gradiente. À medida que se afasta do centro, as ocorrências diferenciam-se cada vez mais do valor tipo, até atingirem um último ponto imaginário em que ocorre a saída para o exterior.

Recorro uma vez mais a um exemplo de Culioli (1995: 66-67). A utilização da noção /cru/ pode significar que a carne está verdadeiramente crua ou que ainda não está cozida. À medida que o tempo de cozedura avança, posso afirmar que a carne deixa de estar crua e vai ficando progressivamente cozida. Este ponto identifica-se com a zona F do domínio: construção de valores alternativos «não verdadeiramente P». Chegará um instante em que posso afirmar que a carne «já não está crua, está cozida». A transposição deste último ponto imaginário permite situar a ocorrência em E: a carne está «verdadeiramente não crua».¹⁴³

Uma vez que o gradiente pode estar orientado para o exterior ou para o interior, a construção de valores intermédios pode fazer-se numa direção ou noutra.

5.2. Divisão e discernimento

Como podemos verificar em Lebaud (1997) e em de Vogüé & Paillard (1997), as ocorrências estabelecem uma relação mais ou menos estabilizada com a noção. Deste modo, na construção de ocorrências, é possível estabelecer dois modos diferentes de relação com a noção:

- (i) as ocorrências instanciam a noção em certa medida, tomando como localizador o atrator;
- (ii) as ocorrências são constituídas como exemplares da noção, identificando-se com o centro organizador (=valor tipo).

Consoante o localizador selecionado, assim teremos a **divisão** – o termo localizador é o atrator – ou o **discernimento** – o termo localizador é o tipo.

Como sustentam de Vogüé & Paillard (1997: 12), no que respeita às preposições, a divisão caracteriza-se pela associação do termo Y a um domínio, no qual distingue uma determinada zona:

¹⁴³ O problema da negação é aqui tratado de modo algo linear para efeito de manipulação das ocorrências, considerando-se unicamente ou a passagem de uma fronteira ou a inversão da orientação do gradiente.

“zoner ça veut dire que, le repérage qui se met en place entre X et Y, va consister, lorsqu’il y a repérage de type division, à introduire un zonage sur Y et à cadrer en quelque sorte X dans la zone qui est distinguée par le fonctionnement de la préposition.”

Para Franckel & Paillard (2007:8), e embora a divisão pareça dizer respeito unicamente a valores espaciais (e, eventualmente, temporais), a noção de zona aqui assumida constitui a atualização de configurações nocionais.

Em francês, encontraremos as seguintes preposições de tipo divisão: *entre, sur, sous, dans, avant, après* (*id., ibid.*, p. 7).

No que respeita ao discernimento, sustenta-se que este permite constituir uma classe de termos localizáveis (de Vogüé & Paillard 1997: 12). A preposição introduz o tipo, permitindo caracterizar X (e não situar este termo):

“Une autre type de prépositions consisterait à dire que je vais utiliser Y pour dire quelque chose de X, c’est-à-dire que je vais avoir une logique du discernement.”

Para Franckel & Paillard (2007: 8), o discernimento «signifie que Y attribue des propriétés non définitoires au terme X mis en relation à Y par la préposition». Deste modo, e na medida em que Y atribui propriedades não definitórias a X, dir-se-á que Y categoriza X.

No que respeita à preposições de tipo discernimento em francês, estes autores (*ibid.*, p.7) distinguem as seguintes: *pour, par, contre, en, avec, parmi*.

Nos estudos de Lebaud (1997) e de Vogüé & Paillard (1997) o discernimento e a divisão são associados a dois tipos de localização distintos: a construção e a especificação. Nos trabalhos posteriores de Paillard (2002) e de Franckel & Paillard (2007), as correlações entre a operação de construção e o discernimento, por um lado, e a operação de especificação e a divisão, por outro lado, são abandonadas ou omitidas, por razões que não são explicitadas pelos autores.

De seguida, procederei à descrição dos conceitos de construção e de especificação.¹⁴⁴ Após a apresentação teórica destes conceitos, irei ilustrar o discernimento através do recurso a exemplos com a preposição *com*. A ilustração dos casos de preposições de divisão ficará para a secção 5.2.1. do presente trabalho.

¹⁴⁴ Recorro, para o efeito, à descrição apresentada em Costa (1997).

De acordo com Franckel & Lebaud (1990) e Paillard (1992), o conceito de localização está associado a dois tipos de relação: a construção e a especificação. Na construção das ocorrências, estes dois tipos de delimitação irão articular-se de forma variável.

Começando pela descrição da operação de **construção** ou localização situacional, direi que esta consiste na delimitação no e/ou pelo tempo e espaço de uma noção. Deste modo, a construção de um termo é operada através da localização em relação ao parâmetro enunciativo T.

O enunciado seguinte permite exemplificar a operação de construção:

(7) Sobre a mesa, há um livro.

Em (7), predica-se a existência da propriedade <() ser livro> a partir do termo localizador *y* (*mesa*), apresentado como pré-construído, isto é, como construído independentemente da presente relação. Por conseguinte, verifica-se a introdução de um termo num espaço previamente construído.

O exemplo apresentado permite ilustrar duas características importantes associadas à construção (Paillard 1992): a ordem localizador/ localizado (\exists); e a existência de uma forte dependência do termo localizado em relação ao termo localizador.

Porém, o termo construtor (localizador) nada acrescenta sobre a natureza do termo construído (localizado). Deste modo, o termo localizado mantém uma certa indeterminação. Sabe-se apenas que se trata de «um livro entre outros», não havendo qualificação.

O tipo de delimitação da noção a que corresponde a construção pode ser glosado por expressões como «uma unidade de» ou «um exemplar de». A construção de um termo está pois estritamente ligada à quantificação (Qnt).

Segundo Franckel e Lebaud (1990: 213), a construção tem subjacente uma **relação de heterogeneidade**.

A operação de **especificação** – também designada de delimitação ou diferenciação qualitativa (Qlt) – permite distinguir *x* do que é qualitativamente «outro que *x*». Pelo recurso a esta operação, especifica-se a posição de um termo num espaço previamente construído. A delimitação qualitativa assenta em relações de

complementaridade nocional, supondo a pertença de ocorrências diferenciadas a uma mesma classe.

Recorrendo à operação de especificação, o enunciador procede a uma avaliação, ou seja, a um escalonamento qualitativo. Deste modo, a operação de especificação é construída necessariamente em relação a um localizador subjetivo, o parâmetro enunciativo S. À especificação associa-se a ordem localizado/ localizador ($\underline{\epsilon}$).

No exemplo:

(8) O livro está sobre a mesa.

o termo localizador ($x = mesa$) participa numa relação com um termo previamente construído ($y = livro$). Por conseguinte, o termo localizado é construído independentemente da relação estabelecida com *mesa*. Esta relação pode ser glosada por «x tem a ver com y».

De referir ainda que a operação de especificação pode ser interpretada como uma **identificação** (x é da mesma ordem de y), como uma **diferenciação** (x é outro que y) ou como uma **rutura** (x não tem nada a ver com y).

Para Franckel e Lebaud (1990: 210), na construção da operação de especificação, as ocorrências são situadas numa relação de **alteridade qualitativa**.

O estudo da preposição *com* permite desafiar alguns dos pressupostos teóricos que têm vindo a ser apresentados. Efetivamente, e como será possível verificar, a preposição *com* parece comportar-se preferencialmente¹⁴⁵ como uma preposição de tipo discernimento. Contudo, defenderei a hipótese de que esta preposição marca uma delimitação qualitativa, estando associada à operação de especificação.

Tradicionalmente, a preposição *com* é associada aos seguintes valores, funções semânticas e casos (cf., e. o., Cadiot 1997 e Mateus *et alii* 2003):

- (i) **simetria e reciprocidade** – em coocorrência com verbos simétricos (*casar-se, parecer-se*) e semi-simétricos (*morar, viver, ir*);
- (ii) **instrumental**;

¹⁴⁵ De Vogüé & Paillard (1997: 14) admitem a possibilidade de uma preposição – o caso de *à*, por exemplo – poder pertencer simultaneamente aos dois tipos: discernimento e divisão.

(iii) **comitativo**¹⁴⁶;

(iv) **maneira**;

(v) **causa**.

Os exemplos seguintes ilustram, respetivamente, os seis casos identificados:

(9) O Luís casou-se *com* a Maria / a Maria casou-se *com* o Luís.

(10) O Luís abriu a porta *com* a chave.

(11) O Luís deu um passeio *com* a Maria.

(12) O Luís agiu *com* prudência.

(13) *Com* o temporal, as aulas não puderam começar.¹⁴⁷

Embora não seja esse o objeto de estudo no presente trabalho, importa referir que a complexidade e heterogeneidade dos fatores que fundam a diversidade dos valores da unidade linguística *com* é grande. Assim, e para mencionar apenas alguns aspetos, do ponto de vista sintático, é possível observar a ocorrência da preposição em SP com estatuto argumental e não-argumental. Ainda no que respeita à sintaxe, pode combinar-se com VVD – *entrar (em casa) com a Maria; entrar (em casa) com medo; sair (para a rua) com a Maria; sair com receio* – e VVMM – *correr com a Maria; correr com prazer* – ou com verbos copulativos – *ficar com frio; ficar com o livro; estar com frio; estar com o Marcelo; (a reunião de trabalho) ser com o primeiro-ministro*. Do ponto de vista dos valores aspetuais, verifica-se a ocorrência dos SP introduzidos pela preposição *com* como culminações, como processos ou ainda como estados.

Procurando sustentar a hipótese teórica de que a preposição *com* associa Y, uma propriedade contingente e, por conseguinte não definitiva, a X, marcando a construção da operação de especificação, observemos alguns exemplos:

(14) E Cavaco entrou *com* o pavilhão em delírio. (CETEMPúblico, Ext 777947
(nd, 96a))

¹⁴⁶ O valor comitativo da preposição *com* é definido em Mateus *et alii* (2003: 397) nos seguintes termos: “preposição que exprime companhia (comitativo); com este valor, esta preposição afeta a interpretação do predicado verbal, uma vez que as frases podem ser parafraseadas por coordenação e por construções que exprimem reciprocidade”. Em Cadiot (1997: 147), sustenta-se que o comitativo pode assumir dois valores diferentes: a adjunção – *café com leite* – e a inclusão – *preço com taxas alfandegárias*.

¹⁴⁷ Cf. Mateus *et alii* (2003: 398).

(15) No fim, saíram *com* algumas promessas e um «nim» para o subsídio.
(CETEMPúblico, Ext 231 (soc, 94b))

(16) O atleta correu *com* garra.

(17) O Luís ficou *com* frio.

Nos exemplos (14) a (16), defendo que é construída uma ocorrência de «entrada», «saída» e de «corrida». Estas ocorrências são constituídas como «um exemplar de» do domínio nocional complexo associado às relações predicativas <Cavaco entrar <em **b**>, <a sair <de **b**> e <atleta correr ()>. Cada uma das ocorrências identifica-se com o centro organizador/tipo desse domínio nocional complexo.

A preposição *com* associa uma propriedade diferencial – marcada pelos SN à direita da preposição *o pavilhão em delírio*, em (14), e *algumas promessas e um «nim»*, em (15) – ao termo X, identificado com a totalidade da relação predicativa de que *entrar* e *sair* são operadores.

Deste modo, através da relação marcada pela preposição, Y funcionará como termo localizador de X, associando a este último termo uma alteridade qualitativa. A operação marcada pela preposição *com* é, por conseguinte, a especificação.

Ao categorizar X, poder-se-á também dizer que a preposição *com*, em português, faz parte da classe das preposições do tipo discernimento, nada tendo a ver com a distinção de zonas no interior do domínio.

Em (17), defendo que a mudança de estado representada pelo enunciado decorre também da propriedade diferencial introduzida pelo SN (=Y) *frio*, à direita da preposição.

Apesar de o estudo empreendido sobre a preposição *com* poder configurar um alcance limitado, no que respeita à articulação entre variação e invariância¹⁴⁸, ele parece autorizar a defesa de uma hipótese importante.

¹⁴⁸ Deixo de fora, por exemplo, casos que parecem indiciar a possibilidade de tratamento da preposição *com* como marcador da operação de construção: *entrar com uma ação/um processo em tribunal*. Sustentar que, nestes exemplos, temos expressões fixas não passa de uma etiquetagem, com reduzido alcance explicativo. Por não possuir qualquer explicação para o fenómeno, deixo de parte, igualmente, alguns exemplos em que, com o mesmo verbo, parece existir uma alternância entre construções transitivas e construções preposicionais: *correr o diabo* vs. *correr com o diabo*. Finalmente, sublinhe-se a necessidade de identificar o termo X nas diversas construções em estudo. Excetuando o caso dos verbos copulativos, assumiu-se que X se identifica com o domínio complexo associado à relação predicativa de que verbos como *entrar*, *sair* e *correr* são operadores.

De facto, afigura-se problemático associar às preposições de tipo discernimento, enquanto propriedade invariante, a operação de construção. No caso da preposição *com*, é construída uma delimitação de natureza qualitativa, tendo por referência o parâmetro enunciativo S. Esta delimitação qualitativa corresponde à marcação de uma operação de especificação.

No que respeita ao presente trabalho, deixarei em aberto o estudo da possibilidade de uma mesma preposição pertencer simultaneamente ao tipo discernimento ou divisão ou ainda de marcar a construção ou a especificação.

5.2.1. As preposições *a*, *até* e *para* e a estruturação do domínio em zonas

Como vimos na secção 4. do presente trabalho, as sequências VVD+SP direcional representam situações télicas e delimitadas [+ fronteira temporal].

No que respeita às sequências VVMM+SP direcional foi possível verificar que o seu comportamento não é uniforme. Dependendo da preposição que preenche o núcleo do SP, assim poderemos ter situações télicas, delimitadas [+ fronteira temporal] ou não delimitadas [- fronteira temporal].

No primeiro caso, teremos situações que correspondem a culminações ou a processos culminados. No segundo caso, serão representados processos ou processos culminados.

Como foi possível observar, o funcionamento das duas combinatórias – VVD+SP e VVMM+SP – pode ser exemplificado pelos paradigmas seguintes:

(18)a. A Ana foi *ao* Porto.

b. A Ana foi *até* ao Porto.

c. A Ana foi *para* o Porto.

(19)a. A Ana caminhou * *à* praia.

b. A Ana caminhou *até* à praia .

c. A Ana caminhou *para* a praia.

Em (18), a todas as situações é associada uma fronteira nocional e espacial delimitada à direita, identificando-se com o último ponto da Trajetória. Esta fronteira afeta a fronteira temporal do evento de movimento, adquirindo a propriedade [+fronteira temporal]. Porque a situação é representada como tendo um último ponto potencial ou inerente, os exemplos (1 a-c) correspondem a situações télicas.

Porém, e embora os exemplos em (18) manifestem as mesmas propriedades, no que respeita à (a)telicidade e à [±fronteira temporal], e se comportem como processos culminados, a maioria dos falantes associa interpretações distintas aos três casos.

Assim, e no que respeita a (18a) e a (18c), as intuições dos falantes identificam um evidente contraste, assinalando, no último caso, a permanência de X (=a Ana) em Y (=o Porto) – daí a glosa «a Ana foi para ficar» – ao passo que, no primeiro caso, tal não sucede – sendo possível a glosa «a Ana foi ao Porto e voltou/mas não ficou lá».

Pelas razões evidenciadas, podemos observar os seguintes contrastes:

(20)a. A Ana vai *ao* Porto todas as semanas.

b. A Ana vai *para* o Porto ?todas as semanas.

(21)a. A Ana foi *ao* Porto, *mas voltou passados dois anos.

b. A Ana foi *para* o Porto, mas voltou passados dois anos.

O exemplo (18b) tem, do ponto de vista da interpretação, contornos singulares. Como é possível verificar, nos exemplos seguintes:

(22)a. No Verão passado, a Ana foi até ao Porto todas as semanas.

b. (Há uns anos atrás) a Ana foi até ao Porto, *mas voltou passados dois anos.

a preposição *até* (*a*) parece comportar-se da mesma forma que *a*, em (20a) e (21a). No entanto, e embora seja difícil explicá-lo utilizando critérios linguísticos, os falantes consideram, geralmente, que a utilização da sequência *até* (*a*)+SN visa assinalar a casualidade da deslocação ou a inexistência de um objetivo a cumprir n' *o* Porto. Os contrastes observados em (23) e (24), embora subtis, permitem colocar em evidência a diferença entre os valores associados às duas preposições – *a* e *até* (*a*):

(23)a. A Ana foi *ao* Porto, propositadamente, para tratar de assuntos burocráticos.

b. A Ana foi *até* *ao* Porto, ?propositadamente, para tratar de assuntos burocráticos.

(24)a. A Ana foi *ao* Porto, ?porque não tinha nada de mais interessante para fazer.

b. A Ana foi *até* *ao* Porto, porque não tinha nada de mais interessante para fazer.

Face ao exposto, e para que as diferentes intuições tenham consequências em termos de descrição linguística, importa determinar quais as operações associadas às preposições em estudo (*a*, *até* e *para*). Se excluirmos a operação de *percurso* marcada pela preposição *até*, única diferença aparente entre as três preposições, todas delimitam, como vimos, uma fronteira espacial à direita.

Recorrendo aos instrumentos teóricos disponibilizados até ao momento (cf. subcapítulo 4.), diremos que as preposições em estudo funcionam como marcadores da propriedade [+ fronteira temporal]. Porém, tais instrumentos não possibilitam uma explicação dos dados empíricos acima observados.

Contrariando a tese da dessemantização da preposição, defenderei a hipótese de que a natureza do último ponto associado à Trajetória é diferente nos três casos, ou seja, as determinações espaciais têm subjacentes determinações nocionais distintas, as quais desencadeiam as diferentes interpretações a que os falantes são sensíveis.

A respeito do exemplo em (19a), importa sublinhar que, como foi possível verificar através dos dados apresentados no capítulo 4. do presente trabalho, a combinatoria *VMM+a SN* origina sequências sistematicamente interpretadas como agramaticais. Por conseguinte, poder-se-á postular que a lexicalização de uma Trajetória indeterminada é incompatível com a passagem da fronteira do interior (Fi) e a localização da ocorrência de <caminhar, Ana, praia> em I (o interior do domínio complexo associado à relação predicativa), marcadas pela preposição *a*.

Contrariamente a (19a), os exemplos (19b) e (19c) são interpretados como bem formados. Tendo em conta o contraste observado, sustentar-se-á que as preposições *até* (*a*) e *para* permitem estabilizar as Trajetórias, delimitando assim as situações representadas.

Seguindo Campos (1997: 128-129), defenderei a hipótese de que a preposição *até* marca a operação de percurso com identificação de um último ponto.¹⁴⁹ Assim, em (19b), a preposição marca um percurso orientado para o interior do domínio associado à relação predicativa <caminhar, Ana, praia> de todos os pontos da Trajetória. Esta inicia-se no exterior (E) do domínio e caracteriza-se pela definição de uma fronteira

¹⁴⁹ Para o estudo da preposição *até* em Campos, veja-se ainda os trabalhos de [1984] (1997) e (2002). No que respeita aos textos em apreço, deve reconhecer-se a importância do contributo da autora para o estudo da preposição *até*, na medida em que lança os fundamentos teóricos e metodológicos para a construção de uma semântica das preposições.

com espessura: a Figura (a Ana) percorre todos os pontos da Trajetória, passando pela fronteira do exterior (Fe), pela fronteira do interior (Fi) e situando-se em I.

Deste modo, a Trajetória associada à situação é estabilizada através da operação de percurso marcada pela preposição, o que permite delimitar uma ocorrência da noção complexa <Ana, caminhar <até praia>>. É assim construída uma situação caracterizada pela propriedade [+fronteira temporal].

Em (19c), por sua vez, e de acordo com Costa (2004), defenderei que a preposição *para* marca uma operação de **mira**, associando à situação um último ponto potencial, o qual funciona como centro atrator do domínio.

A interpretação da sequência é, no entanto, marcada pela ambiguidade. Ao contrário do que sucede em (19b), a preposição *para* permite a construção de situações caracterizadas pela propriedade [±fronteira temporal], o que podemos comprovar pelos seguintes testes empíricos:

(25)a. A Ana caminhou *para* a praia, mas desistiu a meio.

b. A Ana caminhou *para* a praia. Quando lá chegou, deu um mergulho.

Como é possível verificar, em (25a), associamos à sequência as propriedades telicidade e [- fronteira temporal]. Em (25b), a sequência linguística continua a ser interpretada como tética, mas, ao contrário do exemplo que a precede, é caracterizada pela propriedade [+fronteira temporal].

De acordo com o exposto, assumirei as propostas de de Vogüé & Paillard (1999), Paillard (2001, 2002) e Franckel & Paillard (2007: 7-8)¹⁵⁰. Por conseguinte, defenderei que *a*, *até*, *para*, em português Europeu, se comportam como preposições do **tipo divisão**, permitindo associar uma ocorrência a determinada zona do domínio – I(nterior), E(xterior) e F(ronteira).

Na sequência de uma proposta sustentada por Costa (2004), argumento em favor das seguintes hipóteses:

¹⁵⁰ Os autores consideram a existência de dois tipos de preposição: (i) as preposições de tipo **divisão** (em francês, *division* ou *zonage*), pelas quais o termo Y é associado a um domínio estruturado em zonas (I, E e F). Através da relação X R(=P) Y, o termo X é associado a uma das zonas do domínio; (ii) as preposições de tipo **discernimento** (em francês, *discernement*), pelas quais Y atribui propriedades não definitórias a X, ou seja, Y categoriza X.

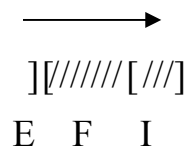
- (i) preposição *a* – marca a operação de passagem de F e localização da Figura – entidade sujeita à Trajetória – em I do domínio associado a Y;
- (ii) preposição *até* – marca o percurso de um intervalo de pontos (=intervalo de instantes – homomorfismo), com passagem da F do interior e localização da Figura no I do domínio associado a Y;
- (iii) preposição *para* – marca a operação de mira do I do domínio associado a Y. Y é representado como um objeto intencional, ou seja, como uma propriedade modal (teleonomia¹⁵¹). Y funciona como um atrator de X.

Proponho como representação de (i), (ii) e (iii), respectivamente, os diagramas (26), (27) e (28):

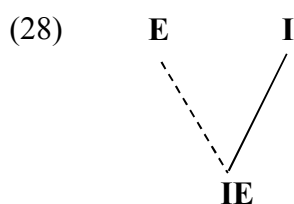
(26)



(27)



¹⁵¹ “The modal property is what I personally call **téléonomique** or “goal directed”, which means that one has fixed for oneself a purpose which one has evaluated as “good” and therefore considers the space $T_0 \rightarrow T_x$ as “to be completed”.” (Culioli 1994: 25)



Admitindo que a FE do VD *ir* pode ser definida como «a Trajetória de uma entidade móvel *a* orientada para um limite final», consideraremos que os termos X e Y fazem parte da estrutura argumental do V. O termo X identificar-se-á com a Figura ou entidade sujeita à Trajetória e o termo Y com «o limite final» – SN à direita de P.

Portanto, estamos na presença do nível de imbricação máximo referido por Paillard (2002: 56), de acordo com o qual os termos colocados em relação pela preposição – X e Y – são também termos da FE do V, o que corresponde à configuração de tipo B.

Nos casos em apreço, as diferenças de sentido intuídas pelos falantes explicam-se em função das zonas do domínio associado a Y e colocadas em evidência pelo enunciador. No caso da preposição *a*, o que está em evidência é a passagem de F e a localização de X em Y. No que respeita à preposição *até* (*a*), e a par das operações anteriormente descritas, verificamos que o enunciador constrói também o percurso do intervalo de pontos/instantes descrito por X.

Aceitando esta hipótese explicativa, é possível verificar o mesmo comportamento no que diz respeito às preposições *a* e *até* (*a*):

(29)a. O Luís foi *ao* Porto todas as semanas.

b. No Verão passado, a Ana foi *até ao* Porto todas as semanas.

(30)a. O Luís foi *ao* Porto, *mas voltou passados dois anos.

b. (Há uns anos atrás) a Ana foi *até ao* Porto, *mas voltou passados dois anos.

Em ambos os casos, é possível a compatibilidade com a expressão *todas as semanas*, mas não com a adversativa. Por conseguinte, as combinatórias VD+*a*+SN e VD+*até* (*a*)+SN marcam a construção de «uma permanência de X em Y por um período de tempo limitado» - uma ESTADIA. Ou seja, o que claramente parece resultar da

análise dos exemplos (28) e (30) é que o enunciador constrói uma Trajetória com limite final e, cumulativamente, o modo como X é colocado em relação com Y.

No que respeita à preposição *para*, observa-se um comportamento distinto:

(31)a. O Luís vai para o Porto */??todas as semanas

b. O Luís foi *para* o Porto, mas voltou passados dois anos.

Assim, a construção de T₂ como um acontecimento linguístico múltiplo, ou seja, como uma classe de ocorrências de um mesmo acontecimento linguístico, que se repetem um número indeterminado de vezes, é incompatível com o SP *para o Porto*. Por outras palavras, a coocorrência do VD *ir* com o SP cujo núcleo é preenchido pela preposição *para* bloqueia a iteração de intervalos fechados. Contrariamente aos exemplos em (30a) e (30b), observa-se a compatibilidade da sequência VD+*para*+SN com a adversativa, o que parece confirmar «uma permanência de X em Y sem limite temporal» - uma ESTADA.

Em síntese, o último t da classe de instantes construída tem estatutos diferentes, consoante se trate das preposições *a* e *até* (*a*), por um lado, e da preposição *para*, por outro lado. Essa propriedade, associada à estruturação do domínio nocional em zonas, dá origem aos diferentes valores das sequências VD+SP direcional exemplificadas em (18).

5.2.2. Variação e invariância: o caso de *para*

Do ponto de vista teórico, a hipótese acima suscitada, tendo em vista a caracterização da operação invariante associada à preposição *para*, beneficiará se metodologicamente forem considerados outros contextos sintáticos e se se tiver em conta o problema da classificação das unidades lexicais em classes de palavras.¹⁵²

Começar-se-á pelo estudo das relações interproposicionais, deixando para um segundo momento a análise da ocorrência do marcador *para* em contextos nominais e em contextos verbais. No que respeita aos contextos verbais, serão objeto de estudo as combinatórias com verbos estativos e com verbos percetivos.

Considerando os exemplos seguintes:

¹⁵² Por exemplo, em Campos (1997: 123-134), descartando a hipótese da existência de uma homonímia de marcadores, demonstra-se a existência de uma operação invariante no que respeita aos usos do marcador *até* enquanto advérbio e preposição.

(32) *Para* surdo, ouve muito bem.

(33) *Para* burro, só lhe faltam as orelhas/as penas.

(34) *Para* jockey, ele é grande.

é possível observar um tipo particular de orações consecutivas, nas quais se verifica a anteposição ou topicalização¹⁵³ do segmento q na relação que conecta duas orações (p e q).¹⁵⁴

Para estes enunciados, um falante da língua poderá propor as seguintes glosas: (i) «digo que para quem tem a fama de ser surdo/para quem se diz surdo, ele tem uma boa capacidade auditiva» — exemplo (32); (ii) «digo que para que ele seja considerado burro não lhe falta nada» — exemplo (33); (iii) «digo que para jokey, ele tem uma estatura elevada» — exemplo (34).

Tendo em conta a proposta de Fonseca (1994), em (32) a (34), estão presentes as propriedades que permitem caracterizá-los como construções consecutivas. Embora o formato destas consecutivas seja sistematicamente ignorado na literatura ou remetido para uma zona marginal, irei associá-las às consecutivas de tipo III descritas por Fonseca (1994: 133).¹⁵⁵ De acordo com este autor, as consecutivas de tipo III são

¹⁵³ Segundo Fradin e Cadiot (1988: 4), o recurso ao termo **tema** revela-se problemático do ponto de vista terminológico e conceptual. O problema advém, por um lado, da pluralidade de usos a que estão sujeitos os termos **tema** e **tematização**. Sem pretender a exaustão, o termo pode caracterizar fenómenos relacionados com a posição sintática (o nó TOP, em Chomsky, 1986), um papel temático (o tema, em Jackendoff, 1972), um centro psicológico de atenção ou ponto de coerência num enunciado, uma condição de pertinência para a interpretação dos enunciados. Encontramos, por outro lado, para designar o mesmo fenómeno linguístico, uma grande diversidade terminológica: **tópico-comentário**; **tema-remã**; **tópico-foco**, nos quais, o primeiro elemento das relações corresponde ao assunto do texto (o antigo) e o segundo à informação adicional que se acrescenta (o novo). De referir ainda o facto de o fenómeno da tematização ser tratado frequentemente como um dado intuitivo, empírico. Por este motivo, muitos estudos sobre a tematização contentam-se com a apresentação de exemplos supostamente esclarecedores do conceito e ignoram a sua definição do ponto de vista teórico. O recurso a testes como a interrogação e a negação, bem como à paráfrase «a propósito de X» são factos que, em parte, comprovam o estatuto intuitivo do fenómeno.

No quadro da Teoria Formal Enunciativa (cf. Culioli 1982; Bouscaren e Chuquet 1987), a noção de tema é vista como ambígua, dado que confunde operações de níveis diferentes (predicativas e enunciativas). Neste contexto, considera-se pertinente distinguir o termo a partir do qual se organiza a relação predicativa – **termo de partida** ou **localizador predicativo** – e o termo que constitui o domínio organizador do enunciado, aquele que representa a localização situacional – o **localizador constitutivo**. Estes termos podem coincidir num enunciado, mas não é forçoso que assim seja.

¹⁵⁴ Em Fonseca (1994), utiliza-se a notação p e p'. Para que esta não se confunda com a notação da noção p, p', no quadro da TOPE, opto por representar os dois segmentos das orações consecutivas através das letras p e q.

¹⁵⁵ Em Fonseca (1994: 133), são distinguidos dois outros tipos de consecutivas: (i) tipo I – orientadas para p (visam o encarecimento de p). Exprimem a causalidade *de re* (do enunciado): *A mesa é tão larga que não cabe na sala*; (ii) tipo II – orientadas para q. Corresponde ao ato ilocutório principal, isto é, ao

atualizadas em p pelos quantificadores *suficiente, suficientemente, o suficiente, o bastante, demasiado* e *de mais*. O segmento q é introduzido por *para* ou *para que*. Estas consecutivas caracterizam-se pela orientação discursiva para q. Expressam uma causalidade *de dicto*, podendo ser exemplificadas por:

(35) O Zé é suficientemente inteligente *para* resolver esse problema.

De acordo ainda com o mesmo autor, a inserção das consecutivas num enunciado obedece às seguintes propriedades:

- (i) processo de integração de duas orações (p e q), operado por um morfema descontínuo (tão/tanto...que) (*id., ibid., 134*);
- (ii) forte solidariedade ou interdependência sintagmática entre p e q (*id., ibid., 135*);
- (iii) o primeiro membro do morfema descontínuo apresenta-se como um quantificador – no estado de coisas definido em p estabelece uma ordem de grandeza orientada para a intensificação (*id., ibid., 135*);
- (iv) a correlação causa-consequência conecta p e q, podendo ser vista em termos de implicação arrastada por p (*id., ibid., 135*).

De referir ainda que o autor apresenta como formato típico das consecutivas a sequência p, q. A anteposição de q ao segmento p (consecutivas invertidas) é referida por Fonseca (1994: 155, 171), considerando, no entanto, que se trata de um formato marginal.

Porém, nos exemplos em estudo verifica-se justamente que a anteposição e topicalização de q surge como o formato mais natural. Na verdade, e como podemos observar de seguida a posposição de q dá origem a sequências estranhas, a não ser que se efetue uma pausa, dando lugar à intervenção de marcadores prosódicos:

(36)?Ouve muito bem *para* surdo.

(37)?Só lhe faltam as penas *para* burro.

(38)?Ele é grande *para* jockey.

Regressando aos exemplos em estudo, podemos verificar que para marcar um limiar (grau de suficiência) ou a ultrapassagem do grau de suficiência é possível

objetivo comunicativo visado pelo “locutor”. Expressam a causalidade *de dicto* (da enunciação): *Está tanto frio que não devias sair de casa*;

recorrer a marcadores descritos na literatura, como, por exemplo, *demasiado*, *de mais*, *bastante*:

(39) *Para* surdo, ouve demasiado bem/bem de mais.

(40) *Para* burro, umas orelhas são o bastante.

(41) *Para* jockey, ele é demasiado grande/grande de mais.

Nos casos em estudo, verifica-se a redução do segmento frásico q, dado que este pode ser realizado pela sequência *para*+SN. Nestes casos Fonseca (1994: 179) fala em “economia do predicado”. No entanto, e como podemos verificar pelo conjunto de exemplos seguinte, a inserção do verbo *ser* no segmento q nem sempre dá origem a sequências agramaticais:

(42) **Para* ser surdo, ouve muito bem.

(43) *Para* ser burro, só lhe faltam as orelhas.

(44) *Para* (poder) ser jockey, ele é grande.

Estas soluções parecem, no entanto, recortar uma interpretação de finalidade, o que explica a agramaticalidade de (42).

Aliás, deverá referir-se que as sequências *para*+SN, em (32), (33) e (34) são frequentemente consideradas como ambíguas, podendo ser analisadas como concessivas pelo valor de contraexpectativa marcado – (32) e (34) – ou como finais – (33) e (34).

Sistematizando a proposta de análise das orações consecutivas que integram a conjunção *para*, defender-se-á a seguinte hipótese explicativa:

- (i) a sequência q corresponde a R (*para*) Y;
- (ii) nas sequências em que se verifica anteposição de RY, X identifica-se com a totalidade da relação predicativa subjacente a p (Franckel & Paillard 1999);
- (iii) a conjunção *para* associa Y a um domínio estruturado. É construída a operação de mira, através da qual o enunciador considera as propriedades definitórias da noção (I), efetuando um percurso qualitativo dessas propriedades;
- (iv) X categoriza Y, atribuindo-lhe propriedades não definitórias.

Reanalizando o exemplo em (32), defendo que, com o tópico *para surdo* (RY), o enunciador define o quadro de predicação. De facto, a topicalização permite visar as propriedades definitórias da noção <() ser surdo>. Com X (identificado com o segmento p), é construída a inversão do gradiente e a ocorrência subjacente à relação predicativa é situada em E. Ou seja, o enunciador só se irá identificar em relação a Y para melhor poder descartar a propriedade que lhe está subjacente e sair para E (X = p). Deste modo, o enunciador constrói uma alteridade centrada em X.

No que respeita ao tipo de consecutiva, teremos o tipo III proposto por Fonseca, com **ultrapassagem da grandeza suficiente** e o valor de contraexpectativa.

É, assim, possível propor a glosa já apresentada e aqui retomada: «digo que para quem tem a fama de ser surdo/para quem se diz surdo, ele tem uma boa capacidade auditiva».

Em (33), com o tópico *para burro* (RY), o enunciador visa as propriedades da noção – <() ser burro> (=ser desprovido de inteligência). Com o termo X (*só lhe faltam as orelhas/as penas*), identificado com o segmento p da consecutiva, define um limiar a partir do qual uma determinada entidade poderá ser considerada como sendo verdadeiramente “burra” – ou a ocorrência é construída como não tendo uma das propriedades definitórias (“orelhas de burro”), afastando-se do centro organizador e situando-se junto da F do E, ou é construída como não tendo uma propriedade que corresponde ao complementar linguístico de /burro/ (as penas) e é situada em E. Através do recurso ao jogo entre homónimos (*burro*-animal/*burro*-desprovido de inteligência), é possível a emergência do recurso retórico da ironia, ou seja, «digo que para que ele seja considerado burro não lhe falta nada».

Deste modo, a alteridade é centrada em X. O enunciador simula que se descarta de Y, escolhendo X.

Por conseguinte, teremos neste caso e mais uma vez consecutivas do tipo III, embora a modalidade se distinga do exemplo anterior – (32) –, correspondendo à marcação do **grau de suficiência** e não da ultrapassagem da grandeza suficiente.

Por fim, em (34), o enunciador, com o segmento q *para jockey* (RY), visa o I da noção /jockey/. O termo X categoriza Y, atribuindo-lhe uma propriedade não definitiva <() ser grande>. Nos demais aspetos, a análise proposta é a mesma que foi enunciada para o exemplo (32).

De acordo com Fonseca (1994: 189), e ainda em relação a este tipo de consecutivas, podemos verificar que o segmento q também pode realizar-se através de uma interrogativa retórica:

(45) *Para* o que tu estudaste, como é que conseguiste não chumbar?

(46) – O que estará acolá no centeio, *para* o cão ladrar assim? — perguntou Daniel, já sem pinta de sangue. (Júlio Dinis, *As Pupilas do Senhor Reitor*)

Os exemplos em análise parecem recortar a interpretação que está associada ao valor de expectativa (Fonseca 1994: 190). Assim, é possível considerar as seguintes manipulações como enunciados semanticamente equivalentes destes apresentados em (46), por exemplo:

(47)a. *Para* o cão ladrar assim, o que estará acolá no centeio?

b. *Para* o cão ladrar assim, alguma coisa estará acolá no centeio.

Os dados reunidos sobre o uso interproposicional de *para*, com o estatuto de conjunção, sugerem inequivocamente a hipótese de que os termos lexicais são construídos e não dados de uma vez por todas enquanto primitivos semânticos (definidos através de uma combinatoria de semas ou através de características/propriedades).

Para validar esta hipótese, importa juntar à descrição do marcador *para* em coocorrência com VVD e VVMM e em contextos interproposicionais o estudo de outros contextos.

Em primeiro lugar, propõe-se a observação de contextos que envolvem fundamentalmente a «experiência de ver» (*volver os olhos, desviar os olhos, relancear o olhar*, etc.) e a ideia de «ponto de observação». Ou seja, propõe-se a manipulação de sequências em que ocorram **verbos percetivos** e **verbos de porção de movimento** (Bonami 1999:186).

Observemos pois os exemplos a estudar:

(48) A Ana olhou *para* o Gil.

(49) A Ana voltou-se *para* o Gil.

(50) A Ana desviou os olhos *para* o chão.

Nos exemplos acima – (48) a (50) –, poder-se-á falar em direcionalidade ou orientação a propósito da preposição, mas não da definição de uma Trajetória descrita por uma entidade e orientada para um ponto último. Como vimos no capítulo 4., esse é o resultado da construção que faz interagir a forma esquemática do verbo com a forma esquemática da preposição.

Nos exemplos em estudo, o SN à direita da preposição *para* – *o Gil*, em (48) e (49) e *o chão*, em (50) – surge associado a um valor teleonómico, ou seja, é constituído como objeto intencional. As expressões *o Gil* e *o chão* identificam-se com Y. Nas relações predicativas complexas subjacentes a (48) – notação $\langle A R \langle ()_x r y \rangle \rangle$ – e a (49) e (50) – notação $\langle A R B \langle ()_x r y \rangle \rangle$ –, o termo Y delimita qualitativamente uma ocorrência no interior da classe de ocorrências possíveis associada às relações predicativas $\langle \text{olhar, Ana} \langle \text{para } y \rangle$, $\langle \text{voltar-se, Ana,} \langle \text{para } y \rangle \rangle$ e $\langle \text{desviar, Ana, olhos} \langle \text{para } y \rangle \rangle$.

Deste modo, é construída uma operação de mira, através da qual o termo Y funciona como atrator de X. Trata-se, pois, de um localizador subjetivo – situado em relação ao parâmetro enunciativo S. De entre a classe de ocorrências possíveis – entre a OC_m e a OC_n existe um espaço em que é possível considerar diferentes ocorrências da noção complexa associada à relação predicativa¹⁵⁶ (por exemplo, *olhar para o Gil*, *olhar para a Ana*, *olhar para os rapazes*, *olhar para as raparigas*, *olhar para o chão*, *olhar para_n* – o enunciador distingue uma.

No que respeita ao termo X, verifica-se uma vez mais que este possui uma identidade variável. Em (48) e (49), corresponde às relações predicativas simples $\langle \text{Ana olhar } ()_b \rangle$ e $\langle \text{Ana voltar-se} \rangle$ – identificam-se com o grupo predicativo $C_0\text{-P}$, em (48), e com $C_0\text{-P-C}_1$, em (49). Em (50), o termo X identifica-se com um dos termos da relação predicativa – os olhos –, correspondendo a C_1 . Este é, aliás, um dos casos em que Gawron (1986) e Bonami (1999) atribuem à preposição um estatuto de copredicador, na medida em que o verbo e a preposição partilham um argumento (*os olhos*).

¹⁵⁶ A notação OC representa a noção «ocorrência».

Outro contexto interessante a considerar diz respeito à possibilidade de coocorrência da preposição *para* com verbos estativos, como é possível comprovar com os exemplos seguintes:

(51) O velho Francisco Bragadas, que era agora caseiro da enjeitada que encontrou no rio, contou-lhe que a moleira da Trofa, viúva de um soldado que estava lá *para* as Ilhas com o irmão do Sr. D. Miguel, morrera de cambras deixando dois filhos pequenos, que não tinham migalha de pão.
CCLP (Camilo Castelo Branco, *Maria Moisés*, p. 42)

(52) A – Onde está a Ana?

B – Sei lá! Está *para* o jardim/aí.

Como podemos verificar em (51) e (52), a interpretação de movimento (Trajetória orientada para um limite final – *goal of motion*) é impossível, dada a coocorrência da preposição com o verbo estativo. A única interpretação possível neste contexto é a da localização (*located motion*).

Porém, a resposta a (52 A) permite pôr em evidência que o enunciador não se limita a construir uma localização espacial. Na verdade, este constrói paralelamente um valor de distanciamento em relação à validação da relação predicativa <Ana, estar <para jardim>, o que pode ser comprovado pelo contraste observado no exemplo seguinte:

- (53) a. Tenho a certeza de que na semana passada a Ana esteve **para* o Porto.
b. Tenho a certeza de que na semana passada a Ana esteve *no* Porto.

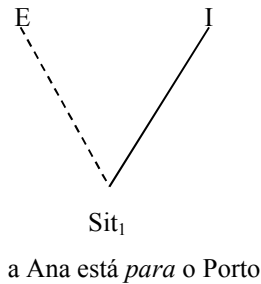
Por conseguinte, a coocorrência da preposição *para* com o verbo *estar* marca a construção de um valor modal assertivo: o enunciador distancia-se em relação à validação do estado de coisas associado à relação predicativa, não podendo (*Sei lá!*) ou não querendo assumir a validação de <r>. No exemplo (51), o discurso do narrador inclui justamente a referência a uma outra fonte enunciativa – *O velho Francisco Bragadas* – a quem é atribuída a responsabilidade pelos factos narrados – *contou-lhe que*. Neste contexto, o narrador irá construir uma distância em relação à validação da relação predicativa subjacente à sequência *um soldado que estava lá para as Ilhas*. Ou para ser mais rigoroso, à validação do termo Y (as *Ilhas*) introduzido pela preposição.

Deste modo, o valor modal acima descrito é ativado pela construção *estar para* com valor locativo. A preposição irá marcar a operação invariante de mira já descrita

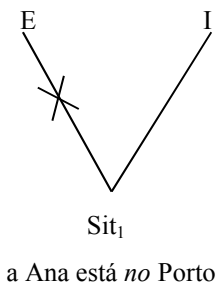
noutros contextos. Situando-se em IE¹⁵⁷ (fora do domínio nocional), o enunciador distingue como valor preponderante o caminho para I, não bloqueando, no entanto, o caminho alternativo para E.

Esta hipótese explicativa permite representar o contraste observado em (53a) e (53b):

(54)



(55)



A descrição proposta do marcador *para* mantém a sua operacionalidade também nas combinatórias com auxiliares aspetuais como *estar* e *ficar*. Começemos por considerar exemplos do tipo *estar para chegar*:

(56) O Luís está *para* chegar de Madrid.

Neste caso, o enunciador visa o interior do domínio complexo associado a <Luís chegar <de Madrid>>, mas prefere não escolher qualquer ocorrência da classe de ocorrências abstratas, mantendo-se em IE. O caminho para o interior do domínio é

¹⁵⁷ A construção de uma ocorrência implica obrigatoriamente a sua localização em relação a uma zona do domínio. Na localização de uma ocorrência, o sujeito enunciador pode seleccionar uma zona e eliminar as restantes ou pode fazer corresponder à ocorrência uma posição exterior ao domínio (IE). A notação IE deve ler-se “E reforçado”. Este exterior representado por “E” não deve confundir-se com a zona exterior do domínio nocional.

assumido como preponderante, o que está na origem da interpretação da «iminência da chegada do Luís».¹⁵⁸

Com o verbo *ficar*, é possível construir a expectativa de validação da relação predicativa¹⁵⁹:

(57) O capítulo 2. ficou para reler no dia seguinte.

Em (57), o enunciador visa o interior do domínio correspondente à relação predicativa <()_a reler capítulo>, não bloqueia o caminho para E, permanecendo em IE. Uma vez mais, a preposição *para* irá marcar a preponderância de I.

O uso predicativo destes verbos (*estar* e *ficar*) em coocorrência com SP introduzidos pela preposição *para* também é possível, como podemos observar nos exemplos seguintes:

(58) O anúncio da publicação do novo livro do Mário de Carvalho está *para* breve.

(59) A leitura do novo romance de Mário de Carvalho ficou *para* o dia seguinte.

(60) A Ana ficou *para* tia.

Em contextos nominais do tipo $N_1 + \textit{para} + N_2$, podemos encontrar os valores tradicionalmente descritos como espaciais, temporais e nocionais, como é possível verificar nos exemplos seguintes¹⁶⁰:

(61) a. a saída *para* Espanha

b. a ida *para* Espanha

c. a vinda *para* Espanha

d. a partida *para* Espanha

(62) a caminhada *para* a praia

(63) a estrada *para* sudoeste

(64) a. as bases *para* um futuro sustentável

b. ponte *para* o futuro

¹⁵⁸ Recorrendo à preposição *por* em *o trabalho está por fazer*, o enunciador opta pelo caminho para E, situando a ocorrência em E.

¹⁵⁹ Sobre os valores semânticos de *ficar* em português europeu, veja-se Correia (2010).

¹⁶⁰ Neste trabalho, não procedo ao estudo das operações de determinação nominal subjacentes a N_2 . Evidentemente, não excludo a eventual produtividade de um estudo que incida sobre as possibilidades combinatórias das noções que instanciam N_2 com o determinante \emptyset , com artigos definidos ou indefinidos ou ainda com modificadores.

- (65)a. um paraíso *para* milionários
- b. informática *para* totós
- c. concerto *para* violino e orquestra
- d. percursos *para* peões
- e. coleiras *para* cães

De facto, nos exemplos acima, é possível observar a ocorrência dos valores espaciais nos exemplos (61) e (62), em que estão presentes nominalizações deverbais de VVD e de VVMM. Em (63), também é construído um valor espacial, com marcação de uma orientação ou direcionalidade, embora de natureza diferente do dos exemplos anteriores, como irei demonstrar.

Em (64), estão exemplificados os valores temporais e, em (65), os valores nocionais.

Começando pela análise dos exemplos em (61) e (62), é possível observar que estes conservam as propriedades associadas aos predicadores verbais. Efetivamente, também em contextos nominais é construída uma Trajetória marcada por N_1 (*saída, ida, vinda, partida, caminhada*). Os pontos correspondentes a esta Trajetória são percorridos pela Figura, a qual é localizada no último ponto visado – *Espanha*, em (61), e *a praia*, em (62).

Nestes contextos, a Figura (entidade *a*) poderá ter realização lexical ou não, como é possível verificar comparando os exemplos seguintes com os apresentados em (61) e (62):

- (66)a. a saída da Ana *para* Espanha
- b. a ida da Ana *para* Espanha
- c. a vinda da Ana *para* Espanha
- d. a partida da Ana *para* Espanha

(67)a caminhada da Ana *para* a praia

À semelhança do que observáramos a propósito da descrição das combinatórias VVD+*para*+SN e VVMM+*para*+SN, os dados empíricos permitem sustentar que o termo X – *a Ana*, no caso de este ser realizado lexicalmente – percorre todos os pontos de Trajetória, orientando-se para um último ponto – *Espanha* e *a praia*. A estabilidade

da ocorrência do domínio complexo subjacente a $N_1+para+N_2$ é garantida pela localização de X no último ponto da Trajetória (identificado com Y).

Por conseguinte, Y é avaliado pelo enunciador como possuindo a propriedade modal a que se dá o nome de teleonomia¹⁶¹. Poderá ainda concluir-se que, nestes casos, o termo Y associa a Trajetória a uma fronteira temporal, delimitando-a.

De referir ainda que, ao contrário do que observaremos noutros casos, em que a expressão $N_1+para+N_2$ tem uma interpretação figurada ou nocional, não é possível nos contextos em estudo a coordenação do termo instanciado em Y:

- (68)a. a saída da Ana *para* *Espanha e para a Dinamarca
- b. a ida da Ana *para* *Espanha e para a Dinamarca
- c. a vinda da Ana *para* *Espanha e para a Dinamarca
- d. a partida da Ana *para** Espanha e para a Dinamarca

- (69)a caminhada da Ana *para* *a praia e para a marina

A instabilidade das ocorrências explicar-se-á pela coexistência de fronteiras distintas que correspondem temporalmente a um mesmo instante. Para que X possa ser situado em relação a Y, o interior do domínio visado pelo enunciador, apenas deve ser constituído um domínio nocional.

A proposta de análise dos exemplos em (61) e (62) não é aplicável, no entanto, ao exemplo em (63), apesar do valor espacial de direcionalidade ou orientação que lhe está associado. De facto, a ocorrência de nomes com propriedades eventivas, em (61) e (62), preenchendo a posição de N_1 , permite a construção de Trajetórias, o que não sucede em (63).

Observando este e os exemplos seguintes – (64) e (65) –, e independentemente dos valores empíricos que lhes possamos atribuir, em todos eles é possível identificar a atribuição de uma propriedade diferencial. Por conseguinte, o termo Y – identificado com N_2 – marca uma operação de especificação. Deste modo, situa a ocorrência subjacente ao SN $N_1+para+N_2$ numa relação de alteridade qualitativa em relação às demais ocorrências da classe de ocorrências abstratas marcada por N_1 .

¹⁶¹ Cf. secção 5.2.1. do presente trabalho.

Em (63), (64) e (65), a operação invariante marcada pela preposição *para* corresponde a uma propriedade teleonómica, visada e avaliada pelo enunciador. O termo X identifica-se com a noção que instancia a posição de N_1 .

Sintetizando, e tendo em vista a exemplificação de uma heurística das preposições, foi possível observar neste subcapítulo o funcionamento do marcador *para* em contexto interproposicional – usos conjuncionais de *para* –, em contexto intraproposicional – usos preposicionais em combinatórias com VVD, com VVMM e também com verbos copulativos – e, finalmente, em contexto nominal – usos preposicionais em expressões nominais com a estrutura $N_1+para+N_2$.

Os contextos estudados foram sensíveis ao jogo entre a invariância e a variação. Neste sentido, foi possível distinguir os diferentes valores despoletados pelas construções imbricadas dos valores associados à preposição ou conjunção. No que respeita aos contextos interproposicionais e intraproposicionais, postulou-se a hipótese da marcação de uma operação de mira. No que respeita aos contextos nominais, a descrição foi sensível a ocorrências em que a operação de mira também é marcada pela preposição – o caso das nominalizações *saída, ida, vinda, partida, caminhada*, por exemplo – e ocorrências em que a operação abstrata de localização corresponde a uma delimitação ou diferenciação qualitativa, identificando-se com a operação de especificação. Deste ponto de vista, o termo Y associa X a uma propriedade modal – teleonomia.

A descrição do marcador *para* permitiu comprovar a natureza variável da identidade de X. Assim, se o termo Y não suscita quaisquer problemas de identificação, correspondendo ao SN à direita da conjunção/preposição, já no que respeita ao termo X o mesmo não sucede. Como foi possível observar, na relação X R Y ativada pela pelo marcador *para*, o termo X pode ocorrer com realização lexical ou não. Sistematizando, é possível observar os seguintes casos:

- (i) X identifica-se com a relação predicativa <r> subjacente a p – contextos interproposicionais (construções consecutivas);
- (ii) X identifica-se ou com a relação predicativa <r> – combinatória com verbos percetivos, por exemplo – ou com um dos termos da relação predicativa (C_1) – C_1 ocorre como argumento partilhado pelo verbo e

pela preposição, como sucede no caso de alguns verbos de porção de movimento – contextos intraproposicionais;

(iii) X identifica-se com C_0 , como sucede, por exemplo, na combinatória de verbos copulativos/estativos com o SP introduzido por *para* – contextos intraproposicionais.

(iv) Por fim, X identifica-se com o termo instanciado em N_1 , na estrutura $N_1+para+N_2$ – contextos nominais.

Embora em contextos interproposicionais, intraproposicionais e também em alguns contextos nominais específicos¹⁶² o marcador *para* pareça comportar-se preferencialmente como preposição do tipo divisão, em certos contextos nominais a preposição parece adquirir um funcionamento típico do tipo discernimento, associando uma propriedade diferencial a X. Este funcionamento da preposição *para* poderá legitimar a existência de preposições de estatuto híbrido, podendo pertencer simultaneamente ao tipo divisão e discernimento.

¹⁶² É o caso das expressões nominais em que o N mais alto é preenchido por nominalizações deverbais de VVD e VVMM.

6. Conclusões finais

Apesar da incidência numa problemática frequentemente associada ao primado do espacial (valores espaciais das preposições), este trabalho de investigação favorece uma abordagem diferente, permitindo o alargamento de uma análise estritamente localizada nas formas ao estudo das características das construções, suportadas por categorias gramaticais (como o tempo e o aspeto), regra geral ancoradas descritivamente ao domínio verbal.

Nesta dissertação, não discuto a tese do valor prototípico das preposições. Não contrário nem defendo a hipótese de derivação dos valores temporais e abstratos ou figurados a partir de valores espaciais. Procuro explorar um caminho alternativo, tratando as ocorrências como ocorrências linguísticas. Tendo por referência a localização de ocorrências em relação ao domínio nocional, proponho o estudo das preposições *a*, *até* e *para* como preposições de tipo divisão: associam X a uma determinada zona do domínio (Y como termo localizador).

Tendo em conta a perspetiva teórica assumida, considero que a etiquetagem de um item como marcador de valor espacial, temporal ou figurado empobrece a descrição dos marcadores linguísticos. A heterogeneidade dos valores dos valores associados às preposições *a*, *até* e *para* pode ser tratada de outra forma, tendo em conta a problemática da construção de ocorrências, através da operação de localização $\underline{\in}$ de X em relação a Y.

Ao proceder à revisão da literatura sobre os critérios que permitem definir o conceito de preposição (cf. capítulo 2.), nesta dissertação assume-se o estatuto relacional das preposições. Esta hipótese teórica articula-se com a ideia defendida por Franckel & Paillard (1997, 2007) de que as preposições trabalham a identidade de um dos termos da relação X R Y.

Outra das linhas de orientação que deve ser realçada é a hipótese do estatuto híbrido das preposições, postulando-se o seu funcionamento como marcadores de noções lexicais e gramaticais. Esta hipótese assenta nos trabalhos de Culioli (1971) e de Hopper & Traugott (1993), e.o..

As duas hipóteses assumidas permitirão tratar, nos capítulos seguintes, a deformabilidade das formas empíricas (e das suas propriedades distribucionais). Através

das transformações a que serão sujeitas, será possível associar por construção aos marcadores em estudo – as preposições *a*, *até* e *para* – uma configuração abstrata ou forma esquemática que permita descrever e explicar o jogo que se estabelece entre a variação e a invariância.

No âmbito da revisão da literatura sobre os efeitos aspetuais dos SP direcionais levada a cabo no capítulo 3., propôs-se uma classificação dos verbos de movimento. Na sequência de Morimoto (2001), e. o., optou-se pela distinção entre VVD e VVMM. Este estudo dá preferência a generalizações que permitem constituir, de acordo com propriedades semânticas, classes de verbos constituídas por um número significativo de unidades lexicais.

Na sequência de Jackendoff (1996), e. o., são descritas as funções semânticas associadas ao evento de movimento e impacto aspetual dos SP locativo-direcionais. De acordo com Dowty (1991), Krifka (1992), Polard & Sag (1987, 1994) e Filip (1999), considera-se que o verbo e o SP direcional impõem restrições semânticas mútuas, as quais contribuem para a interpretação de *directed motion* do enunciado.

A análise proposta no capítulo 4. permitiu demonstrar que os SP direcionais introduzidos pelas preposições em estudo produzem efeitos variáveis em termos de transicionalidade aspetual.

Assim, e no que respeita à combinatória das construções VVD+SP direcional com o PPS, verifica-se a manutenção do tipo de eventualidade tipicamente associada ao verbo. Nestes casos, e embora não sejam previsíveis as combinações com as preposições *a*, *até* (*a*) e *para*, as Situações denotadas são sempre interpretadas como télicas e [+ft] e as Trajetórias que lhes estão associadas caracterizam-se pela propriedade [+del].

Podemos ilustrar estas conclusões recorrendo a verbos tipicamente interpretados como culminações (por exemplo, *sair* ou *chegar*) e como processos culminados (por exemplo, *ir*):

- (1) O Luís saiu *para* a rua.
- (2) O Luís chegou *a* casa.
- (3) a. O Luís foi *a* casa da avó.
b. O Luís foi *até* à casa da avó.

c. O Luís foi *para* casa da avó.

O estudo dos VVMM, tipicamente interpretados como processos, em coocorrência com SP direcionais cujo núcleo é preenchido pelas preposições *até* (*a*) e *para*, permitiu observar a ocorrência de efeitos de transicionalidade aspetual. Assim, nos contextos em que as construções VVMM+SP direcional são combinadas com o PPS, podem ser comprovados os seguintes efeitos:

- (i) preposição *até* (*a*): permite a construção de eventualidades do tipo processo culminado – situação interpretada como télica e [+ft] com Trajetória [+del];
- (ii) preposição *para*: permite a construção de eventualidades do tipo processo culminado ou processo – situação interpretada como télica e [±ft] com Trajetória [±del].

As conclusões acima enunciadas podem ser exemplificadas através do recurso ao verbo *empurrar*, tipicamente interpretado como processo:

- (4) a. *O Luís empurrou o carro em dez minutos.
b. O Luís empurrou o carro durante dez minutos.
- (5) a. O Luís empurrou o carro *até à* garagem em dez minutos.
b. O Luís empurrou o carro *até à* garagem *durante dez minutos.
- (6) a. O Luís empurrou o carro *para* garagem em dez minutos.
b. O Luís empurrou o carro *para* garagem durante dez minutos.
- (7) a. O Luís empurrou o carro *para* (em direção a) a garagem, mas desistiu antes de lá chegar.
b. *O Luís empurrou o carro *para até à* garagem, mas desistiu antes de lá chegar.

A combinatória das construções VVD+SP direcional e VVMM+SP direcional com tempos verbais diferentes do PPS permitiu observar a existência de comutações no interior da rede aspetual. Estas comutações, no entanto, resultam da coocorrência daquelas construções com marcadores suplementares como é o caso dos tempos verbais, de adverbiais temporais e de orações temporais introduzidas por *quando*, por exemplo. Nos diferentes casos, os efeitos em termos de transicionalidade aspetual não são sensíveis à preposição seleccionada, o que parece reforçar a ideia, defendida no quadro

da TOPE, de que o padrão das construções de tipo *directed motion* é de natureza frásica ou enunciativa, e não lexical.

No capítulo 5., as preposições são tratadas como operadores relacionais. Nesta perspectiva, ao participarem em relações dinâmicas, as preposições marcam a construção de domínios nos quais os enunciadores-locutores projetam a atividade da linguagem.

Os conceitos de topologia e de domínio nocional desempenham, neste contexto, um papel central, permitindo a reconstrução das operações e cadeias de operações de que as formas empíricas *a*, *até* e *para* são marcadores. Deste modo, e assumindo, simultaneamente, a estabilidade e deformabilidade dos fenómenos linguísticos, foi possível articular as propostas apresentadas no capítulo anterior com o tratamento destas preposições enquanto preposições de tipo divisão.

Seguindo Franckel & Paillard (1997, 2007), a relação marcada pelas preposições de tipo divisão permite um trabalho particular sobre um dos termos da relação $X R(=P) Y$. Deste modo, X é associado ou localizado em relação a um domínio estruturado em zonas (I, E e F).

As diferenças de sentido a que os falantes são sensíveis nas diferentes construções poderão explicar-se pela preponderância de zonas ou zona do domínio nocional associado à construção de ocorrências.

A adoção desta linha de investigação permite articular os conceitos de domínio e de Trajetória. Assim, admite-se a representação de uma Trajetória, percurso dos pontos constitutivos dessa Trajetória pela Figura e localização desta entidade numa dada zona do domínio.

Para representar a configuração abstrata ou forma esquemática de cada uma destas preposições são apresentadas as seguintes hipóteses:

- (8) preposição *a* – marca a operação de passagem da F e localização da Figura no I do domínio nocional associado a Y;
- (9) preposição *até* – marca o percurso de um intervalo de pontos, com passagem da F do interior e localização da Figura no I do domínio associado a Y;
- (10) preposição *para* – marca a operação de mira do I do domínio associado a Y. Y é representado como um objeto intencional, ou seja, como uma propriedade modal (teleonomia). Y funciona como um atrator de X.

A representação diagramática proposta para representar as hipóteses de forma esquemática destas três preposições são as seguintes:

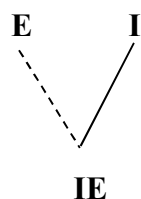
(11) Preposição *a*



(12) Preposição *até*



(13) Preposição *para*



O estudo, em particular, do marcador *para* permite sustentar que a variação – a latitude de coocorrências da forma empírica (contextos verbais e nominais, interproposicionais e intraproposicionais) e pertença do marcador a diferentes classes de palavras – se articula com a invariância. A identidade do termo empírico é construída ou ativada através da relação X R Y, correspondendo à operação invariante de mira.

O estudo desenvolvido no âmbito dos capítulos 4. e 5. Autoriza também a conclusão da identidade variável de X.

Índice remissivo

- Centro atrator, 129, 130, 139, 140, 148
- Boundedness*. *Consulte* fronteira temporal
- Centro organizador, 129
- Classe de ocorrências, 100, 114, 127
- Complementar linguístico, 128
- Construção, 131, 132, 136
- Culminação, 71, 76, 77, 78, 79, 82, 84, 95, 104, 105, 106, 107, 108, 110, 111, 117, 118, 121, 122, 123, 124
- Discernimento, 130, 140
- Divisão, 127, 130, 139, 140
- Domínio nocional, 84, 127, 128, 129
- Exterior, 48, 120, 124, 128, 129
- Especificação, 131, 132, 133
- Fronteira, 128, 129
- Figura, 46, 47, 80, 84, 87, 88, 89, 90, 93, 100, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 119
- Fronteira temporal, 49, 50, 68, 74, 79, 80, 87, 88
- Fundo, 46, 80, 87, 100, 119
- Gradiente, 128, 129
- Interior, 15, 18, 19, 41, 48, 87, 104, 105, 108, 113, 120, 124, 128, 129
- Mira, 139, 140, 145, 148, 149, 154
- Noção, 25, 127, 128, 129
- Noção gramatical, 3, 7, 24, 25, 26, 28, 29, 61, 62, 67, 91, 94, 95, 99
- Orações consecutivas, 143, 145
- Path*. *Consulte* Trajetória
- Preposição incolor, 24
- Preposição plena, 24
- Processo, 26, 27, 37, 55, 62, 71, 76, 79, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 100, 102, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 113, 118, 122, 123, 124, 135, 144, 159
- Processo culminado, 26, 37, 55, 62, 71, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 89, 90, 100, 102, 106, 107, 108, 110, 111, 118, 122, 123, 124
- Relator, 8, 9, 14, 16, 17, 92
- Teleonomia, 140, 153, 154
- Telicidade, 35, 49, 52, 53, 54, 60, 68, 69, 74, 79, 80, 82, 83, 86, 89, 105, 117, 123
- Tema, 51, 53, 54, 58, 59, 60, 61, 62, 80, 82
- Tema Holístico, 61, 80
- Tema Incremental, 60, 61, 62
- Tematização. *Consulte* topicalização
- Teoria localista, 22
- Topicalização, 72, 143, 144, 146
- Topologia, 68, 127
- Trajectoria, 35, 39, 40, 41, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 59, 60, 61, 69, 70, 72, 78, 79, 80, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 100, 101, 102, 106, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 117, 120, 121, 122, 123, 124
- VVD, 39, 40, 41, 42, 44, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 91, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 113, 114, 115, 117, 118, 120, 122, 124
- VVM, 39, 40, 41, 42, 44, 48, 50, 61, 62, 68, 85, 86, 87, 88, 92, 93, 94, 98, 99, 100, 101, 106, 107, 108, 109, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 120

Referências bibliográficas

- Acedo-Matellán, V. & J. Mateu 2010 From satellite-framed Latin to verb-framed Romance: A syntactic approach (ms).
- Arnaud & Lancelot [1660] (1810²) *Grammaire générale et raisonnée de Port-Royal par Arnauld et Lancelot*. Paris: Bossange et Masson, Libraires de S.A.I. de Madame Mère.
- Batoréo, H. 1999 *Expressão do espaço no português europeu. Contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Bechara, E. 1999³⁷ *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna.
- Bennett, D. C. 1975 *Spatial and temporal uses of English Prepositions*. London: Longman.
- Berthonneau A.-M. & Cadiot P. (orgs.) 1991 *Langue Française 91*, Prépositions, représentations, références.
- Berthonneau A.-M. & Cadiot P. (orgs.) 1993 *Lexique 11*, Les prépositions, méthodes d'analyse. Lille: Presses Universitaires de Lille.
- Bonami, O. 1999 *Les constructions du verbe : le cas des groupes prépositionnels argumentaux. Analyse syntaxique, sémantique et lexicale*. Paris VII. Thèse de Doctorat.
- Boons, J.-P. 1987 La notion sémantique de déplacement dans une classification syntaxique des verbes locatifs. In Vandeloise, C. (org.) *Langue Française 76*, 5-40.
- Bouscaren, J. & J. Chuquet 1987 *Grammaire des textes anglais. Guide pour l'analyse linguistique*. Paris: Ophrys.
- Borillo, A. 1998 *L'espace et son expression en français*. Paris: Ophrys.
- Brea, M. 1985 Las preposiciones, del latín a las lenguas románicas. *Verba*, vol.12, Universidade de Santiago de Compostela, 147-182.

- Brøndal, V. [1940] 1950 *Praepositionernes Theori*. Copenhaga. (trad. francesa) *Théorie des prépositions. Introduction à une sémantique rationnelle*. Copenhaga: E. Munksgaard.
- Brunot, F. e C. Bruneau 1933 *Précis de grammaire historique de la langue française*. Paris: Masson.
- Bybee, J. L., R. Perkins & W. Pagliuca, 1994 *The Evolution of grammar: tense, aspect, and modality in the languages of the world*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Bybee, J. (2003) Cognitive Processes in Grammaticalization. In Tomasello, M. (ed.), *The New Psychology of Language. II: Cognitive and Functional Approaches to Language Structure*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 147-197.
- Cadiot, P. 1990 Contrôle anaphorique et prépositions. In Cadiot, P. & A. Zribi-Hertz (orgs.) *Langages* 97, 8-23.
- Cadiot, P. 1997 *Les prépositions abstraites en français*. Paris: Armand Colin.
- Cadiot, P. & A. H. Ibrahim (orgs.) 1999 *Revue de Sémantique et Pragmatique* 6, Approches sémantiques des prépositions. Presses Universitaires d'Orléans.
- Campos, M.H.C. [1984] 1997 Pretérito perfeito simples / pretérito perfeito composto: uma oposição aspectual e temporal. In *Tempo, Aspecto e Modalidade. Estudos de Linguística Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 9-51.
- Campos, M.H.C. 1997 Pour une définition de quelques faux adverbes à partir de la description d'opérations énonciatives sous-jacentes. In *Tempo, Aspecto e Modalidade. Estudos de Linguística Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 123-134.
- Campos, M.H.C. 2002 Questões aspectuais: algumas especificidades do português. In Döll, C. & C. Hundt (eds.) *Ex oriente lux* Frankfurt am Main: Valentia.
- Cervoni, J. 1991 *La préposition. Étude sémantique et pragmatique*. Paris: Editions Duculot.
- Choi-Jonin, I. 2002 Comment définir la préposition *avec*?. In L. Kupferman (org.) *Scolia* 15, La préposition française dans tous ses états-4, Actes du Colloque PREP AN 2000, Univ. De Tel-Aviv, 3-9 septembre 2000. Strasbourg: Université Marc Bloch, 7-20.

- Chomsky, N. 1970 Remarks on Nominalization. In Jacobs, R. A. & Rosenbaum, P (eds.), *Readings in English Transformational Grammar*. Ginn and Company. Waltham, Massachusetts.
- Chomsky, N. 1995 *The Minimalist Program*, Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Correia, C.N. 2010 Sobre os valores de ficar em português europeu. In Brocardo, M. T. & Caetano, M. C. (orgs.) *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies*, 5. Lisboa: Edições Colibri/CLUNL, pp. 153-161.
- Costa, M. L. 1997 *O marcador **tal** enquanto marcador da determinação nominal*. Tese de Mestrado. Lisboa: FCSH, Universidade Nova de Lisboa.
- Costa, M. L. 2004 Valores semânticos das preposições espaciais *a*, *até* e *para* em português europeu. In Trotter, D. (ed.) *Actes du XXIVe Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 57-64.
- Costa, M. L. 2009 Até: uma leitura de Campos. In Brocardo, M.T. (org.) *Cadernos WGT (Work(shops) em Gramática e Texto) – "Ler Campos"*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (CLUNL) - Grupo Gramática & Texto, 19-23.
- Costa, M. L. 2010 A preposição enquanto termo de relação. In Caetano, C. (org.) *Cadernos WGT (Work(shops) em Gramática e Texto) – "Forma & Significado"*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (CLUNL) - Grupo Gramática & Texto, 15-26.
- Cresswell, M.J. 1978 Prepositions and Point of View. *Linguistics and Philosophy* 2, 1-41.
- Culioli, A. [1976] 1990 The concept of notional domain. In *Pour une Linguistique de l'Énonciation*, T.1. Paris: Ophrys, 67-81.
- Culioli, A. [1978a] 1990 Valeurs modales et opérations énonciatives. In *Pour une Linguistique de l'Énonciation*, T.1. Paris: Ophrys, 135-155.
- Culioli, A. [1978b] 1999 Valeurs aspectuelles et opérations énonciatives: l'aoriste. In *Pour une Linguistique de l'Énonciation*, T.2. Paris: Ophrys, 127-143.
- Culioli, A. [1981] 1990 Sur le concept de notion. In *Pour une Linguistique de l'Énonciation*, T.1. Paris: Ophrys, 47-65.

- Culioli, A. 1982 Rôle des représentations métalinguistiques en syntaxe. Collection ERA 642, Université de Paris VII, D.R.L.
- Culioli, A. [1983] 1990, Concept of notional domain. *In Pour une Linguistique de l'Énonciation*, T.1. Paris: Ophrys, 67-81.
- Culioli, A. [1986] 1990 Stabilité et déformabilité en linguistique. *In Pour une Linguistique de l'Énonciation*, T.1. Paris: Ophrys, 127-134.
- Culioli, A. [1987] 1990 Formes schématiques et domaine. *In Pour une Linguistique de l'Énonciation*, T.1. Paris: Ophrys, 115-126.
- Culioli, A. 1990 *Pour une Linguistique de l'Énonciation*, T.1. Paris: Ophrys.
- Culioli, A. [1991] 1999b Structuration d'une notion et typologie lexicale. *In Pour une Linguistique de l'Énonciation*, T.3. Paris: Ophrys, 9-15.
- Culioli, A. [1992] 1999b Un si genti jeune homme ! et autres énoncés. *In Pour une Linguistique de l'Énonciation*, T.3. Paris: Ophrys, 101-111.
- Culioli, A. [1997] 1999 À propos de la notion. *In Pour une Linguistique de l'Énonciation*, T.3. Paris: Ophrys, 17-33.
- Culioli, A. 1999a *Pour une Linguistique de l'Énonciation*, T.2. Paris: Ophrys.
- Culioli, A. 1999b *Pour une Linguistique de l'Énonciation*, T.3. Paris: Ophrys.
- Culioli, A. & J.-J. Franckel 1991 Structuration d'une notion et typologie lexicale. A propos de la distinction dense, discret, compact. *BULAG* 17, 7-12.
- Cunha, C. e L. Cintra [1984] 1986³ *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Cunha, L.F. 2000 Valores temporais das orações com *quando*. *Cadernos de Linguística* 8. Porto: C.L.U.P..
- de Vogüé, S. & D. Paillard 1997 Discernement et division. *Deuxièmes rencontres d'été autour du programme culiolien "Invariants Langagiers" de l'URA 1028* (Samedi, 28 juin), ms..
- Depraetere, I. 1995 On the necessity of distinguishing between (un)boundedness and (a)telicity. *Linguistics and Philosophy* 18(1). Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1-19.

- Desclés, J.-P. 2001 Prépositions spatiales, relateurs et préverbes. *In* Rousseau, A. (org.), *La sémantique des relations*. Lille: Université Charles-de-Gaulle – Lille 3.
- Desclés, J.-P., E. Gwiazdecka & A. Montes-Rendon 2001 Towards invariant meanings of spatial prepositions and preverbs. *ACL-2001 Workshop on Temporal, Spatial Information Processing*, Toulouse, 7 juillet, 17-24.
- Dowty, D. 1977 Toward a semantic analysis of verb aspect and the English 'Imperfective' progressive. *Linguistics and Philosophy* 1, 45-79.
- Dowty, D. 1991 Thematic Proto-Roles and Argument Selection. *Language* 67, 547-619.
- Faits de Langues* 9, 1997 La préposition : une catégorie accessoire? Paris: Ophrys.
- Fernández Lopez, M. 1999 *Las preposiciones en Español. Valores y usos. Construcciones preposicionales*. Salamanca: Ediciones Colegio de España.
- Filip, H. 1999 *Aspect, Eventuality Types and Nominal Reference*. New York & London: Garland Publishing.
- Folli, R. & Ramchand, G. 2003 Prepositions and results in Italian and English an analysis from event decomposition (ms).
- Franckel, J. J. & D. Lebaud 1990, *Les figures du sujet. A propos des verbes de perception, sentiment, connaissance*, Paris: Ophrys.
- Franckel J.-J. & D. Lebaud 1991 Diversité des valeurs et invariance du fonctionnement de en préposition et préverbe. *In* Berthonneau, A.-M. & P. Cadiot (orgs.), *Langue Française* 91, 56-79.
- Franckel, J. J. & D. Paillard 1992 Objet : construction et spécification d'occurrences. *Le Gré des Langues* 4. L'Harmattan, 29-43.
- Franckel, J.-J. & D. Paillard 1997 Prépositions et travail notionnel sur les termes mis en relation. Le cas de *sous* en français. *In* C. Rivière & M.-L. Groussier (orgs.) *La Notion* (Actes du Colloque "La Notion" organisé au 2 et 3 fév. 1996 à l'Institut d'anglais Charles V). Paris: Université Paris 7.
- Franckel, J. J. & D. Paillard 2007 *Grammaire des prépositions. Tome 1*. Paris: Ophrys.
- Gawron, J.-M. 1986, Situations and Prepositions. *Linguistics and Philosophy* 9, 327-382.

- Gross, G. 1996 *Les expressions figées en français. Noms composés et autres locutions*. Paris: Ophrys.
- Gougenheim, G. 1959 Y a-t-il des prépositions vides en Français? *Le Français Moderne*, 1-25.
- Guimier, C. 1981 *Prepositions: An Analytical Bibliography*. Amsterdam: J. Benjamins B.V.
- Grolla, E. 2004 Prepositions, Scales and Telicity: A Case Study. In Vineeta Chand *et al.* (eds.) *WCCFL 23 Proceedings*. Somerville, MA: Cascadilla Press., pp. 293-303.
- Gruber, J. 1965 *Studies in Lexical Relations*. Ph.D dissertation, Cambridge (Mass.) MIT.
- Hagège, C. 1997 La préposition: une catégorie? accessoire? *Faits de Langues* 9, 19-27.
- Heine, B. & T. Kuteva 2002 On the evolution of grammatical forms. In Wray, A. (ed.) *The transition to language*. Oxford: Oxford University Press, 376-397.
- Herskovits, A. 1986 *Language and spatial cognition. An interdisciplinary study of the prepositions in English*. London-New York: Cambridge University Press.
- Hopper, P. J. & E.C. Traugott, [1993] 2003 *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Jackendoff, R. 1972 *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge (Mass.): MIT Press.
- Jackendoff, R. 1976 Toward an Explanatory Semantic Representation. *Linguistic Inquiry* 7, 1, 89-150.
- Jackendoff, R. 1983 *Semantics and Cognition*. Cambridge (Mass.): MIT Press.
- Jackendoff, R. 1990 *Semantic Structures*. Cambridge (Mass.): MIT Press.
- Jackendoff, R. 1996 The Proper Treatment of Measuring Out; Telicity, and Perhaps Even Quantification in English. *Natural Language and Linguistic Theory* 14, 305-354.
- Keizer, E. (2007) The Lexical-Grammatical dichotomy in Funcional Discourse Grammar. *Alfa - Revista de Lingüística* 51/2: *Advances in Functional Discourse Grammar*, 35-56.

- Krifka, M. 1992 Thematic Relations as Links between Nominal Reference and Temporal Constitution. In Sag, I. & A. Szabolcsi (eds.), *Lexical Matters*. Stanford : CSLI Publications, 29-54.
- Lakoff, G. [1987] 1990 *Women, fire and dangerous things. What categories reveal about the mind*. Chicago / London: University of Chicago Press.
- Lakoff, G.; M. Johnson 1980 *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press.
- Lamiroy, B. 1987 Les verbes de mouvement: emplois figures et extensions métaphoriques. *Langue Française* 76, 41-58.
- Lamiroy, B. 1991 *Léxico y gramática del español. Estructuras verbales de espacio y de tiempo*. Barcelona: Anthoropos.
- Lang, E. 1993 The meaning of German projective prepositions: a two-level approach. In Zelinsky-Wibbelt, C., *The Semantics of prepositions: from mental processing to natural language processing*. Berlin: Mouton de Gruyter, 249-291.
- Langacker, R. 1987 *Foundations of cognitive grammar, Vol. I. Theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press.
- Langacker, R. 1991 *Foundations of cognitive grammar, Vol. II. Descriptive Application*. Stanford: Stanford University Press.
- Leal, A. & F. Oliveira 2007 Subtipos de verbos de movimento e classes aspectuais. In Lobo, M. & M. A. Coutinho (orgs.) *Atas do XXIII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri, pp. 287-298.
- Lebaud, D. 1997 Pour et Pourtant. Un même mode de construction d'une relation. *BULAG* n° 22, 155-179.
- Lehmann, C. 2008 A auxiliarização de 'ficar'. Linhas gerais. In Almeida, M. C., B. Sieberg & A. M. Bernardo (eds.), *Questions on language change*. Lisboa: Colibri, pp. 9-26.
- Luque Durán, J. 1973 *Las preposiciones*. Madrid: Sociedad General Española de Librería, S. A.
- Mateus, M.H.M. et alii 2003 *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.

- Miller, G. & P.N. Johnson-Laird 1976 *Language and Perception*. Cambridge (Mass.): Harvard University Press.
- Moens, M. 1987 *Tense, Aspect and Temporal Reference*. Tese de PhD. Universidade de Edimburgo.
- Moens, M. & M. Steedman 1988 “Temporal Ontology and Temporal Reference”. *Computational Linguistics* 14, 15-28.
- Móia, T. 1995 Aspectos da semântica das expressões temporais com *desde* e *até* – questões de aktionsart. In *Actas do X Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri, 341-358.
- Móia, T. 1997 Sintagmas com *Durante* e *Em* como expressões de localização temporal ou de duração. In Castro, I. (ed.) *Actas do XII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Colibri, 227-240.
- Morimoto, Y. 2001 *Los verbos de movimiento*. Madrid: Visor Libros.
- Paillard, D. 1992 Repérage: construction et spécification. In *La théorie d'Antoine Culioli. Ouvertures et incidences*. Paris: Ophrys, 75-88.
- Paillard, D. 2002 Prépositions et rection verbale. In Kupferman, L., E. Katz & M. Asnés, *Travaux de Linguistique* 44, La Préposition (suite). Bruxelles: Duculot, 51-67.
- Pereira, S. 2009 *A semântica do objecto: aspecto e determinação nominal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Polard, C. & I. A. Sag 1987 *An Information-Based Syntax and Semantics. Volume I. Fundamentals*. Center for the Study of Language and Information. Stanford.
- Polard, & Sag 1994 *Head-Driven Phrase Structure Grammar*. Chicago: Chicago University Press and Stanford: CSLI Publications.
- Pottier, B. 1962 *Systématique des éléments de relation*. Paris : Klincksieck.
- Pottier, B. 1992. *Sémantique générale*. Paris : Presses Universitaires de France.
- Pottier, B. 1997 Le cognitif et le linguistique dans l’expressions des relations. In *Faits de Langue* 9, 29-38.
- Rauh, G. (org.) 1991 *Approaches to Prepositions*. Tübingen: Gunter Narr Verlag.

- Said Ali, M., [1921] 1971, *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 7ª ed. Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro: Edições Melhoramentos.
- Sarda, L. 2001 L'expression du déplacement dans la construction transitive directe. In Cordier, F., J. François & B. Victorri, *Syntaxe et Sémantique 2, Sémantique du lexique verbal*. Caen : Presses Universitaires de Caen, 121-137.
- Silva, A. (1999) *A Semântica de Deixar. Uma Contribuição para a Abordagem Cognitiva em Semântica Lexical*. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian.
- Spang-Hansen, E. 1963 *Les prépositions incolores du français moderne*. Copenhaga: G.E.C. Gads Forlag.
- Talmy, L. 1975 Semantics and Syntax of Motion. In Kimball, J.P. (ed.) *Syntax and Semantics, 4*. New York: Academic Press, 181-238.
- Talmy 1978 Figure and ground in complex sentences. In Greenberg, J. (ed.), *Universals of Human Language*, vol. 4. Stanford: Stanford University Press, 625-649.
- Talmy, L. 1985 Lexicalization Patterns Semantic Structure in Lexical Forms. In Shopen, T. (ed.), *Language Typology and Syntactic Description III: Grammatical Categories and the Lexicon*. Cambridge: Cambridge University Press, 57-150.
- Tenny, C. 1994 *Aspectual roles and the syntax-semantics interface*. Dordrecht, Boston, London: Kluwer.
- Tenny, C. 1995a How motion verbs are special: the interface of semantic and pragmatic information in aspectual meanings. *Pragmatics and Cognition* 3(1). John Benjamins, 31-73.
- Tenny, C. (1995b) Modularity in Thematic versus Aspectual Licensing: Paths and Moved Objects in Motion Verbs. *Canadian Journal of Linguistics/Revue Canadienne de linguistique* 40(2), 201-234.
- Tesnière, L. [1959] 1969 *Éléments de Syntaxe Structurale*. Paris : Éditions Klincksiek.
- Vandeloise, C. [1986] 1991 *Spatial prepositions. A case study from French*, Chicago – London: The University of Chicago Press. (traduzido por A. Bosch do francês : *L'espace en français: sémantique des prépositions spatiales*. Paris: Editions du Seuil, 1986).

- Vandeloise, C. 1987, La préposition *à* et le principe d'anticipation. In Vandeloise, C., *Langue Française 76, L'expression du mouvement*, Paris, Larrouse, 77-110.
- Vandeloise, C. (org.) 1993, *Langages 110. La couleur des prépositions*. Larousse.
- Vendler, Z. 1967 *Linguistics in Philosophy*. New York: Cornell University Press.
- Verkuyl, H. 1972 *On the Compositional Nature of the Aspects*. Amsterdam: D. Reidel, Dordrecht.
- Verkuyl, H. 1993 *A Theory of Aspectuality: The Interaction between Temporal and Atemporal Structure*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Verkuyl, H. & J. Zwarts 1992 Time and space in conceptual and logical semantics: the notion of Path. *Linguistics* 30, 483-511.
- Victorri, B. & C. Fuchs 1996 *La polysémie. Construction dynamique du sens*. Paris: Hermès.
- Wartburg, W. & P. Zumthor 1958. *Précis de syntaxe du français contemporain*. Berne: A. Francke.
- Xavier, M. F. 1989 *Argumentos Preposicionados em Construções Verbais. Um Estudo Contrastivo das Preposições a, de, e to, from*. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- Zelinsky-Wibbelt, C. (org.) 1993 *The Semantics of prepositions: from mental processing to natural language processing*, Berlin: Mouton de Gruyter.

Corpus

Rocha, P. & D. Santos 2000 «CETEMPúblico: Um corpus de grandes dimensões de linguagem jornalística portuguesa» in Maria das Graças Volpe Nunes (ed.), *V Encontro para o processamento computacional da língua portuguesa escrita e falada (PROPOR 2000)* (São Paulo, Brasil, 19-22 de Novembro de 2000), São Paulo: ICMC/USP, pp. 131-140. (Disponível em www.linguateca.pt/CETEMPUBLICO/)

Outras fontes (textos literários publicados em versão digital)

Castelo Branco, C. *Maria Moisés*. *

*Editado por Porto Editora & Netc. Coleção Digital Clássicos da Literatura Portuguesa. (www.portoeditora.pt/bdigital/default.asp).

Dicionários consultados

DLPC Academia das Ciências de Lisboa 2001 *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Verbo.

DLP Ferreira, A. G. 1983 *Dicionário de Latim-Português*. Porto: Porto Editora.

DHLP Instituto António Houaiss 2002 *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores.

DELP Machado, J. P. 1990⁶ *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.